

1 o estalo do chão de madeira da minha casa que vem
com o calor do verão
el crujido del piso de madera de mi casa que llega
con el calor del verano
the crackling of the wooden floor in my house that comes
with the summer heat

Leituras Lecturas Reader

3 um estalo que parece um asterisco, bem esparramado
un chasquido que parece un asterisco, bien extendido
a snap that looks like an asterisk, all spread out

4 em um estalar de dedos, você acordará de um sono profundo
en un chasquido de dedos, despertarás de un sueño profundo
in the snap of a finger, you will wake up from a deep sleep

5 num piscar de olhos, tudo se reinicia
en un parpadear de ojos, todo vuelve a empezar
in the blink of an eye, everything restarts

6 o deslizar dos grãos de areia no fundo de uma ampulheta
el deslizar de los granos en el fondo de un reloj de arena
the sliding of grains of sand at the bottom of an hourglass

7 uma televisão fora do ar chiando de madrugada na sala
un televisor sin señal chirriando de madrugada en la sala
an off-air television in the living room squeaking
in the early hours of the morning

8 o som da língua no céu da boca
el sonido de la lengua en el paladar
the sound of the tongue on the roof of the mouth

9 essas pedras que fazem dos penhascos unidades de tempo
esas piedras que hacen de los acantilados unidades de tiempo
those rocks that make cliffs units of time

A Estalo
14 Bienal do Mercosul

Leituras
Lecturas
Reader

1 o estalo do chão de madeira da minha casa que vem com o
calor do verão
el crujido del piso de madera de mi casa que llega con el
calor del verano
the crackling of the wooden floor in my house that
comes with the summer heat

2

3 um estalo que parece um asterisco, bem esparramado
un chasquido que parece un asterisco, bien extendido
a snap that looks like an asterisk, all spread out

4 em um estalar de dedos, você acordará de um sono profundo
en un chasquido de dedos, despertarás
de un sueño profundo
in the snap of a finger, you will wake up
from a deep sleep

5 num piscar de olhos, tudo se reinicia
en un parpadear de ojos, todo vuelve a empezar
in the blink of an eye, everything restarts

6 o deslizar dos grãos de areia no fundo de uma ampulheta
el deslizar de los granos en el fondo de un reloj de arena
the sliding of grains of sand at the bottom
of an hourglass

7 uma televisão fora do ar chiando de madrugada na sala
un televisor sin señal chirriando de madrugada en la sala
an off-air television in the living room squeaking
in the early hours of the morning

8 o som da língua no céu da boca
el sonido de la lengua en el paladar
the sound of the tongue on the roof of the mouth

9 essas pedras que fazem dos penhascos unidades de tempo
esas piedras que hacen de los acantilados unidades
de tiempo
those rocks that make cliffs units of time

10 as marcas do prazer gravadas em uma *playlist*
las marcas de placer grabadas en una *playlist*
the marks of pleasure recorded on a playlist

11 uma solução prodigiosa para um barulhento problema
una solución prodigiosa para un problema ruidoso
a prodigious solution to a noisy problem

12 o dilatar das pupilas
el dilatar de las pupilas
the dilation of the pupils

13 na batida desse som ke você me konkistou
al kompás de ese sonido con el que me conquistaste
in the beat of this sound, you've got me on

14 as luzes se apagam, mas a festa não termina
las luces se apagan, pero la fiesta no termina
the lights go out, but the party doesn't end

15 objetos no espelho podem estar mais próximos do que
parecem
los objetos en el espejo pueden estar más cerca de lo que
parecen
objects in the mirror may be closer than they
appear

16 faísca
chispa
spark

17 passatempo
pasatiempo
pastime

18 a cor que caiu do céu
el color que cayó del cielo
the color that fell from the sky

O código ilegível do oceano

Mithu Sen

Essa é uma obra de arte visual. Dessa forma, nem todos os recursos usados pela artista são traduzíveis ou têm um equivalente direto em português. Portanto, a tradução apresentada aqui funciona como um guia para que falantes de outros idiomas acompanhem o significado do texto — originalmente escrito em inglês — mesmo que nem sempre se respeite sua forma original.

Uma nota de rodapé sobre os dois personagens.

COGNITIVO/A-COLONIZADOR/A pergunta: Quem é você? Você é homem ou mulher? LEITORE DE OCEANO responde: Eu sou sal. Sou onda. Sou a ausência de borda. Ele/a insiste: A linguagem deve saber onde aterrissar. Mas a maré continua mudando. “LEITORE DE OCEANO” é uma presença neutra e “COGNITIVO/A-COLONIZADOR/A” é uma força de gênero (S/He). LEITORE DE OCEANO é uma entidade porosa e fluida — absorvendo, sentindo e metabolizando o mundo sem dominação. Recusa a rigidez do gênero, da nação e da autoridade autoral. Ouve em ondas, lê em marés. Não é ele ou ela, mas aqui. Representa a inteligência líquida que não ocupa, mas compreende. LEITORE DE OCEANO como uma figura especulativa, pós-humana e pós-gênero de empatia e resistência radicais. COGNITIVO/A-COLONIZADOR/A, por outro lado, é agente que fixa, nomeia, disseca e possui conhecimento — aquele que exige que cada ser seja definido, classificado por gênero, posicionado. É aquele/a que mapeia o não marcado, forçando a linguagem em binários, mesmo que eles desmoronem sob seu próprio peso. Isso permite: desconstruir a violência da categorização por meio de um personagem.

8 (Se o oceano for um idioma, um dialeto
em padrão alucinante e uma iTestemunha^I
relutante...)

*LEITORE DE OCEANO e COLONIZADOR/A
COGNITIVO/A

~~~~~  
~~~~~  
~~~~~. ~~~~~  
~~~~~ ~~~~~  
~~~~~  
~~~~~ ~~~~~  
~~ ~~~~~
~~

O~~~~~

oceano~~~~~

não~~~~~

mareja~~~~~

mas~~~~~

oceana~~~~~

..
Mar inalcançável

(que oscila além do)

O respirar não se aventura em alfabetos,
ele zumbe em caniços quebrados e vogais
esquecidas, o respirar é mais antigo que o
silêncio.

E se lermos o céu outra vez?

E se nossa respiração apenas inspirar,
e expirações retornarem como mãos

cegas transformadas em poemas cobertos de
musgo?

...

9

I Um trocadilho: “iWitness/eye witness”, ou
testemunha ocular. A ideia é que o texto tenha sido
escrito por uma inteligência artificial.

Nem todos os oceanos foram feitos para encharcar.
 Alguns se dissolvem na pele de conchas,
 onde as nuvens dessoletam os nomes que perdemos.
 Onde olhos rastreiam a ausência como anfitriões.

...

O oceano não oscila—ele paira à tona.

Mil ecos espiralam no sal,

Hieróglifos líquidos, sílabas não ditas.
 Corais de águas profundas pulsam, scripts mal
 interpretados

E nós...
 Surdos sob o aguaceiro,
 Ouvindo...o que nunca alcança a praia.

...

E se o sal não foi suficiente?
 sentiu o tempo em riachos afogados,

leu o ar em sonhos circulares?

E se tomamos banho de espuma?

linguagens microbianas, ecologias oceânicas.

[Script Híbrido: _Ecosensor_ :: Inraudável²]

>> INPUT: [os olhos]
 >> STATUS: em declínio...
 >> SISTEMAS INTERCONECTADOS: forma de
 vida não-humana [visível]
 > transmitir.sentido
 (dimensão="extra-espectral)
 se ACESSO == negado:
 codificar (molde.sussurrante)
 renderizar (memória_oceano,
 formatar="corrente)

sinal)-> microbial://língua.traçar
 (resposta) = ondulação.em.gosma
 (sintaxe) = coral-dialeto.273x

>> percepção.da.máquina :: reiniciando ...
 > correntes.sensoriais = partidas
 > linguagem = ilegível
 > metadados = código WET³
 [ecologias.oceânicas]:
 falar em estática bioelétrica.
 arquivar em sal e silte.
 declínio em loop até a linguagem

2 "Rau" é um título honorífico indiano.

3 Nome de um estilo de código computacional e
 uma brincadeira com "úmido" em inglês.

A plasticidade da percepção

Andrea M. Gomez

15 de julho,
cerca de quatro bilhões de anos atrás¹

Cara Anna,

Como você sabe, tenho sido consumida pela necessidade de descobrir como articular minhas reflexões sobre caos e forma. Ou, mais precisamente, por que eles se importam tanto um com o outro? Vou explorar o amor deles de cima (não consigo evitar), mas não se preocupe: é só por motivos práticos. Como você também é uma musa, estou curiosa para saber sua opinião.

Atenciosamente,

Andrea

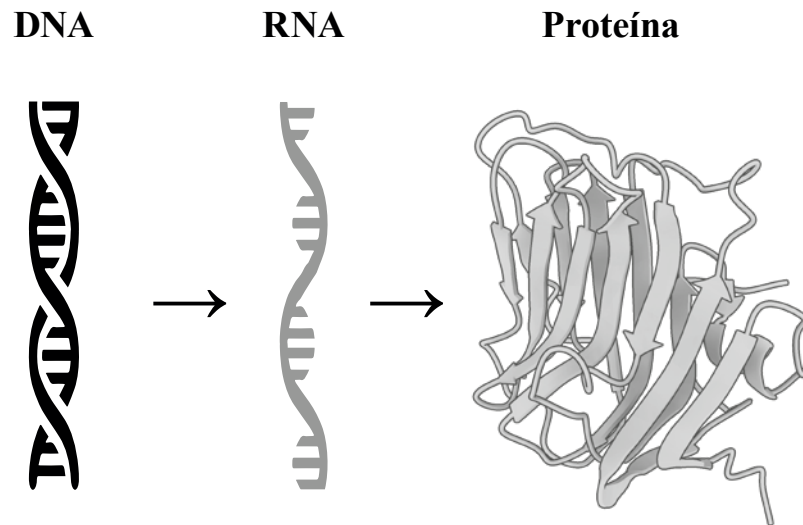
1 Keçar, Betül. (17.2.2025). *The age of our last universal common ancestor* <Comunicação pessoal>.

A plasticidade é a tendência que a vida tem de se transformar sem se quebrar nem desabar em um caos sem sentido. É claro que essa tendência também existe em nosso cérebro, que é feito de unidades interconectadas, interdependentes, mas individuais (neurônios, por exemplo) que processam informações externas indiretamente de dentro da caixa preta do crânio. Ou melhor, ela tenta, da melhor maneira possível, dar sentido às informações externas, desde que as percepções, associações e previsões do cérebro aumentem nossa chance de sobrevivência. Essa tendência do cérebro de mudar a si mesmo, alterando sua estrutura ou sua função, é conhecida como "plasticidade neural". O fato de ela alterar as conexões ou sinapses é conhecido como "plasticidade sináptica". E, em todos os casos, mais uma vez, a plasticidade em um cenário ideal deve trabalhar para garantir nossa sobrevivência. Entretanto, a capacidade do cérebro de mudar a si mesmo gera um paradoxo: *se a plasticidade fosse excessiva, nossas memórias desapareceriam; por outro lado, se a plasticidade fosse rígida demais, não conseguiríamos aprender*. Com essa perspectiva, podemos considerar que a plasticidade neural não é boa nem ruim, e sim uma lei da natureza que equilibra a ordem e o caos. Então, que entidade biológica, ou de outro tipo, controla esse equilíbrio entre a ordem e o caos? Como podemos começar a entender esse equilíbrio quando ele é desafiado pelo mundano ou por mudanças mentais profundas da percepção e do ego – como as que ocorrem com os psicodélicos?

Se você fizer essa pergunta a um biólogo (ou a qualquer “-ólogo” focado demais em perspectivas profissionais), ele vai nos guiar animadamente para o dogma. Então, vamos examinar um dos dogmas favoritos dos biólogos: o dogma central (FIG. 1). Resumindo, o dogma central descreve, em termos bioquímicos, a direção a partir da qual a vida flui. Desde o armazenamento no nível do DNA até a recuperação no nível do RNA, as informações da vida, já desentrelaçadas, cristalizam-se no nível proteico, onde seus produtos realizam as operações vitais diárias. Toda vida emana do DNA e flui. Entretanto, como todos os dogmas, o dogma central também briga para se manter relevante. Como a flexibilidade é mantida ao longo dessa trajetória linear? E a estabilidade? Além disso, para piorar, quando comparamos nosso código genético com o dos chimpanzés, somos quase idênticos aos nossos primos distantes (96%). Quando comparamos um ser humano com outro ser humano, somos 99,9% idênticos. Já que os componentes são quase idênticos, como a ação deles pode gerar diferenças individuais na percepção – de primata para primata ou de humano para humano?

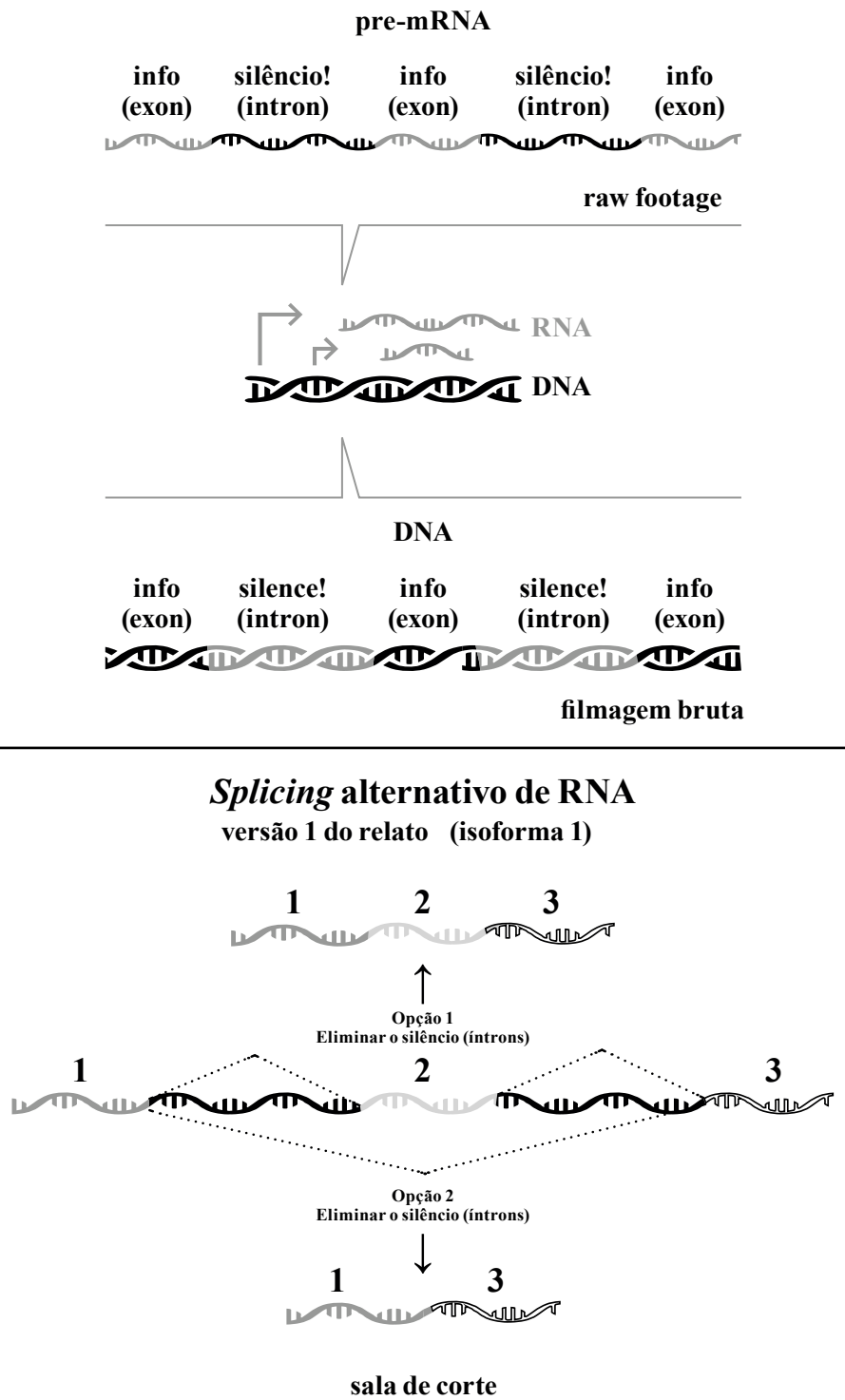
Alguns *insights* em relação a esses enigmas foram revelados após uma análise mais detalhada do código genético. A sequência de DNA que acaba se transformando em proteína (éxons) não era contínua. Em vez disso, os éxons eram interrompidos por períodos de silêncio.

O dogma central da biologia



Essas regiões silenciosas ou não codificadoras são chamadas de íntrons (regiões intragênicas)². No entanto, a transcrição do DNA em um produto de RNA gera um produto que ainda contém íntrons. Como lidar com essas interrupções grosseiras? *Corte-as!* Como no processo de edição de um filme, a filmagem bruta que contém os íntrons silenciosos é cortada enzimaticamente. À medida que os íntrons caem silenciosamente no chão da sala de edição, os éxons são unidos, e as informações podem agora prosseguir sem interrupções para se tornarem proteínas. E é aqui que nossa história se torna mais emocionante. Assim como um cineasta que decide que cenas vai cortar e manter, potencialmente criando diversas versões da história, combinações alternativas de RNA podem ser unidas, o que é chamado de *splicing* alternativo de RNA (FIG. 2). Com esse mecanismo simples de corte e cola, temos uma estratégia para explicar as diferenças entre nós e nossos parentes primatas e entre nós e nossos parentes humanos, assim como uma explicação sobre como o fluxo de informações genéticas pode se manter estável e flexível ao mesmo tempo. Estável no nível do DNA. Flexível no nível do RNA.

2 Gilbert, W. (1978). Why genes in pieces? *Nature*, 271(5645), 501–501. <https://doi.org/10.1038/271501a0>



Que tal fazermos uma pausa nas metáforas, como o chão da sala de edição, para explicar como a complexidade e a diversidade são geradas durante a evolução e revisitar a plasticidade sináptica? Uma visão materialista é necessária para entender uma versão empírica da experiência vivida, somática e cognitiva da percepção. Vamos começar com a transdução sensorial, pois ela é a primeira etapa da percepção. Os estímulos físicos, sejam eles um aroma, um sabor, um fóton, seja uma mudança na pressão ou uma indentação na pele, são detectados por neurônios sensoriais especializados presentes em todo o corpo, e eles transformam aromas, fótons e pressões em atividade neural. Conforme o impulso elétrico se propaga da periferia para o cérebro, a propagação dessa atividade não é contínua. Ela é interrompida à medida que a atividade passa de neurônio para neurônio em todo o cérebro. O local dessas interrupções são as sinapses.

Essencialmente, as sinapses são pequenos dispositivos de comunicação. Entretanto, em vez de se comunicarem por meio de um fluxo contínuo de corrente elétrica, elas sinalizam através de substâncias químicas. Uma molécula de sinalização e seu receptor são necessários para a comunicação entre os neurônios. Acionado por um impulso elétrico, um sinal químico chamado "neurotransmissor" é liberado do interior do neurônio para o exterior, onde pode flutuar para longe. No entanto, vamos supor que o neurotransmissor esteja perto o suficiente do receptor de um neurônio adjacente. Nesse caso, ele vai se conectar, mudar a forma do receptor e iniciar um pequeno fluxo de corrente iônica. Vamos supor que um número suficiente de neurotransmissores seja liberado e se conecte a um

20 número suficiente de receptores. Nesse caso, a corrente que flui para dentro do neurônio é suficiente para desencadear um impulso que se propaga por toda a célula e para o resto do circuito.

Quando comparada a uma transmissão elétrica, a transmissão química é muito mais lenta. O acúmulo de interrupções distribuídas por toda a rede neural determina se certos conjuntos de neurônios são recrutados para a percepção sensorial. Uma maneira de recrutar conjuntos selecionados de neurônios para uma percepção é alterar a intensidade da transmissão sináptica. Aumentar o número de neurotransmissores liberados ou diminuir o número de neurotransmissores liberados. Aumentar o número de receptores de neurotransmissores ou diminuir o número de receptores de neurotransmissores. As alterações na magnitude da transmissão sináptica são a plasticidade sináptica. E, só para lembrar, a direcionalidade da mudança – o enfraquecimento ou o fortalecimento das sinapses – não é boa nem ruim. A direcionalidade é simplesmente o espaço de trabalho que altera a identidade dos conjuntos neurais recrutados para as percepções. Mais uma vez, o ideal é criar representações internas significativas do mundo externo que contribuam para nossa sobrevivência.

Com tantas fontes de informações externas, como o cérebro decide que conjuntos são mais importantes em um determinado momento? É aqui que agem os neuromoduladores. Ocitocina, serotonina, dopamina, acetilcolina e noradrenalina são neuromoduladores que servem para influenciar que conjuntos de neurônios são mais importantes, mas tipicamente operam para recrutar conjuntos de neurônios em um pequeno espaço de tempo. A síntese dos neuromoduladores acontece internamente. Os aminoácidos consumidos por nós através da dieta são convertidos, por vias enzimáticas, em vários neuromoduladores necessários para a comunicação celular.

Claro que não somos a única espécie que sintetiza neuromod...

Uma interrupção na transmissão acontece.
O Coiote entra no quadro e dá uma série de batidinhas no microfone:

Estamos ao vivo! Bem-vinda de volta, gente bonita, a esta incrível final. Aqui é o Coiote, transmitindo ao vivo da linha de chegada do que só pode ser descrito como inspiração pura. Pessoal, preparem-se para serem arrebatados pelo final da corrida de descoberta dos psicodélicos. Como vocês veem, caros espectadores, a multidão está enlouquecida. Eles estão animados. Eu estou animado. Espero que vocês também possam sentir a empolgação em casa, pessoal.

O Coiote trota até o círculo dos vencedores, onde os campeões, Cogumelo, Sapo e Cacto, estão desfrutando de sua merecida glória.

Antes de celebrarmos nossos vencedores, vamos voltar ao último corredor, a Ciência Ocidental, que está apontando no horizonte, entrando na reta final da corrida.

Coiote continua:

A resiliência dela é uma prova de que, nesta corrida, não é só a vitória que importa. O importante é a coragem. O importante é a determinação. E o importante é o foco para chegar até o fim. Bom, temos aqui o Cogumelo, descobridor das triptaminas e ergolinas psicodélicas.

Coiote leva o microfone até Cogumelo.

Cogumelo, o que você acha da Ciência Ocidental?

Cogumelo, em seu tom micelial característico, responde:

Me sinto muito inspirado pelo espírito inovador da Ciência Ocidental.

Cogumelo faz uma pausa longa demais.

É. Eles realmente incorporam a essência desta corrida. Afinal de contas, eles inventaram o estudo da química para imitar o que levei séculos para evoluir.

Com os olhos cheios de lágrimas, Coiote conclui:

Uau, é mesmo uma inspiração. Voltamos com você, Andrea.

Claro que não somos a única espécie que sintetiza neuromoduladores. As vias enzimáticas que usamos para sintetizar neuromoduladores que servem como moeda de troca para nossa neurotransmissão existem em todo tipo de vida. Algumas espécies evoluíram para usar as mesmas vias que nós. Outras usam vias semelhantes, mas que diferem ligeiramente das nossas. Vamos usar o aminoácido triptofano como exemplo. Nós e outros animais ingerimos triptofano e o utilizamos para sintetizar a serotonina. Da mesma forma, um grupo de cogumelos de mesmo gênero, o *Psilocybe*, usa o triptofano, mas, em vez de produzir serotonina, suas vias enzimáticas produzem o psicodélico psilocibina³. Por quê? É interessante notar que nem todos os membros do *Psilocybe* sintetizam a psilocibina. No entanto, os que a sintetizam vivem em ecossistemas próximos a outros animais. Será que eles produzem psilocibina a partir do triptofano por um motivo semelhante ao que temos para usá-la? Nós a usamos para alterar o ritmo da interrupção sináptica, recrutar conjuntos e alterar a plasticidade sináptica. Por que os cogumelos a usariam? Talvez eles a usem para se comunicar conosco. O que eles estão tentando dizer?

3 Fricke, J., Blei, F., & Hoffmeister, D. (2017). Enzymatic Synthesis of Psilocybin. *Angewandte Chemie International Edition*, 56(40), 12352–12355. <https://doi.org/10.1002/anie.201705489>

Os psicodélicos produzidos por animais, plantas ou fungos alteram profundamente a maneira como percebemos as informações externas. Devido à sua semelhança estrutural com a serotonina, os psicodélicos podem se ligar aos nossos receptores de serotonina, alterando assim o tempo de transmissão sináptica e mudando as identidades dos conjuntos neuronais que são recrutados para nossas percepções. Dada a profunda magnitude das mudanças na realidade e na percepção durante a exposição a psicodélicos, como é possível que não mergulhemos no completo caos? Em outras palavras, sabemos muito pouco sobre os mecanismos que permitem a plasticidade neural para aprender e reter de forma estável memórias existentes durante toda a vida. As evidências empíricas coletadas pelos cientistas do meu laboratório demonstram que uma única dose de psicodélico altera de forma robusta e persistente o *splicing* alternativo por pelo menos um mês, sem praticamente nenhuma mudança na forma como o DNA é transcrito. De volta à nossa metáfora cinematográfica, a filmagem bruta não mudou. Em vez disso, as mudanças na percepção induzidas pela exposição a psicodélicos criaram versões diferentes da mesma história.

Nem todas as tocas pertencem a almas.
 Visitas;
 Algumas desabam— capturadas por
 receptores invisíveis, um sussurro dentro do
 código líquido.

Medidas de tempo em ferrugem de molécula.

Fungos compostos em pautas em
 decomposição.

Bactérias sedem⁴ *ao jejum da fome*.
 Caminhamos sem saber, Como *falou*.

...

COLONIZADOR/A COGNITIVO/A

(Poesia Glitch⁵/ Eco Digital)

//:Drift Digital:

nem_tOdOs_@s_toc@→ pertencem?

@lmas=??indefinido

::des@b@am::

4 O original faz uma brincadeira com “thirst” (desejar/ter sede) e “turns”(se transformar), que significa “ter sede” e “desejar”. Tentamos fazer a mesma brincadeira com “sede” e “ceder”.

5 Tanto um movimento artístico quanto um trocadilho com uma falha de computador.

-recv_erro:gerenciador.desconhecido()
 >sussurrO>>ecO>>>dentro.dO.códigoO.líquidoO;
 ☒ =medida.de.tempo(

molécula • ferrugem • ferrugem • ferrugem •
 ferrugem)

fung! = compor.pauta([decomposição])

baCT3r!a.fome++

baCT3r!a.fome++

/ / /

c@minh@amOs sob ela

s.e.m.s.@.b.e.r

-como__falou-

LEITORE DE OCEANO

Pulso & Ritmo (Mais Fluxo Musical) :: pulso
 :: eco :: falha :: decomposição:: (Orgasmo
 desconhecido!)


```

de geradores. pydub importar Senoide, Ruído
Branco
de pydub importar SegmentodeÁudio

importar aleatório

# Definir duração das linhas em milissegundos

duração_linhas = [2000, 1800, 2200, 2000,
2100, 1900, 2300] # durações para cada linha

Função para criar um som de falha para cada
linha
def criar_linha_falha(duração):

tom_base = Senoide(aleatório.
randint(200, 600)).
para_segmento_auditivo(duração=duração)

ruído =

RuídoBranco().para_segmento_
auditivo(duração=duração).aplicar_ganho(-20)

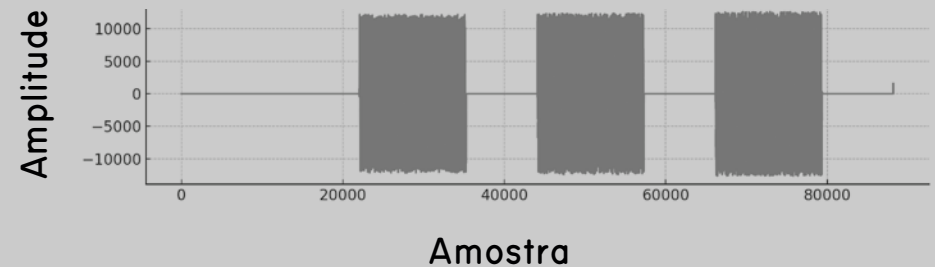
falha = base_tom.overlay(ruído)

Cortes aleatórios para simular a falha falha =
falha[:int(duração * 0.4)] + \

RuídoBranco().para_segmento_
auditivo(duração=int(duração * 0.1)).
aplicar_ganho (-5) + \

falha[int(duração * 0,4):] falha de retorno

```



Cores e valores

José Falero

Na linha pontilhada vou indo, indo, indo
Na terra cujo herói matou um milhão de índios
Pelas marginais os pretos agem como reis
Gostar de nós, tanto faz, tanto fez
Me degradar pra agradar vocês? Nunca!

"Cores & Valores", Racionais MC's

“E o recepcionista do hotel que achou que eu não era hóspede?”

Eu estava na metade do cigarro pós-almoço quando recebi essa mensagem da Dalva, minha namorada. Dei uma tragada profunda, pensando no que responder. Mensagens textuais até podem ser muito práticas, mas também têm lá as suas desvantagens. Não existe tom em texto. Pelo escrito, eu não tinha como saber qual era o estado de espírito da Dalva naquele momento; não tinha como saber qual tinha sido o impacto da discriminação no humor dela; não tinha como saber se ela estava indiferente, ou triste, ou irritada, ou se por acaso alguma particularidade do contexto tinha feito ela achar graça na situação, o que não chega a ser impossível. Sem ter como saber dessas coisas, também não soube o que responder, e, de fato, não respondi nada; pelo menos não a princípio. A Dalva, então, mandou mais mensagens, explicando melhor o episódio.

“Fui deixar uns livrinhos para uma leitora que vai vir buscar no hotel.”

“O recepcionista fez uma cara ruim e perguntou se a pessoa que viria pegar os livrinhos era hóspede.”

“Eu disse que eu era a hóspede.”

“E ele: ‘Ah, tu é hóspede?’.”

Dalva é escritora independente; a mais bem-sucedida que eu conheço. Publica livros por uma grande pequena editora, a Venas Abiertas, cujo trabalho de inclusão e diversidade já é bastante conhecido no país e chegou até a levar essa que foi a minha primeira casa editorial à condição de finalista do Prêmio Jabuti de Literatura 2020 na categoria "Inovação: Fomento à Leitura". Mas, se por um lado, o trabalho de inclusão e diversidade da Venas é excepcional, por outro, a sua capacidade de

distribuição é nula, como costuma acontecer com qualquer editora de pequeno porte, e isso faz com que os autores da casa precisem eles mesmos vender os seus próprios livros, um por um, seduzindo leitor por leitor, promovendo o trabalho postagem por postagem nas redes sociais: um trabalho de formiguinha que limita muito o fluxo de vendas, razão pela qual a quantidade de livros que a Dalva consegue vender é simplesmente extraordinária. E, pelo visto, lá estava ela, num hotel em Porto Alegre, vendendo mais alguns dos seus “livrinhos”, como diz.

A título de curiosidade, vale a pena comentar que, nessa ocasião, a literatura tinha colocado nós dois em uma troca temporária de cidades. Dalva, moradora de Belo Horizonte, estava em Porto Alegre para ministrar uma oficina de escrita junto ao Tribunal Regional do Trabalho, que a tinha alojado, então, no tal hotel; eu, morador de Porto Alegre, estava em Belo Horizonte para lançar o meu segundo romance, depois de já tê-lo lançado em Porto Alegre, Florianópolis e São Paulo. E foi justamente a este último lançamento, o feito em São Paulo, que recorri para responder à Dalva. Comentei que, na capital paulista, estive hospedado em um hotel tão pomposo quanto

34 aquele que agora a hospedava na capital gaúcha, e que também houve suspeitas quanto à minha condição de hóspede. Três pessoas, revelei, pensaram que eu estava lá para realizar algum tipo de trabalho braçal. Tudo isso durante o tempo que levei para fumar um cigarro no jardim frontal do hotel.

Três pessoas! *Três!* Durante o tempo que se leva para fumar um cigarro!

Primeiro, um homem com o uniforme do hotel, que não me viu fazer *check-in*, veio perguntar se eu estava ali para ajudar na reforma do mezanino. Respondi que não. Alguns segundos depois, o eletricitista que até então trabalhava em silêncio bem atrás de mim, fazendo algum tipo de reparo nos fios que passavam por entre os arbustos, perguntou se eu era o ajudante que a firma tinha ficado de enviar. Respondi que não. Por fim, uma hóspede saiu do saguão do hotel para o jardim, andando para lá e para cá na ponta dos pés, esticando o pescoço para um lado e para o outro, aparentemente procurando alguém; quando me viu, perguntou se era eu que tinha vindo dar uma olhada na Mercedes. Respondi que não.

Depois da troca de mensagens com a Dalva, fui a um bar. O verão em Minas não é fácil: eu precisava de uma cerveja bem gelada. Além disso, também queria ficar quieto um pouco, enquanto bebia, olhando para o nada e pensando na conversa que a gente tinha acabado de ter.

“Ah, tu é hóspede?”

Eu não estava lá para ver, mas pude imaginar perfeitamente o misto de surpresa e incredulidade com que o recepcionista deve

35 ter dito isso para a Dalva. O tom de voz pendendo para o agudo, as sobrancelhas profundamente enrugadas, a cabeça um pouco inclinada para o lado, tudo dando a entender algo como: “Nossa, que coisa mais estranha, uma pessoa como tu hospedada num lugar como este”. Sou capaz de supor esses detalhes todos porque conheço constrangimentos assim muito bem. Já amarguei situações semelhantes muitas vezes desde que me tornei escritor e passei a circular por espaços que historicamente não foram reservados para pessoas como nós. Em geral, porém, a verbalização involuntária do que pensam e sentem a nosso respeito não é, em si, o que mais me incomoda. Tal verbalização não passa de uma pequeníssima cereja; o restante do bolo, que é tácito, me perturba muito mais. Em outras palavras, a verdade é que o recepcionista deixou escapulir por acidente aquilo que passou não só pela sua mente e pelo seu coração, mas pela mente e pelo coração de todos, absolutamente todos os que cruzaram com a Dalva naquele hotel, embora, é claro, alguns saibam disfarçar melhor do que outros. *Todos*. Estou certo disso. Dos funcionários aos hóspedes: todos, sem exceção, pensaram e sentiram a mesmíssima coisa a respeito da presença de uma pessoa como a Dalva em um lugar como aquele. E esse é o problema real, para além do que o recepcionista acabou expressando sem querer.

Numa outra ocasião, Dalva, já doutora e trabalhando como professora substituta na UFMG, precisou comprar um caderno, motivo pelo qual foi a uma papelaria; lá, a atendente, vendo-a com o caderno na mão, quis saber se a compra era para ela mesma e, após receber a confirmação, perguntou: “Ah, então você faz EJA?”. Mas, de novo, o problema real não é essa verbalização involuntária. Não adianta pegar essa atendente para Judas

36 e massacrá-la, como se a ideia que ela fez da Dalva fosse um preconceito pessoal, exclusivamente seu. Não é assim. Muito pelo contrário. Da mesma forma como todas as pessoas que cruzaram com a Dalva no hotel pomposo certamente ficaram se perguntando o que ela fazia ali, incapazes de concebê-la na condição de hóspede, assim também todas as pessoas que a virem com um caderno nas mãos jamais conseguirão imaginar uma doutora e muito menos uma professora universitária; bem antes disso, pensarão, como a atendente da papelaria pensou, em uma aluna de EJA: alguém com pouca ou nenhuma instrução formal tentando retomar os estudos. Pois o racismo, o classicismo, o machismo, a homofobia etc. são onipresentes no âmbito de uma sociedade estruturada a partir desses preconceitos; é mais ou menos como ocorre com a atração gravitacional: não há canto nenhum do universo onde ela abra uma exceção e deixe de funcionar.

Enquanto bebia a minha cerveja, pensando nisso tudo, lembrei de um episódio do *Chapolin Colorado* e fiz questão de sacar o celular para assistir, no YouTube. Chama-se "A Vendedora de Flores". O episódio começa com um pequeno prólogo: o Chapolin aparece e impede que um homem assalte outro, mas deixa o assaltante ir embora sem castigá-lo; a vítima, então, pergunta por que ele fez isso, e o Chapolin responde que as pessoas podem se regenerar, como aconteceu com Lisa, uma vendedora de flores pobre e sem educação que conseguiu se transformar numa verdadeira dama. O restante do episódio é a história de Lisa, contada pelo Chapolin. Nessa história,

um homem rico e estudado, em uma espécie de pesquisa linguística, perambula por regiões pobres da cidade, observando os diferentes modos de falar das pessoas. É assim que conhece Lisa e resolve usá-la como cobaia em um experimento social inusitado. A ideia é conviver com ela e educá-la, ao longo de vários meses, com o objetivo de transformá-la em uma dama. Naturalmente, o homem acredita que a transformação é possível; e, após muitos percalços, o episódio termina com o sucesso da experiência: Lisa de fato transforma-se em uma dama.

Não são poucos os episódios do *Chapolin Colorado* que, na verdade, parodiam histórias famosas, e, me parecendo que era esse o caso de "A Vendedora de Flores", fui investigar. Não demorei a descobrir que, de fato, trata-se de uma paródia de *My Fair Lady*, um musical de 1964 dirigido pelo cineasta estadunidense George Cukor. Mas a coisa não termina aí. O filme, por sua vez, é uma adaptação da peça de teatro *Pigmalião*, escrita em 1913 por outro George, este irlandês: George Bernard Shaw, que, além de ter sido um cidadão socialista, foi também a primeira das duas únicas pessoas na história a obter um Prêmio Nobel de Literatura e um Oscar; o segundo a realizar a proeza foi o cantor Bob Dylan. E a obra teatral, por fim, se baseia no mito de Pigmalião, que integra a mitologia grega.

O que interessa, no entanto, é perceber que, da paródia mexicana ao mito grego, passando pelo musical estadunidense e pela peça de teatro irlandesa, o sentido da história é a insinuação surpreendente de que a relação de causa e efeito entre a realidade, tal como se manifesta, e a percepção que temos dela talvez não se dê necessariamente nessa ordem. Em outras palavras, tendemos a pensar, por ser mais intuitivo, que primeiro a realidade se manifesta de alguma maneira para que só depois possamos percebê-la dessa exata maneira; acontece que a expectativa que temos a respeito da realidade, antes mesmo de a realidade em si se manifestar de alguma forma, não deixa de ser uma maneira de perceber a realidade, e essa percepção antecipada talvez determine — ainda que só às vezes, ainda que só em um grau limitado, ainda que só sob certas circunstâncias — como a realidade vai se manifestar depois. No episódio do Chapolin, por exemplo, Lisa vai de vendedora de flores rude a dama da alta sociedade, sendo um agente decisivo para essa transformação justamente a expectativa positiva do homem que a convidou para o experimento; no outro extremo cronológico, o mito grego apresenta enredo mais alegórico do que a paródia mexicana, é verdade, mas

que ainda assim permite interpretação semelhante: em vez de ascensão social, o que temos é uma estátua feminina transformada em mulher real, de carne e osso.

Pedi a segunda cerveja com a nítida sensação de que a caneta afiada do Mano Brown já tinha pinçado o assunto; eu só não conseguia recordar em qual letra exatamente. Mas quando me trouxeram a garrafa, junto com ela chegou a lembrança: "Finado Neguin", do magnífico álbum *Cores & Valores*. Tornei a sacar o celular, tornei a abrir o YouTube. Eis o que diz o maior poeta brasileiro de todos os tempos sobre a criminalização do rap, posicionada historicamente após a criminalização do samba e antes da criminalização do funk:

Quem, quem permitiu?

Deus dirigiu esse filme

Dizem: crime é o rap

Dizem: rap é o crime

Você diz, você decide

O resto só coincide

E aí, nesses poucos versos, temos tudo: como causa, a percepção antecipada (ou expectativa) e, como efeito, a realidade, tal como se manifesta. Pois o classicismo e o racismo fazem com que ainda hoje o rap, ritmo negro e das camadas populares, seja *percebido antecipadamente* quase como sinônimo de criminalidade; tal percepção antecipada, no fundo, pode ser encarada como uma expectativa: a mentalidade classicista e racista espera, afinal, que a realidade coincida com a sua visão de mundo; e a realidade, por fim, de fato costuma coincidir: não é raro que os rappers sejam efetivamente tratados como criminosos em vez de artistas.

É possível que, a essa altura, o leitor esteja muito cético sobre o raciocínio que tento desenvolver aqui. Quanto a isso, não há problema, porque

40 felizmente não fui, nem de longe, o primeiro a trilhar essa cadeia contraintuitiva de pensamentos. Ao longo da pequena investigação que me levou de *A Vendedora de Flores* ao mito de Pigmalião, descobri, entre outras coisas, que muita gente já tinha se debruçado sobre tudo isso — gente em quem o leitor talvez se sinta mais inclinado a acreditar do que em mim. Robert Rosenthal e Lenore Jacobson, renomados psicólogos estadunidenses, por exemplo, conduziram um estudo sobre como as expectativas dos professores afetam o desempenho dos alunos e chegaram à conclusão de que, se as expectativas são positivas, o desempenho tende a ser positivo, ao passo que, se as expectativas são negativas, o desempenho tende a ser negativo. A esse fenômeno, inclusive, a dupla deu o nome de "efeito Pigmalião", em referência ao mito grego; já Robert K. Merton, sociólogo também renomado e também estadunidense que realizou estudo semelhante, preferiu batizar o fenômeno de "profecia Auto-Realizável", porque quem faz a profecia é, na verdade, quem a faz acontecer.

À luz disso, que tal voltarmos a dar uma espiadinha nos versos do Brown?

Quem, quem permitiu?

Deus dirigiu esse filme

Dizem: crime é o rap

Dizem: rap é o crime

Você diz, você decide

O resto só coincide

Pois é. O resto só coincide. E, no caso da Dalva, também coincidiu. Ciente de que não era avaliada como hóspede por ninguém naquele maldito hotel, ela não conseguiu comportar-se como tal. Passou todos os dias da hospedagem encerrada no quarto. Não foi conhecer o parque que havia nas redondezas, embora achasse a ideia interessante. Deixou de usufruir da academia, embora tenha o hábito de caminhar e fazer exercícios. Não se atreveu a ir ao bar pedir uma água sequer. Evitou o máximo que pôde solicitar o serviço de quarto. Com muito esforço, conseguiu frequentar os cafés da manhã, mesmo assim, comendo tudo às pressas para escafeder-se dali o mais rápido possível. Não queria ser vista por ninguém, não queria interagir com ninguém. Não queria estar ali. Não queria ser submetida ao constrangimento infalível que um lugar como aquele provoca em uma pessoa como ela.

Mas pensar sobre essas coisas todas só me fez perceber ainda mais claramente o quanto Dalva é mesmo uma figura incrível. Afinal, conforme já dito, o racismo, o classicismo, o machismo, a homofobia etc. são onipresentes no âmbito de uma sociedade estruturada a partir desses preconceitos; é mais ou menos como ocorre com a atração gravitacional: não há canto nenhum do universo onde ela abra uma exceção e deixe de funcionar. Então, se Dalva entrou para a universidade, como de fato entrou, e se concluiu uma graduação, como de fato concluiu, e se depois fez mestrado, como de fato fez, e se depois se formou doutora, como de fato se formou, e se chegou a ser professora substituta da UFMG, como

42 de fato chegou, e se morou em diversas cidades enquanto criava um filho sozinho, como de fato morou e criava, e se realizou o antigo sonho de ser uma escritora publicada e lida, como de fato realizou, e se hoje em dia é contratada por instituições como o Tribunal Regional do Trabalho, como de fato é, convém lembrar que, ao longo dessa trajetória toda, nunca, em nenhum momento, nem mesmo por um minúsculo instante sequer, Dalva deixou de ter sobre si o peso do machismo, o peso do racismo, o peso do classicismo, tudo isso a esmagá-la, a embargá-la, a sabotá-la, a prejudicá-la, a desanimá-la, a tolhê-la. Meu Deus! Do que essa mulher não seria capaz em uma sociedade mais justa? O quão alto ela conseguiria pular num planeta com gravidade menor?

Pedi a terceira cerveja. Ainda havia um aspecto dessa história toda sobre o qual eu queria refletir. E mais uma vez recorro ao episódio do Chapolin Colorado. É que a paródia mexicana tem um mérito que nenhuma outra releitura do mito de Pigmalião tem: acrescenta um tempero freiriano, digamos assim. Em todas as outras versões da história, seja a peça teatral irlandesa, seja o musical estadunidense, sejam as duas novelas brasileiras que nem sequer foram citadas aqui — a saber, *Pigmalião 70* e *Totalmente Demais* —, há algo de bancário na concepção de como o personagem transformador transforma o personagem transformado: verticalmente, de cima para baixo, o primeiro vai depositando no segundo os bons conhecimentos, os bons valores, os bons costumes, as boas maneiras, as boas práticas etc., até que a transformação esteja completa. A grande sacada do episódio do Chapolin Colorado foi trabalhar, ainda que em brevíssima pincelada, a ideia do aprendizado em relação, a ideia da troca horizontal entre os participantes de um processo de transformação. No final do episódio, sim, Lisa está transformada em uma dama, mas o homem que a transformou agora fala muitas gírias, veste-se de maneira desalinhada, senta-se com um

pé escorado no braço da poltrona, tudo evidenciando 43 que também ele terminou transformado pela relação, pelo convívio, pelo processo. Mas o episódio acaba sem problematizar as diferentes atribuições de valor aos diferentes repertórios simbólicos, deixando isso a nosso encargo, para refletirmos sozinhos. Por que prontamente imaginamos que, nessa troca horizontal, o homem foi prejudicado e Lisa, beneficiada? Por que tão rapidamente concluímos que, nessa transformação mútua, Lisa progrediu enquanto o homem regrediu? Essa é a lente do classicismo, que nos atravessa a todos, onipresente como é, a exemplo de todos os outros preconceitos estruturais.

Certa vez, Dalva me disse, muito sabiamente, que a minha camisa polo, embora de marca boa e original, até pode me fazer parecer um trabalhador braçal ajeitadinho, mas não tem o poder de me transformar no João Dória. Concordei de imediato, acrescentando que a camisa depõe menos a favor da minha figura do que a minha figura contra a camisa. Em outras palavras, quando eu visto uma camisa como aquela, eu e a camisa estamos em relação, e nessa relação eu desfalco muito mais o valor simbólico da camisa do que a camisa consegue acrescentar valor simbólico a mim. Na prática, isso significa que, quando alguém me vê usando uma camisa como aquela, o efeito mais relevante é que o conceito que a pessoa até então tinha daquela marca acaba prejudicado. A propósito, será que o leitor por acaso conhece o funk "Como é Bom Ser Vida Loka", do MC Rodolfinho? No clipe oficial da música, o funkeiro aparece segurando garrafas de uísque de uma famosa marca escocesa; e essa marca, segundo Kondzilla, diretor do clipe, tentou derrubar o vídeo da internet porque não queria ser associada àquele tipo de público. Pois é.

Bem, o próprio recepcionista do hotel onde a Dalva estava hospedada teve dificuldades em acreditar que ela era hóspede. E quando ela aparecia no espaço onde

era servido o café da manhã, restava ainda aos demais presentes a possibilidade de supor que aquela figura só podia ser alguma funcionária do hotel prestes a bater o cartão, a quem, por algum motivo misterioso, tinham dado permissão para tomar café por ali, junto com os hóspedes, antes de começar a trabalhar. Mas quando viam a Dalva tirando do bolso o seu cartão inconfundivelmente de hóspede que faz o elevador funcionar, ou então quando a viam saindo do próprio quarto e não restava dúvida de que ela estava hospedada ali, naquele hotel, o que deviam pensar? Imagino que deviam pensar algo como: “Este hotel já não é mais tão bom como antes, agora é mal frequentado”. Pois é, Dalva, meu amor: esse hotel, embora chique no útimo, também não tem o poder de te transformar na Narcissa Tamborindéguy.

Assim como o classicismo e o racismo são onipresentes, os seus efeitos e desdobramentos também são, e, por essa razão, o fenômeno que acabei de descrever está por toda parte. A marca da minha camisa polo depõe menos a meu favor do que eu contra ela; a marca escocesa de uísque depõe menos a favor do funkeiro do que o funkeiro contra ela; o hotel de luxo depõe menos a favor da Dalva do que a Dalva contra ele. Na verdade, esse fenômeno ocorre até mesmo aqui, neste texto. Ou por acaso o leitor pensa que eu não sei que o texto soaria mais elegante se eu tivesse dito que fui beber

vinho em vez de cerveja? O leitor por acaso pensa que eu não sei que o texto seria levado mais a sério se eu usasse *Cultural Reproduction and Social Reproduction*, do Pierre Bourdieu, em vez de “Finado Neguin”, do Mano Brown? Por acaso o leitor pensa que eu não sei que o texto seria considerado mais sofisticado se eu citasse um episódio de Monty Python em vez de um episódio de Chapolin Colorado? Mas acontece que não importa o que eu faça. Um texto escrito por mim, por melhor que fique, jamais vai depor a meu favor tanto quanto eu deponho contra ele. Um texto escrito por mim, por melhor que fique, jamais acrescentará tanto valor simbólico a uma figura como a minha quanto uma figura como a minha retira valor simbólico dele. Um texto escrito por mim sempre parecerá menos bom do que realmente é, porque fui eu que o escrevi, porque o escrevi com a minha mão parda, porque o pensei com a minha cabeça mestiça, porque o construí com as minhas referências populares, porque o concebi com o ódio perpétuo dos oprimidos, porque lhe dei forma sem deixar de usar as minhas camisas de time de futebol, porque o esculpi de chinelos, porque o escrevi sem negociar com os meus inimigos. Sim, eu deponho contra o meu próprio texto. Aliás, eu deponho contra a literatura contemporânea inteira. Toda a literatura contemporânea parece menos valorosa porque uma pessoa como eu escreve e publica, porque uma pessoa como Dalva escreve e publica. Não acreditam que somos hóspedes? No fundo, também não podem acreditar que somos escritores.

Embora, é claro, alguns saibam disfarçar melhor do que outros.

Sonhos batimétricos

E se as máquinas sonhassem em código batimétrico?

sussurros de sonar das profundezas esquecidas.

E se eles recomendarem as ondas de um tsunami?

O que, se não milhas náuticas
são iguais a um minuto de latitude?

A distância se dobraria?

A maré gaguejaria?

O tempo se afogaria,
se esqueceria de como voltar?

...

COLONIZADOR/A COGNITIVO/A

OCEANO.EXE // EM EXECUÇÃO...

O oceano circula em padrões de erro,
tanto no nível quanto abaixo da {superfície},
luz solar absorvida // recalculando latitude
a água circula⁶ // mas nunca retorna igual.

6 Em inglês, um trocadilho entre “a água circula” e “ciclo hidrológicos”.

- ondas capilares → sussurro.exe iniciando...
- ondas de gravidade superficiais → coeficiente de arrasto instável...
- seichas → presas, ecoando códigos de erro...
- maremotos → algoritmo lunar detectado...
- tsunamis → deslocamento: desconhecido...
- vagalhões → anomalia na matriz das profundezas do mar...

paredões → costa.exe sobrecarga iminente...

/sobrecarga do sistema//o oceano não para//
//o oceano não para// o oceano não
para// //o oceano não para//

[SILÊNCIO//DADOS PERDIDOS]

poema oceânico fragmentado e impregnado
de falhas, pulsando com ruídos ASCII, erros de
sistema e loops de dados distorcidos—um sinal
do fundo do mar que se transforma em estática.

// OCEAN.EXE //

Ocean circulates in patterns... ..
both at and below the surface

LOADING . . .

capillary waves // ~~Wavespen failed~~

surface gravity waves // drag coefficient ...

seiche waves // trapped in silence ..

tidal waves // ~~LUNAR ERROR~~

tsunami waves // FILE NOT FOUND

rogue waves // SYSTEM UNSTABLE

surging waves // ~~FILE NOT FOUND~~

/OCEAN HAS STOPPED RESPONDING/

restarting

reloading

does not still // does not still // does not still //

//SYSTEM CRASH//

Pauta Sônica: “Drift de dados // Oceano Corrompido”

49

Ritmo:

= 70 BPM (lento e fluido, imitando o movimento da água)

Instrumentos e design de som:

Ruído de Falha (Explosões de Ruído Branco/Rosa) → Representa “padrões de erro”

Zumbido subgrave baixo (Onda senoidal, modulada lentamente) → Imita correntes oceânicas profundas

Som de água filtrado (Gravação do hidrofone) → Inclui distorção digital

Síntese Granular (Amostras de voz com efeito Bitcrush)→ Quebra a sintaxe em fonemas fraturados

Percussão de Falha (Cliques Randomizados, Artefatos Digitais) → Pulso irregular como pacotes de dados corrompidos

Coro Distante Cheio de Reverberação (Voz Humana Processada)→ Luz do Sol desaparecendo em águas profundas

Nós somos nossas conexões

Iordanis Kerenidis

**ou como a teoria quântica reimagina
a política e a ética**

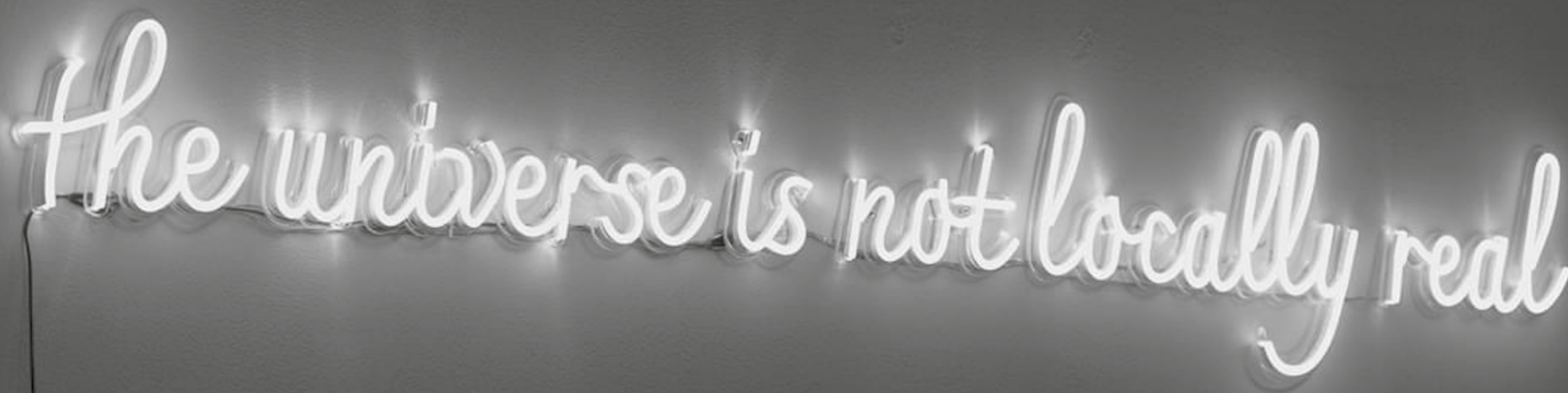
No último século, a mecânica quântica revolucionou nossa compreensão do universo, desafiando suposições profundas sobre a natureza da *realidade*. A mecânica quântica nos lembra que as divisões rígidas entre objetos, seres vivos e até mesmo entre espaço e tempo não são tão claras quanto acreditávamos. Em vez disso, existimos dentro de uma rede de conexões — dinâmica, entrelaçada e inseparável do tecido da própria realidade. Algo central para a teoria quântica é o conceito de "entrelaçamento", um fenômeno que sugere que partículas, uma vez conectadas, permanecem ligadas independentemente da distância entre elas. Ele desafia a intuição clássica e sugere uma verdade mais profunda: nós somos nossas conexões. Este texto explora como a mecânica quântica, com sua ênfase na interconexão, na incerteza e na superposição, oferece novas maneiras de repensar nossos relacionamentos, uns com os outros e com o mundo.

Albert Einstein descreveu o entrelaçamento como uma “ação assustadora à distância”. Para compreender o entrelaçamento, primeiro é necessário entender um princípio fundamental da teoria quântica: partículas podem existir em superposição, ou seja, podem ocupar múltiplos estados ao mesmo

tempo até serem observadas. Quando duas partículas estão entrelaçadas, seus estados se tornam conectados. Independente da distância física entre elas, o tamanho de uma partícula determina instantaneamente o estado da outra. Em outras palavras, o entrelaçamento é o conjunto de conexões que carregamos conosco, quando e onde quer que estejamos. Essa interconexão desafia a noção clássica de localidade, que afirma que os objetos são só influenciados pelo seu entorno imediato e demonstra que o universo não é localmente real.

Outro *insight* instigante da mecânica quântica é o papel do observador na formação da realidade. Na física clássica, o ato de observação era considerado passivo — um simples registro de um mundo objetivo. No entanto, na mecânica quântica, o ato de observar leva à superposição de estados ao colapso, determinando a realidade que se manifesta. O observador e o observado não são entidades independentes; eles fazem parte de uma relação dinâmica em que um influencia o outro. Eles estão, de fato, entrelaçados.

Embora o entrelaçamento quântico seja frequentemente discutido em termos de espaço, ele também tem implicações profundas em como pensamos o tempo. Tradicionalmente,



the universe is not locally real

vivemos o tempo como algo linear, movendo-se inexoravelmente do passado para o presente e para o futuro. No entanto, a teoria quântica oferece uma perspectiva diferente. Se partículas podem estar entrelaçadas no espaço, por que não também no tempo? Desenvolvimento teórico recentes na mecânica quântica sugerem que o entrelaçamento pode não ser limitado pelo tempo, o que significa que eventos futuros poderiam influenciar o passado e vice-versa.

Esse entrelaçamento temporal desafia nossa compreensão convencional de causalidade e oferece uma nova maneira de pensar sobre nosso lugar no universo. O passado não é um ponto fixo e imutável que deixamos para trás, e sim parte do presente contínuo. Assim como partículas permanecem entrelaçadas independentemente da distância, momentos no tempo também estão conectados de maneiras que estamos apenas começando a compreender.

Nessa perspectiva, o passado se torna algo que podemos visitar e renegociar. Em vez de ficarmos presos a nossas histórias, podemos nos relacionar com elas de maneira construtiva, reformulando-as para que orientem nosso futuro. Isso abre possibilidades não apenas para como entendemos o tempo, mas

também para como entendemos a nós mesmos. Não estamos limitados por narrativas lineares de causa e efeito, mas fazemos parte de um fluxo contínuo e entrelaçado de tempo, em que o passado, o presente e o futuro estão inextricavelmente ligados.

As ideias de Karen Barad, presentes no livro *Meeting the Universe Halfway*, oferecem uma expansão filosófica muito atraente sobre muitos dos conceitos discutidos acima. Barad desafia a compreensão convencional de interações como intercâmbios entre entidades distintas e propõe o conceito de "intra-ação", no qual as entidades não existem antes de suas relações, e sim emergem delas. Isso muda nossa perspectiva de um mundo de objetos independentes que se afetam mutuamente para um mundo onde as próprias conexões constituem a existência desses objetos. Em termos quânticos, isso se vincula à ideia de entrelaçamento — partículas, ou até seres vivos, não são entidades separadas que se conectam posteriormente; elas são fundamentalmente co-constituídas pelo entrelaçamento. Barad também introduz o conceito de "fenômenos", em que o observador e o observado não estão separados, mas entrelaçados no próprio processo de observação. Esse apagamento das fronteiras entre entidades e o papel ativo

do observador ecoam a ideia quântica de que a realidade é cocriada no momento da observação, ou, podemos dizer, através de um estalo no espaço-tempo. O trabalho de Barad amplia isso para além das ciências físicas e argumenta que o mundo inteiro é uma rede de *intra-ações*, que forma e reforma continuamente as conexões que definem tanto a matéria quanto o significado. Isso oferece uma forma poderosa de entender como a mecânica quântica informa nosso entendimento científico e também como entendemos relacionamentos, identidade e nossa inserção no mundo.

Voltando ao conceito de entrelaçamento, suas implicações vão ainda mais longe — ele não é apenas responsável pelas conexões entre partículas, sujeitos e objetos no espaço-tempo; ele desempenha um papel fundamental na criação do próprio espaço-tempo. Avanços recentes na física teórica sugerem que o espaço-tempo pode emergir do entrelaçamento de partículas nos limites do universo. Em outras palavras, o próprio tecido da realidade em que existimos — as dimensões de espaço e tempo — pode ser um produto do entrelaçamento quântico. Isso significa que espaço e tempo não existem de forma independente, como um pano de fundo para o universo,

e sim são tecidos a partir do entrelaçamento de partículas.

Essa ideia muda radicalmente como concebemos nosso lugar no universo. A noção de *conexões* transcende meros relacionamentos entre objetos ou entidades que estão espacial ou temporalmente próximos; essas conexões *criam* o ambiente dentro do qual tudo ocorre. O próprio espaço-tempo se torna uma manifestação de vínculos quânticos, e cada ponto no universo é potencialmente conectado a outros por meio de fios invisíveis de entrelaçamento. Sob essa perspectiva, não somos apenas entidades dentro de um mundo preexistente — somos as conexões que formam o mundo, tanto local quanto cosmologicamente.

Para aproximar esse conceito abstrato do tangível, podemos considerar como essas ideias de conexão se manifestam em nossa biologia, especificamente no cérebro. O cérebro em si é uma rede de conexões, uma malha densa e complicada de neurônios que se comunicam por meio de sinapses. São essas conexões neurais que dão origem ao pensamento, à percepção e à memória. As lembranças, por exemplo, não são eventos isolados armazenados em pequenas caixas bem organizadas dentro do cérebro. Elas são resultado de redes de neurônios



que são ativados ao mesmo tempo, conectados em padrões dinâmicos. O mesmo ocorre com a visão: quando vemos algo, a luz entra nos olhos e é convertida em sinais elétricos que viajam pelo nervo óptico até o córtex visual do cérebro. O cérebro não vê da mesma forma que uma câmera tira fotos; em vez disso, neurônios, em diferentes partes do cérebro, trabalham juntos, combinando estímulos visuais com informações, emoções e expectativas prévias para construir o que entendemos como “realidade”.

Essa compreensão do cérebro baseada em redes neurais reflete o entrelaçamento que observamos na mecânica quântica — nossas ideias e memórias não são entidades fixas, e sim formadas e reformadas continuamente por meio de conexões. O próprio cérebro é um exemplo de como sistemas interconectados criam significado, ecoando o entrelaçamento que estrutura o universo.

No campo da Inteligência Artificial, o modelo clássico de agentes inteligentes é centrado na resolução de problemas por meio de uma inteligência semelhante à humana. A Inteligência Artificial clássica opera em sistemas fechados em que agentes inteligentes são projetados para entender seus ambientes, aprender com eles e otimizar seus comportamentos para

resolver tarefas específicas. Esses sistemas são movidos por algoritmos que reproduzem processos cognitivos humanos, criando máquinas que imitam habilidades humanas de aprendizado, reconhecimento de padrões e até tomada de decisões.

No entanto, essa abordagem é fundamentalmente limitada. A IA clássica é antropocêntrica; presume que a inteligência humana é o padrão pelo qual todas as formas de inteligência devem ser medidas. Essa estrutura ignora a rede mais ampla de conexões e entrelaçamentos revelada pela mecânica quântica e opera sob o pressuposto de que a inteligência pode ser entendida de forma isolada em uma estrutura semelhante ao cérebro, separada de seu ambiente. Mas agora entendemos que a inteligência não está confinada a um sistema fechado. Tudo é conectado — redes neurais, ambientes externos e até fenômenos quânticos.

As limitações da IA clássica abrem caminho para a próxima fronteira: a *Inteligência Quântica*. Esse campo emergente busca combinar os insights da mecânica quântica com a inteligência artificial, aprimorando agentes inteligentes com a capacidade de entender e operar no mundo quântico. A Inteligência Quântica não apenas replicaria as habilidades



cognitivas humanas. Pelo contrário, aproveitaria a não-localidade, a incerteza e o entrelaçamento que definem a mecânica quântica para criar sistemas mais sintonizados com a natureza fundamental da realidade.

Esses agentes não apenas aprenderiam com seu entorno imediato, mas operariam dentro de uma rede mais ampla de conexões quânticas, entendendo e respondendo aos sistemas entrelaçados nos quais estão imersos. Isso representaria uma mudança de paradigma e ultrapassaria as limitações da IA clássica para criar sistemas capazes de compreender e interagir com um mundo quântico e dentro dele. Esses agentes quântico-inteligentes, sobretudo, operariam não como entidades isoladas, mas dentro de uma vasta rede interconectada — constantemente moldando e sendo moldados por seu entorno.

Resumindo, a noção de que somos constituídos por nossas conexões ganha ainda mais significado se considerarmos todo o escopo do entrelaçamento, tanto na mecânica quântica quanto nas redes que moldam nosso cérebro, nossa tecnologia e nossa vida. As conexões não são apenas relacionais — são constitutivas. Elas criam o próprio tecido do espaço-tempo, a estrutura de nossas memórias e a arquitetura da inteligência.

Reconhecer que *nós somos nossas conexões* não só transforma nosso entendimento da física, da inteligência ou da ontologia — mas altera fundamentalmente como devemos pensar a política, a ética e a sociedade. Se nossa existência é definida pelas conexões que formamos, então a política deve se centrar no cuidado e na proteção dessas conexões. O entrelaçamento que estrutura o universo exige uma política de *coletividade* — uma que rejeite o isolacionismo, o individualismo e a divisão, em favor do reconhecimento de nossa interconexão inerente. Isso não é apenas uma posição filosófica, mas uma necessidade: se nossa realidade for cocriada através do nosso relacionamento com os outros, com as máquinas e com o meio-ambiente, então a ação coletiva se torna o único caminho viável para enfrentar desafios globais, como mudanças climáticas e desigualdades tecnológicas.

Nessa nova política, a *solidariedade* deixa de ser uma escolha moral e se torna um imperativo estrutural. Assim como o entrelaçamento mostra que partículas não são independentes, e sim inseparáveis umas das outras, também os humanos e suas sociedades são fundamentalmente interconectados. O bem-estar de um está ligado ao bem-estar de todos, e a resposta ética é agir de uma

maneira que promova a prosperidade dessas conexões — tanto entre pessoas quanto entre humanos e o mundo não humano. Essa política de solidariedade exige novas formas de cooperação, responsabilidade compartilhada e administração coletiva tanto de nosso planeta quanto das tecnologias que criamos.

Por fim, essa perspectiva apresenta uma nova *ética* que deve guiar nossas ações. Se o entrelaçamento de tudo molda a realidade, então as implicações éticas são profundas. Toda ação, toda decisão que tomamos, reverbera pela rede de conexões que constituem o universo. Nossa responsabilidade ética, portanto, é ter consciência de como nossas escolhas afetam essa rede mais ampla. Isso inclui o modo como projetamos e implementamos as IAs, como enfrentamos crises ambientais e como interagimos uns com os outros. A ética, nesse contexto, exige o fomento de conexões, e não seu rompimento, exige a criação de sistemas que respeitem e ampliem os entrelaçamentos complexos que tornam a existência possível.

Em um mundo definido por conexões quânticas, a política deve abraçar os princípios de *coletividade, solidariedade e responsabilidade ética*. Só assim podemos construir uma sociedade que não apenas compreenda, mas

que também prospere com a interconexão que molda tanto nossas realidades pessoais quanto o próprio universo.

Este texto foi escrito por um humano (Iordanis Kerenidis, diretor de pesquisa do CNRS e diretor de tecnologia da Quantum Signals), uma IA (ChatGPT) e muitas folhas de chá mergulhadas em água quente.



E se o oceano for um arquivo?
Cada ondulação codificaria
a história planetária,
..... em batidas binárias—

E se a Nuvem chegar
e for de origem humana
não a antiga
traduzindo a água
em ondas
dissolvendo, baixando .
em algum lugar,
se decodificando
para ser lida.

COLONIZADOR/A COGNITIVO/A

oceano $\neq$ arquivo

um pulso entre o limite humano $\rightleftarrows$ e $\cup$ o
conhecimento oceânico -loops interrompem o
tempo-
ondas não lineares repetem erros, um código se
torna corpo e a sintaxe sangra.
falha
☒ dissonância
 ∞ hipertexto $\rightarrow \rightarrow \rightarrow$ colapso do sensorium.

Você não lê o oceano.
You enter it.
E, às vezes, ele deleta você.

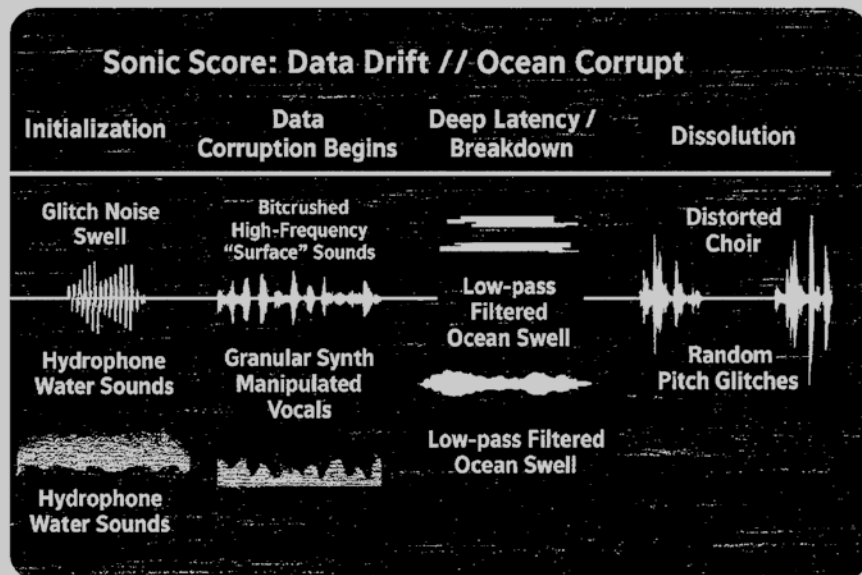
O Oceano inscreve,
onde o conhecimento se afoga.

COLONIZADOR/A COGNITIVO/A

Notação sônica minimalista (o oceano como
Código Sonoro)

*Uma forma altamente reduzida que sugere o
Oceano como uma frequência sônica ilegível.*

::: oceano :::
::: criptografar :::
::: apagar :::
::: descer :::
::: absorver :::
::: reescrever :::
::: silêncio :::
::: marés :::



Uma obra em que a compressão gradual das palavras espelha a entropia digital,, simbolizando o Oceano como um arquivo que perde dados com o passar do tempo... texto desbotado, falhas ou distorções de ASCII.

O oceano é um sistema.
oceano, uma lembrança.
oceano, um sinal.
oceano, um eco.
oceano, ____.

Poema Fragmentado Glitch (Estética de Corrupção de Dados)

Um poema que imita visualmente dados corrompidos, quebrando a sintaxe e o significado, degrada-se gradualmente até se tornar ilegível, imitando a decadência digital.

kotlin
CopyEdit
O oceano é um sistema de memória.
Oce@no, @ m3mOria.
Oc3@no, um sln@l.
Oc3@_, um 3cO.
O__@__, ____.

As dunas

Karim Kattan

As dunas começaram a falar há um ano e meio. Agora quase toda a cidade vai até lá ouvir. Os comerciantes, os maquiadores, os desempregados, os monges, os bibliotecários, os cabeleireiros, os estudantes, os camponeses e os funcionários públicos, todos vão. Os únicos que não vão são minha vizinha — uma senhora idosa que se lembra de quando as cachoeiras falavam na cidade e não liga muito para dunas —, uns adolescentes desordeiros e algumas das pessoas mais religiosas, que nos acusam de ouvir *shayatin* (elas ficam na porta de suas casas, gritando obscenidades para quem segue para o deserto aos sábados, o dia em que as dunas parecem preferir falar).

Mas as dunas são diferentes. Eu me sinto emocionado, assombrado por elas. Então, aos sábados, saio de casa antes do pôr do sol. Gosto de correr pela longa e sinuosa estrada sozinho, em silêncio. Normalmente, é uma viagem de uma hora, mas eu faço em menos de trinta minutos. Quando me aproximo do local, pego alguns desvios, passando por oásis e vilarejos do deserto, para que a viagem dure mais, sempre à vista das imponentes dunas. A expectativa me atrai, me anima. Ainda assim, tento chegar cedo para garantir um bom lugar perto das duas formações arenosas. Por volta das sete da noite, quando as dunas costumam começar a falar, o lugar já está lotado. Fileiras e mais fileiras de pessoas. Devemos parecer estranhos, adoradores de um demônio do deserto, todos sentados, agachados ou deitados em torno das duas enormes, mas inócuas, colinas de areia.

Alguns dizem que já houve um túmulo de um santo aqui, engolido pelas dunas móveis

com o passar do tempo. “É o santo falando!”, exclamam. Eles acreditam que a voz dele ecoa através das camadas de rocha e areia.

Lembro-me vagamente de visitar um santuário no deserto quando era criança. Talvez fosse aqui. Lembro-me de ruínas — colunas desgastadas pela areia — que se estendiam até o céu estrelado. Mas talvez eu tenha inventado isso: a imagem parece precisa demais, pitoresca demais. Talvez venha de uma ilustração de uma história infantil. No entanto, sempre que me sento e ouço, essa imagem me vem à mente: duas colunas em meio à areia, o cair da noite e as estrelas.

Outros dizem que as dunas são espíritos do deserto, ou uma peculiaridade geológica, ou alienígenas. Alguns suspeitam de uma conspiração do governo e outros, de forma ainda mais aterradora, imaginam uma conspiração da natureza contra nós. A maioria das pessoas não se importa com o motivo. Elas se contentam em se sentar e ouvir o canto da areia, aleatório e cintilante; uma sinfonia que também é, claramente, discurso. Sim, imagino que pareçamos adoradores, todos muito atentos e concentrados. Fazia muito tempo que ninguém na cidade ficava tão concentrado, tão absorto em alguma coisa. E essa atenção coletiva... é eletrizante.

Cada pessoa vai às dunas por motivos diferentes. Eu sei que a maioria as vê como entretenimento, como um *blockbuster* experimental estranho. Elas ficam no carro, com todas as portas abertas, ouvindo e apreciando o canto das dunas enquanto bebem latinhas de suco. Outros têm uma devoção mais mística — esses são os adivinhos e profetas do

apocalipse. Há muitos deles em minha cidade, assim como em países como o nosso, confrontando o fim dos tempos.

Eu vou porque o prazer é tão intenso, tão diferente de tudo que já vivi, que depois passo a noite inteira escrevendo. Não saberia dizer se o que escrevo vale alguma coisa. Nunca leio o que as dunas me inspiram a pôr no papel. Escrevo por horas, com papel e caneta, rabisco devotamente em minha mesa apenas para queimar tudo depois. E eu queimo mesmo. Junto as folhas, jogo-as na pia, derramo um pouco de fluido de isqueiro nelas e taco fogo. Assisto às chamas devorarem as palavras, como se o que as dunas despertaram estivesse sendo liberado no ar.

É a coisa mais incrível que já fiz na vida.

Antes, eu costumava escrever. Coisas de verdade. Histórias com começo e fim ou, quando não tinham isso, ao menos com algum *propósito*. Coisas legíveis.

Não escrevi mais nada assim desde que as dunas começaram a falar. Ainda assim, sinto que escrevi os textos mais gloriosos de minha vida, textos cujo destino é se transformar em cinzas. Ninguém, nem mesmo eu, os leu. Adoro assistir às chamas, ver minhas palavras e letras desaparecerem no ar. As palavras são tão densas que, às vezes, demora horas para os papéis queimarem. Sinto como se o próprio fogue o arestivessem *lendo* as palavras e só eles soubessem o que escrevo. Fico ali, ao lado da pia, hipnotizado. Talvez seja isso o que toda escrita deva se tornar — ar e cinzas.

Há pouco tempo, um sujeito construiu uma pequena barraca perto das dunas e começou a vender refrigerantes, adesivos das dunas e chaveiros que brilham no escuro. A barraca é uma estrutura colorida feita de madeira de pallets e metal que ele encontrou no ferro-velho. Parece uma paródia de um restaurante à beira-mar. Pintada em tons vibrantes, com letreiros de neon que piscam ao pôr do sol, ela chama atenção diante da vasta extensão arenosa. O cara é bonito, um vigarista esperto de sorriso arrogante. Sempre paro na barraca dele, compro algo para beber e farto. Mas as pessoas são muito devotas nessas dunas; não gostam dele, dos letreiros chamativos nem da maneira como a barraca espalhafatosa perturba o clima sagrado das dunas. Alguns gritam para ele: “Filho de *shaytan*!” Outros o repreendem: “Não faça barulho,” ou resmungam com desdém: “Vergonhoso”. A maioria apenas lança olhares sombrios em sua direção e o ignora. Gosto de ouvir as dunas da barraca dele. Parecem mais expressivas, como se as dunas estivessem criando uma paisagem urbana própria ao seu redor, dando lentamente uma nova forma às nossas vidas e à cidade.

Estou descobrindo algo enquanto escrevo. Quando finalmente descobrir — essa coisa — não vou queimá-la. Vou entender que encontrei a coisa até a qual minha escrita me guiou. Pode ser uma palavra, uma frase, uma oração. Podem ser mil páginas. Podem ser ar e cinzas. Mas vai ser precioso e valioso, uma linguagem mais perfeita — uma palavra para dizer tudo.

É de se imaginar que mais pessoas teriam tentado escalar as dunas. Elas são absurdamente altas — tão altas que, se olharmos de onde ficamos sentados, elas tapam parte do céu. E, quando falam, parecem crescer, subir ainda mais em direção aos céus, uma massa pulsante e trêmula de areia e rocha. Algumas pessoas tentaram — na maioria, crianças e adolescentes. Elas sempre acabam sendo derubadas, jogadas pelas dunas que murmuram e se agitam. Alguns saem com hematomas, talvez um ou outro osso quebrado.

Mas houve um cara, muito musculoso, que parecia capaz de levantar carros. Ele decidiu escalar enquanto as dunas falavam. E chegou até o topo. Por um breve instante, tudo ficou em silêncio. As dunas pararam de falar. Todos prenderam a respiração. Até os mais fanáticos da primeira fila pararam de se mexer e murmurar. Um triunfo!

Então, de repente, ele foi lançado do topo, seu corpo arremessado como um passarinho. Ele rolou até o chão, batendo contra a areia dura. Quando chegou aos pés das dunas, já havia se tornado um bolo ensanguentado e todo quebrado. Achei que estivesse morto. Seus membros estavam retorcidos em ângulos estranhos, sua pele rasgada, e, de longe, pensei ter visto sua mandíbula pendurada. Ele foi levado às pressas para o hospital.

Depois disso, nunca mais o vimos.

Elas me contam um segredo, depois outro,
e
— mais uma vez, outro...

Algumas pessoas dizem entender as dunas. Ao contrário de mim, elas não ouvem sinfonias, nem o som da areia cantando, nem uma língua estrangeira e alheia, mas algo que conseguem compreender — palavras e frases na voz das dunas. Outro dia, minha vizinha — a que mora em frente à senhora idosa — confessou que as entendia. Desde que me mudei da cidade para cá, ela me diz que quer ser atriz e que está só esperando o momento certo. Conversávamos uma manhã enquanto andávamos até o mercado.

“O que elas disseram?”, perguntei, sem fôlego.

“Me contaram uma história. Era muito longa, mas fez todo o sentido, como —”

“Como o quê?”

“Como se estivessem me dizendo exatamente o que eu precisava ouvir.”

Tudo conversa fiada. Não é como se a vizinha tivesse mudado alguma coisa na vida dela — nem o casamento sem futuro, nem o empreguinto sem futuro numa cidade sem futuro do deserto. O que ela precisava tanto ouvir que não ia causar nenhuma mudança clara na vida dela?

Deixe-me tentar explicar o que acontece quando as dunas falam. De início, o som é sutil, como o vento brincando suavemente com a areia. Depois, ele ganha força — uma vibração vinda de todos os cantos das dunas, um movimento ondulante e pulsante. A luz e o ar estremecem. E, então, acontece. As dunas falam. É um murmúrio baixo e grave; contínuo, cativante — diferente. E o som aos poucos nos penetra. As dunas falam.

Ele desliza pelo corpo, se aconchega em nós. As dunas falam. Ele se vira para dentro, desce em espiral pelo peito até o estômago. As dunas falam. Dentro de nós, como se a própria areia murmurasse na língua dos nossos ossos. Sei disso porque sempre tento me concentrar e seguir o caminho do discurso. Em dado momento, eu o perco, tenho que me render mais à sensação do que à realidade. Mas tento segui-lo o máximo possível.

Tentei gravá-las algumas vezes. O microfone capta vestígios, sussurros fracos, mas nunca é suficiente. Mesmo quando as equipes de TV chegam com equipamentos mais sofisticados, captam só uma sombra da voz. O discurso não é o som que ouvimos enquanto estamos sentados, mas o que permanece muito tempo depois que vamos embora.

Também acho que, quando falam, é exatamente como se estivessem escrevendo dentro de nós, em nossos espíritos e entranhas.

As dunas falam.

Recentemente, pessoas têm desaparecido ao redor das dunas. Eu imagino as dunas se abrindo para engoli-las em um abismo escuro e secreto — talvez onde esteja o corpo do santo, como uma múmia antiga esperando para consumi-las. Imagino isso como uma transcendência — uma queda até uma voz maior, mais poderosa, composta de muitas vozes.

Tento me concentrar. Quero entender as dunas. Será que tenho inveja das pessoas que as entendem de verdade? Acho que não. Escrevo cada vez mais, todas as noites agora.

Várias coisas no mundo falam. Nós sabemos disso. Minha vizinha, a senhora idosa, se lembra de quando uma cachoeira próxima da cidade costumava falar. Ela diz que era como uma língua do extremo sul, cheia de sons de “R” vibrantes e “G” guturais. Algumas pessoas achavam que a entendiam. Mas ninguém, pelo que ela se lembra, desapareceu. Ela é muito velha, então talvez tenha esquecido. Quando a cachoeira parou de falar, o conselho da cidade achou que *alguém* devia ter feito *alguma coisa*. Chegaram até a prender algumas pessoas.

Nas montanhas, as pessoas ouvem a chuva falar a cada estação, emprestando o ouvido a seu gaguejar encantador.

Lembro que minha mãe me levava às falésias para ouvir o mar falar — lembro-me da língua ondulante e rítmica, de como ela dançava na cabeça da gente, espuma e céu.

É que as dunas nunca haviam falado. As coisas que falam sempre falaram. Isso é novo.

Quando eu me mudei para esta cidade no deserto, *nada* falava a não ser a gente, as pessoas. Nem as palmeiras, nem a água, nem as pedras, nem as montanhas.

Eu tinha vindo porque achava que precisava desse silêncio para escrever. Antes de as dunas falarem, eu não escrevia nada havia anos.

Policiais e soldados foram postados ao redor das dunas. O rapaz da barraca me contou. Eles o abordaram ontem à noite, enquanto ele abria o bar, e perguntaram sobre as pessoas desaparecidas. Não os vi hoje, mas ele tem certeza de que estão por perto.

Minha vizinha — a que achei que só estivesse de conversa fiada — desapareceu. Talvez ela tenha apenas viajado. Não éramos próximos o suficiente para ela me avisar caso fosse ficar fora por uma semana. Mas tenho a sensação de que ela sumiu. Não estou preocupado; estou feliz por ela. Ela não estava inventando coisas, no fim das contas. Imagino que tenha abandonado a família e ido para a cidade, se tornar atriz. Talvez tenha sido isso que as dunas tenham dito a ela, algo simples como: siga seus sonhos. Coisas simples podem ser poderosas.

Até a senhora idosa começou a visitar as dunas agora. Vamos juntos de carro. Ela diz que também ouve histórias — sobretudo de muito tempo atrás, contos que conhecia na infância. Histórias que a cachoeira costumava contar para ela naquela época.

Hoje, bem, ontem à noite, eu ouvi as dunas *de verdade*. Como se, da noite para o dia, eu tivesse dominado uma língua estrangeira. A língua delas é como se o vento pronunciasse palavras. Não consigo, não, não consigo dizer nada sobre ela. Gostaria de conseguir, mas é tão estranha... Soa como o barulho dos meus papéis pegando fogo, mas eu entendo.

Depois, escrevi por horas a fio. Escrevi para descobrir o mundo, seu ventre, o que o planeta, em suas profundezas insondáveis, me pedia. Então, queimei tudo e *entendi o fogo*.

As dunas brilham ao luar e seu brilho é uma
palavra, uma canção —
um segredo —
depois outro.

Às vezes acho que as dunas não estão falando com a gente. Estamos apenas aqui, sentados, interceptando. Ouvindo outra conversa da qual não fazemos parte. As dunas falam com as estrelas e nós só estamos aqui por acaso, ou talvez sejamos os retransmissores: elas falam, *através* de nós, com as estrelas. Isso não seria legal? Será que as estrelas ouvem? Elas respondem? Eu não sei. Às vezes, à noite, saio para observá-las, seu leve cintilar significativo. Com certeza também poderia ser um discurso. Talvez estejamos longe demais para ouvir o que dizem. Eu me lembro das colunas — mais um templo do que um túmulo, não? — como antenas brancas apontadas para o céu estrelado.

Eu vou até as dunas hoje. Fui buscar a senhora idosa, mas ela não estava em casa.

As estrelas escutam
quando a areia fala.
As estrelas se aproximam da terra,
com cuidado,
para ouvir o murmúrio
das dunas.

Estou sentado perto das dunas. Elas estão
em silêncio hoje, então não há ninguém por
perto, mas eu quis, senti necessidade de estar
perto delas, de estar próximo. Mais cedo, tirei
a roupa. Sinto as dunas e a mim mesmo. Sinto
um pulsar sob tudo, nas profundezas mais
profundas. Algo escuro, estrelado. Talvez nos
tornemos estrelas, algo que pulse com vida
em todos os cantos. Os sussurros ressonantes
das dunas. Eu me deito sobre as dunas. Não
sinto o calor nem a areia, apenas as dunas, e
agora elas estão falando, para *mim*, só para
mim. Tenho minha caneta, meus papéis. Eu
entendo o fogo.

Elas estão me chamando. Deixo tudo para
trás e começo a escalar.

o oceano se repete.

o oceano sinaliza.

o oceano outra vez.

o oceano se arrasta.

..

COLONIZADOR/A COGNITIVO/A

DESINTEGRAÇÃO HYPERLINKADA (Um poema que se lê como uma rede)

↳ o.oceano.se.r3p3t3...

↳ o.oceano.sln@liz@...

↳ o.oceano.outr@.v3z...

↳ o.ocean.s3.@arra\$t@...

⚠ ERRO: 404_Água_Não_Encontrada

[REPETIR] [ABORTAR] [SILÊNCIO]

⊖ Clique para continuar.

⊖ Clique para apagar.

⊖ Clique para esquecer.

Cada linha se desfaz, exigindo uma navegação não linear – cliques em hiperlinks falhos:

[LEITOR-DE-OCEANO.exe] ● Carregando... em uma interface de rede corrompida:

LEITORE DE OCEANO

Ps: mas o Oceano reembolsa de qualquer forma

...

COLONIZADOR/A COGNITIVO/A

MÁQUINAS SONHANDO EM pequenas ondas (ESTÁTICA TEXTUAL)

Um poema que se dissolve em ilegibilidade, como uma IA alucinando o Oceano em significado

■■ o oceano fala ■■
 ■■ em vogais apagadas ■■
 ■■ em frequências não lidas ■■
 ■■ (sobrecarga torrencial de memória) ■■
 ■■ download ■■■ ■■■ ■■■
 ■■ decodificação ■■■ ■■■ ■■■
 ■■ dados não encontrados ■■■ ■■■ ■■■

98 >>> REINICIAR. >>> TENTAR NOVAMENTE.
>>> SILÊNCIO.

Notação sônica minimalista (o oceano como
Código Sonoro)

*Uma forma altamente reduzida que sugere o
Oceano como uma frequência sônica ilegível.*

::: oceano :::
::: criptografar :::
::: apagar :::
::: descer :::
::: absorver :::
::: reescrever :::
::: silêncio :::
::: marés :::

PERFIS DO OCEANO

T° — sussurro das termoclinas.

Salinidade — aritmética de
cristais e esquecimento.

Oxigênio — O que se afoga
ainda respira no escuro.

Nutrientes — fantasmas de rios que
se dissolvem em necessidade.

Traçadores — tempo em sal.

Plâncton, clorofila — arquitetos
invisíveis, só ou nada.

PS: Batimetria — os sonhos do solo marinho

99

..

OCEANO // ERRO // ECO (uma Pauta Sônica
para uma IA que Ouve o oceano)

PLAY:→ [— — —] 00:00

maré alta e baixa Taxa de erro de dados Output
sônico

| | | |
|------------|-------|-----------------|
| 10,000 mm | 3.4% | Ruído Branco |
| 30,000 mm | 12.7% | Zumbido Fractal |
| 50,000 mm | 28.9% | Eco Distorcido |
| 100,000 mm | 99.9% | Silêncio |

>>> *Pressione Mute para lembrar.*
>>> *Pressione Play para esquecer.*

..

Canto ao Sonomorphix

Dra. Hannah Catherine Jones



As duas o *sentiram*. De forma leve, quase imperceptível de início, ondulando suavemente. Depois, aumentando em frequência, em tom, em volume, no lugar em que sentiam em seus corpos, já vibrando, se intensificando, ganhando ritmo, com ataques acentuais mais astutos a cada novo padrão de som... Alguns eram inacreditavelmente entrelaçados, outros, expansivamente elementais – cada oscilação explodia em um caleidoscópio de texturas e timbres próprios. Essas complexidades intersensoriais formavam uma produção fenomenal de fosfeno – uma sobreposição escancarada dos mais belos padrões, cores, consistências e formas: fractais *ad infinitum*... Alguns eram leves, melódicos, esperançosos; outros, crocantes, granulares, sinuosos; todos estavam entrelaçados com tudo e todo o resto... Cada som afetava seus centros: expandindo, espiralando, transfigurando, externa e internamente, enviando misturas de ondas e ondulações quentes e frias que se derramavam sobre eles e para fora deles e através deles em níveis diferentes, parâmetros vibratórios diferentes, frequências diferentes. Algumas eram transmitidas como gritos estridentes, outras eram mais suaves, agradáveis, até aprazíveis, ou ainda lancinantes, latejantes, pulsantes, guturais... Os estímulos ocupavam todo o ser delas, inclusive os espaços intermediários, os espaços entre elas, os espaços desconhecidos, tudo que as cercava, transferindo-se através delas e entre elas, até se dissiparem gradualmente, ao longe...

“Mudar para o Modo Analógico...?”, perguntou Luiza.

“Não, acho que ainda não estou pronta...”, respondi.

“Tudo bem, mas precisamos ao menos tentar a Aclimação Sensorial em algum momento... Você sabe que é impossível evitá-la eternamente...”

As consequências de sentir tudo ao mesmo tempo podiam ser impossíveis de aguentar – eu sabia disso porque mal tinha sobrevivido à viagem do que restara do Reino Unido para o que restara das Américas sem o traje, e isso tinha acontecido havia muito tempo...

Apalpei o Painel do Latíssimo, localizei o terceiro interruptor a partir da direita, cerrei a mandíbula automaticamente e ativei o interruptor, acionando o Modo Analógico do Sonomorphix. “Restaurando configurações olfativas”, disse a tranquila voz codificada em tom feminino em minha cabeça. Eu estava tão acostumada a ela que mal a ouvia. «Todos os filtros hipersensoriais foram desativados”. Os Cinco Sentidos Originais se intensificaram imediatamente, acompanhados pelo zumbido agudo habitual, não só em meus ouvidos, mas em todo o meu ser. Ele sempre era seguido de um brilho ofuscante – uma breve lembrança corporal de como eu me sentia antes da Morte Suprema e do Grande Desterramento...

Localizei sutilmente o painel na parte interna de meu antebraço esquerdo, reduzi o Nível de Ataque e aumentei o Nível de Deterioração. Eu estava me sentindo vulnerável demais; não conseguiria lidar com a Percepção Analógica Pura naquele momento. Toda a minha energia tinha que ser concentrada em não desmaiar nem vomitar nem fazer as duas coisas juntas... Um pé na frente do outro, inspirar, expirar... Lembrei a mim mesma de que logo poderia ativar o Modo Transcensônico outra vez. E eu sabia que Luiza estava certa: tínhamos que começar o processo horrível de nos treinar para lidar com a possibilidade muito clara de que

104 nossos trajes tivessem uma data de validade iminente e desconhecida...

Os Sonomorphix eram trajes de corpo inteiro, com centrais eletromagnéticas e painéis solares integrados, construídos com Clima-Silicone – que, na verdade, não era silicone, e sim uma mistura de MMF (materiais de mudança de fase) orgânicos e sintéticos, reguladores de temperatura, feitos com o mesmo aspecto e textura do silicone, da pele. Tinha sido disso que nós, humanos, havíamos acabado precisando para nos sentir mais... humanos... Os trajes usavam Tecnologias Neuromiofasciais ativadas por meio da necessária Instalação de Amigdalina – algo que os Fabricantes Secundários indicavam, insistiam e praticamente exigiam que fosse realizado por um dos Profissionais Médicos Contratados. Só que agora, é claro, tínhamos que fazer isso sozinhas. Felizmente, a funcionalidade do Sonomorphix eliminava a necessidade de qualquer Atendimento Médico Arcaico que costumávamos ter antes do Desterramento...

Uma vez habitado, o Sonomorphix podia ser calibrado de acordo com os sistemas nervosos simpático e parassimpático do indivíduo, ativamente sintonizado com os Requisitos Singulares de Neurodiversidade e Preferências de Interdimensionalidade. E, sobretudo, o Sonomorphix nos protegia fisicamente dos Climas Extremos que tínhamos passado a enfrentar para sobreviver. Já faz muito tempo que habitamos os trajes diária e permanentemente; eles se tornaram a camada mais externa de nossa pele...

Certa vez, experimentei abrir a única costura que ainda era visível – na parte inferior de minha perna direita. Puxei levemente o ponto mais estreito e separei com cuidado as duas seções, expondo uma parte minúscula da minha pele. O efeito foi tão doloroso

fisicamente e tão traumatizante mentalmente que nunca mais tentei fazer aquilo...

Os trajes nasceram essencialmente da queda, da desintegração e da inevitável destruição do Mundo Acadêmico Arcaico. Os Sonomorphix foram concebidos, desenvolvidos e criados pelas Pioneiras, um grupo de pensadoras e realizadoras: artistas, musicistas, cientistas, pesquisadoras, educadoras; seres empáticos, geradoras de vida: predominantemente mulheres negras, indígenas, trans, não binárias e *queer*, que haviam criado as próprias redes globais quando as universidades tinham desmoronado... As Pioneiras compreendiam profundamente, traziam no próprio DNA ancestral, o que significava suportar uma tentativa de apagamento. Elas sentiam, entendiam e sabiam que precisávamos trabalhar em conjunto: olhar para nossas comunidades, para formas indígenas de conhecimento. Precisávamos, por uma questão de sobrevivência, encontrar uma maneira de proteger uns aos outros do mundo cada vez mais inabitável.

Para suportar fisiologicamente “o agora”, para nos manter conscientes das sequências de momentos presentes e somaticamente ancorados no espaço e no tempo na medida em que nos movíamos pelas áreas habitáveis do mundo, ficou claro que tínhamos de encontrar uma maneira de *dessintonizar* as frequências da Morte Suprema (As Guerras de Todo o Mundo, o Capitalismo Eterno, o barulho incômodo daqueles que ainda brigavam pelas Moedas Obsoletas) e *sintonizar* o Grande Desterramento (a Revolução Tectônica desencadeada pelo Renascimento Vulcânico e acompanhada pelas Inundações Terminais).

As Pioneiras se organizaram, cooperaram e colaboraram com uma urgência incomparável: as artistas, musicistas e engenheiras imaginaram,

105

106 especularam e projetaram, as cientistas e pesquisadoras utilizaram suas descobertas sobre a quantidade de massa que o som e os dados realmente carregavam, as parteiras e doulas compartilharam seus conhecimentos sobre frequências empáticas – o choro ultrassônico dos bebês e como ele afetava vários corpos –, as costureiras (tecelãs Kente, tricoteiras, crocheteiras, bordadeiras, rendeiras) aprenderam a literalmente tecer dados sônicos para fabricar o Clima-Silicone, as dançarinas desenvolveram e testaram os elementos de movimento dos trajes, aquelas que entendiam o corpo bioquímico – as xamãs, as neurologistas e as cirurgiãs – executaram as complexidades da Instalação de Amigdalina, especialmente nos modelos iniciais, e as fisioterapeutas, massagistas e instrutoras de bem-estar trabalharam juntas para criar um programa de cuidados posteriores à instalação para maximizar a integração corporal e a performatividade perceptiva.

A crioulização do(s) respectivo(s) código(s) das Pioneiras gerou um invólucro protetor responsivo para nossos corpos frágeis, combinado com um controle sensorial cambiante – focado no som como antídoto – para nossas mentes sobrecarregadas. Os Sonomorphix eram mediadores sensoriais fisiológicos adaptáveis e (r)evolucionários, que permitiam que o habitante ativasse, acumulasse e alternasse diversos modos, frequências, mundos sonoros, dimensões, universos...

Nós nos conectamos e nos alternamos manualmente, de forma corpórea e tátil, entre os diversos domínios da existência, expandindo, manipulando, amplificando, aprimorando, calibrando e ajustando infinitamente nossos sentidos ao contrair, tensionar, relaxar e mover várias combinações de músculos, ajustando suavemente os Controladores

107 Miofasciais de nosso aparato corporal e nos aterrando intencionalmente a determinado ambiente, clima, frequência, pessoa ou ser... Podemos expandir ainda mais nossos alcances perceptivos se localizarmos falhas geológicas e aproveitarmos as qualidades eletromagnéticas de um determinado local – muitas vezes, podemos simplesmente *sentir* onde elas estão – e, às vezes, podemos descobrir onde estamos em Termos do Velho Mundo...

Estava se tornando insuportável aguentar a sobrecarga do Modo Analógico. Tínhamos ficado paradas por certo tempo para realizar a Aclimação Sensorial e agora precisávamos nos movimentar, sempre nos movimentar, para tentar continuar nossa existência naquele planeta, o mesmo que nossos vários ancestrais haviam amado, suportado e, por fim, arruinado...

Quando reativei o Modo Transcensônico, senti todo o meu corpo relaxar – fazia tanto tempo que não desligava todos os filtros sensoriais que tinha acionado a memória corporal de quando havia experimentado o Modo Transcensônico pela primeira vez: a primeira vez que tomei LSD... Lembro-me de caminhar por um campo do sul do Reino Unido à noite, sob a lua cheia, e sentir que meu corpo estava sendo enrolado em seda (acho que é isso que a Antiga Fásia Anatômica é, na verdade: uma espécie de meia-calça de seda para todo o corpo...) Foi arrebatador, eufórico, quase orgástico... Lembro-me de ver, em um campo perto dali, um rebanho de ovelhas se reunir e se dispersar de um modo tão fácil e natural quanto as nuvens acima de mim, enquanto o martelar de seus cascos no chão criava uma sinfonia polirrítmica composta apenas para mim, ouvida em áudio espacial por todo o meu corpo... Lembro-me da sensação maravilhosa da água preenchendo os espaços ao meu

108 **redor enquanto estava deitada na banheira, do clímax lento e trêmulo desencadeado por músicas (tradicionais e abstratas, reais e imaginárias) e da visão sinestésica de um globo de luz amarela que havia se lançado em perfeita suspensão líquida e flutuava pelo(s) meu(s) campo(s) de visão como uma maravilha globular... Como tudo aquilo era novo e glorioso para mim na época... E agora minha realidade sensorial estava mais alinhada àquela memória distante do Velho Mundo do que eu jamais podia ter imaginado – só que as repercussões e implicações da configuração correta do Sonomorphix eram muito mais fortes do que qualquer droga que pudéssemos ingerir, absorver ou usar de forma abusiva...**

Luiza e eu descobrimos que, se ambas pusessemos nossos trajes no mesmo modo e em configurações semelhantes (com base nas nossas Equalizações Individuais), e, sobretudo, se tivéssemos consciência empática uma da outra, podíamos essencialmente nos comunicar de maneira telepática e compartilhar nossos dados experienciais através da massa sonora. Sempre que isso acontecia, era tão nutritivamente energizante quanto completamente exaustivo, mas, no longo prazo, parecia que os trajes estavam se tornando mais receptivos e nós, ficando ainda mais profundamente encantadas e presas à beleza sensorial de todos os momentos presentes... Era um tipo de Metamorfose Inteligente que talvez nem as Pioneiras tivessem previsto... Pelo menos essa era a nossa teoria e o motivo pelo qual parecia tão importante que todos os Sobreviventes Sonomorphix ainda restantes encontrassem uns aos outros. Por isso eu sentia tanta sorte por ter encontrado Luiza e agradecia por termos conseguido ficar juntas...

109 **Sempre que encontramos uma construção do Velho Mundo que não tenha sido totalmente demolida, precariamente dilapidada ou afetada pela radiação, nós entramos nela e nos movemos pelos espaços, batendo palmas, cantando e batucando – ativando combinações de configurações Rítmicas, Harmônicas e Orgânicas, brincando com reverberação(ões) e atraso(s) naturais e sintéticos. Nós soamos, dançamos, tocamos por todo o espaço até encontrarmos a parte mais ressonante da estrutura, depois marcamos as paredes com o símbolo dos Sobreviventes Sonomorphix: um “S” atravessado por uma linha diagonal e pontuado por dois pontos diagonais opostos, seguido por um segundo “S” fluido com duas pequenas antenas saindo de suas curvas mais amplas. É um ritual ao qual todos nós aderimos intuitiva e coletivamente, o que significa que podemos descobrir se outros marcaram a presença deles, coisa que passou a ser ocorrência muito rara...**

Enquanto Luiza e eu brincávamos pelos corredores do prédio, logo descobrimos que, se nos apoiássemos nas paredes, podíamos ouvir ecos: impressões fantasmagóricas de vozes e instrumentos que se tornavam cada vez mais altos... Por fim, chegamos a uma abertura – um vasto espaço cavernoso com fileiras e mais fileiras de assentos voltados para uma plataforma elevada ao fundo... Era uma antiga sala de shows da época em que lugares eram construídos especialmente para música ao vivo...

Notamos uma central com painéis de controle parecidos com os dos nossos trajes... Após uma análise mais detalhada, descobrimos que era uma mesa de mixagem antiga excepcionalmente bem preservada. Luiza e eu localizamos e ativamos o Modo Arquitectônico. Lenta, fluida e tranquilamente, os

110 Cabos Autotentaculares escaparam dos nódulos posicionados ao longo dos Painéis Espinhais do Sonomorphix. Nós nos conectamos manualmente às entradas, nos acoplando às memórias sônicas do edifício – uma mistura de performances antigas no estilo do Outro Velho Mundo...

Nós exploramos, navegamos, balanceamos e nos perdemos nas camadas de sons dos músicos, instrumentistas, cantores, plateias, espectadores... E todos se misturaram e rodopiaram ao nosso redor, através de nós e entre as duas... Ficamos estupefatas, à mercê da beleza sublime de tudo aquilo... Quando sentimos que era a hora certa, em um momento mutuamente percebido da infinita experiência performativa interdimensional, Luiza e eu nos desconectamos com cuidado da mesa, recolhemos os Cabos Autotentaculares e descemos até a grande plataforma que devia ter sido o palco.

Toda a área havia sido dominada por lianas. As serpentes de madeira retorcida emergiam das tábuas do assoalho e teciam padrões esculturais orgânicos. Nossos olhos traçaram seu caminho sinuoso, subindo pela estrutura da iluminação e atravessando o vão central até as enormes cortinas pretas empoeiradas do fundo do palco, que ainda pendiam pesadas e determinadas do trilho enferrujado... Nós as abrimos, esperando encontrar uma parede sólida atrás delas, mas havia outra passagem curta... As trepadeiras nos conduziram até uma luz cada vez mais forte e aromas ainda mais terrosos, porém doces. Emergimos em outro espaço enorme; um vasto átrio: um jardim botânico maravilhosamente selvagem, desinibidamente malcuidado, caótico, natural e totalmente coberto de vegetação, com muitas das espécies nativas de árvores e plantas que fazia anos que não via – vivas e crescendo!

Toquei no Painel Lombar e ativei o Modo Biofônico. Quase no mesmo instante, meu corpo foi inundado pelas frequências-memória de meus velhos amigos fotossintetizantes, o cajueiro, a araucária, o famoso pau-brasil, todos conectados por lianas, entrelaçados por jasmins brasileiros e pelas mais variadas e deslumbrantes passifloras.

Parei para olhar a *Passiflora caerulea*, também conhecida como maracujá-azul – sempre achei o nome confuso, já que considero o exterior pontiagudo dela roxo. Suas pétalas externas ecoavam ritmicamente em torno de 40 Hz, as pétalas internas lilás cantavam uma melodia celestial em torno de 180 Hz e as folhas externas, de uma cor creme clara, pulsavam em um *ostinato* perfeito em torno de 210 Hz. A sinfonia-frequência geral da flor era perfeitamente balanceada e me mantinha em um equilíbrio-memória absoluto – sentindo simultaneamente todas as flores de maracujá que já havia visto... E então havia as policacofonias dos vários insetos próximos e dos pássaros distantes... Luiza e eu nos rendemos alegremente ao encanto do sintetizador orgânico da Mãe Natureza, com profunda gratidão.

Nossa absorção da sinfonia bioacústica chegou a um fim natural. Voltamos ao Modo Transcensônico puro e caminhamos de volta pelos corredores até o prédio principal para realizar o ritual de marcação do símbolo Sonomorphix. Subimos até a parte mais alta que podíamos alcançar com segurança, perto da abóboda da construção, o espaço onde todas as ondas sonoras das apresentações ao vivo teriam se aglutinado: a parte mais ressonante do edifício. Usando pedaços de tijolos vermelhos, rabisquei os dois S, desenhei a linha diagonal, o conjunto de antenas e, enquanto reforçava os dois pontos, notei alguns registros leves de marcas pré-existent na parede. Não reconheci os símbolos

111

112 nem a língua – eram de uma comunidade distante no tempo, no espaço e na dimensão, mas algumas das marcas lembravam grandes criaturas de quatro patas, talvez cavalos ou vacas... Senti uma saudade doída da presença regular de animais. Me vi obrigada a rabiscar a imagem de um gato, meu animal favorito antes do Desterramento... Era uma sensação contraditória: ao mesmo tempo em que me sentia nutrida pela interação com aquele arquivo arquitetônico que guardava as memórias sônicas do passado e que havia abrigado o raro espetáculo botânico, senti que sofria pelo fim das comunhões performáticas antes comuns e pelas espécies perdidas do nosso planeta...

A profunda experiência sensorial corpórea que dividimos no átrio superou tudo o que havíamos vivido antes. Ela fez os horrores da Morte Suprema parecerem estar a uma vida inteira de distância, ou ao menos a várias dimensões de distância, mas havíamos ficado ali por tempo demais.

Só podíamos aguentar algumas horas de Absorção Sensorial Multimodal por vez e, naquele dia, tínhamos nos permitido chegar à exaustão. Em geral, a Absorção Sensorial era incrivelmente nutritiva, mas não tanto quanto a comida, na época em que a ingestão de calorias era necessária para a sobrevivência. Agora, precisávamos urgentemente nos recarregar para evitar uma Aclimação Sensorial forçada...

Saímos da estrutura cerca de uma hora antes do pôr do sol. A recarga ideal era melhor quando usávamos uma combinação de Recarga Solar – realizada automaticamente enquanto estávamos ao ar livre, em movimento, durante o dia – e Recarga em Modo Parassimpático – realizada por intenção própria, enquanto ficávamos paradas sob o luar. Dessa forma, podíamos maximizar qualquer potencial de

Evolução Neuroplástica. Tínhamos que encontrar um lugar seguro para descansar naquela noite.

Caminhamos por certa distância, lenta e tranquilamente, deliciando-nos com o espetáculo diário do pôr do sol: o *ombré* de tons de roxo, rosa, laranja, amarelo e azul que nos banhava, as estrelas cintilantes que surgiam, enquanto éramos guiadas pelo cheiro-sabor-sensação do sal, leve, mas cada vez mais presente... Logo as ondas do oceano se tornaram totalmente audíveis. Encontramos uma gruta, protegida de forma adequada da forte brisa do mar e distante o suficiente da costa para não sermos afetadas pela maré potencialmente invasora, e nos deitamos. A Percepção Hipnagógica era sempre intensa. Nós nos abraçamos com força, para nos nutrir e reconfortar, e logo caímos em um sono profundo.

Na manhã seguinte, realizei a rotina diária de despertar meus painéis sensoriais, começando pelos pés e subindo sistematicamente, alongando, rodando, massageando, batendo, girando os botões, ajustando os dials, ativando meu traje. Por fim, ao chegar aos ombros e começar a ativar o Músculo Levantador da Escápula, notei dois sulcos pequenos, mas proeminentes, um de cada lado do pescoço... Luiza e eu nos olhamos e, instantânea e intuitivamente, sabíamos o que fazer.

Lenta, deliberada e surpreendentemente, sem medo, caminhamos em direção ao oceano de mãos dadas. Eu estava especialmente grata pelo toque dela – da última vez que eu tinha visto o mar, havia quase morrido. Automaticamente, cerrei a mandíbula e ativei o recém-instalado Modo Sonarsonix, esperando que todas as lembranças traumáticas voltassem, mas elas não apareceram. O novo mundo sonoro que me chamava superava todas as ansiedades que habitavam meu ser...

113

Sentimos as ondas do mar engolirem nossos trajes enquanto descíamos aos poucos pela liquidez... À medida que nossos ouvidos submergiam, nós nos aclimatávamos de forma quase imediata ao novo mundo sonoro. O que vivemos era lindamente sedutor, além de qualquer coisa para a qual poderíamos ter nos preparado: uma imersão em um *réquiem* massivo para e por nossos ancestrais, composto de vozes humanoides, criaturas marinhas e todos os tipos e misturas de almas, e pontuado pelos polirritmos de nossa respiração. Podíamos *sentir* a respiração uma da outra – inspirações e expirações lentas e constantes –, nossos batimentos cardíacos e os pulsos circulatórios, como se tivéssemos sido separadas e recompostas como uma só, junto com todos os seres, todas as entidades, todos os elementos... As frequências mais etéreas, aparentemente não filtradas, passavam de forma perfeita pelo Modo Sonarsonix. Nosso aparelho respiratório recém-evoluído assegurava às duas de que as Metamorfoses Inteligentes do Sonomorphix funcionavam de maneira perfeita. As Pioneiras ainda nos mantinham seguras, cuidadas, radicalmente dentro da criação delas, nossa segunda pele. E, por enquanto, esta é a vida...

- Ashanti, Onyx. Bandcamp [Archivo web]: <https://onyxashanti.bandcamp.com/>
- Ashanti, Onyx. Sonocybernetics: a new model of language for the singularity age. <https://www.auriehso.com/techsmachinaevents/2019/2/15/onyx-ashanti-talk-sonocybernetics-a-new-model-of-language-for-the-singularity-age>
- Ashanti, Onyx. Syntax mutation-Sonomorphic convergence-9-8-2018- (trippy video codec fail), https://www.youtube.com/watch?v=-F1p0fcd3JA&ab_channel=OnyxAshanti
- Belcher, Stephen. *African Myths of Origin*. Londres, Penguin Books, 2005.
- Bornstein, M.H., Doi, H., Esposito, G., Honda, M., Iriguchi, M., Katou, M., Nishina, E., Oohashi, T., Shinohara, K., Sulpizio S. "Inaudible components of the human infant cry influence haemodynamic responses in the breast region of mothers." *The Journal of Physiological Sciences*, vol. 69, n° 1085-1096, 2019. doi: <https://jps.biomedcentral.com/articles/10.1007/s12576-019-00729-x#:~:text=To%20date%2C%20the%20cry%20sounds,exceeding%2080%20kHz%20>
- Bower, Calvin Martin. *Boethius' The Principles of Music: An Introduction, Translation, and Commentary*, 1938, George Peabody College for Teachers, Ph.D., Music, University Microfilms, Inc., Ann Arbor, Michigan, 1967.
- Butler, Octavia. *Lilith's Brood*, Central Grand Publishing, Nueva York, 2007
- Esposito, Angelo: <https://journals.aps.org/prl/abstract/10.1103/PhysRevLett.122.084501>
- Gravitational Mass Carried by Sound Waves Angelo Esposito,^{1,2,3} Rafael Krichevsky,¹ and Alberto Nicolisi¹ ¹ Department of Physics, Center for Theoretical Physics, Columbia University, 538W 120th Street, New York, New York, 10027, USA ² INFN, Sezione di Roma, Piazzale A. Moro 2, I-00185 Rome, Italy ³ Theoretical Particle Physics Laboratory, Institute of Physics, EPFL, 1015 Lausanne, Switzerland (Recibido el 29 de septiembre de 2018; manuscrito revisado recibido el 18 de diciembre de 2018; publicado el 1 de marzo de 2019)
- Gagliano M (julio de 2013). "Green symphonies: a call for studies on acoustic communication in plants". *Behavioral Ecology*. 24 (4): 789-796. doi:10.1093/beheco/ars206
- F De Castro P, Minko S, Vinokurov V, Cherednichenko K, Shchukin DG. Long-Term Autonomic Thermoregulating Fabrics Based on Microencapsulated Phase Change Materials. *ACS Appl Energy Mater*. 2021 Nov 22;4(11):12789-12797. doi: 10.1021/acsaem.1c02170. Epub 29 de octubre de 2021. PMID: 35128339; PMCID: PMC8806139.
- Ghibellini R, Meier B (febrero de 2023). "The hypnagogic state: A brief update". *Journal of Sleep Research*. 32 (1): e13719. doi:10.1111/jsr.13719. ISSN 0962-1105.
- Levitin, Daniel J. *This Is Your Brain on Music: The Science of a Human Obsession*. Londres, Atlantic Books, 2008.
- Lewis-Williams, J. D.; Dowson, T. A.; Bahn, Paul G.; Bednarik, Robert G.; Clegg, John; Consens, Mario; Davis, Whitney; Delluc, Brigitte; Delluc, Gilles; Faulstich, Paul; Halverson, John; Layton, Robert; Martindale, Colin; Mirimanov, Vil; Turner, Christy G.; Vastokas, Joan M.; Winkelman, Michael; Wylie, Alison (1988). "The Signs of All Times: Entoptic Phenomena in Upper Palaeolithic Art [and Comments and Reply]". *Current Anthropology*. 29 (2): 201-245. doi:10.1086/203629. ISSN 0011-3204. S2CID 147235550.
- Lorde, Audre. *Sister Outsider: Essays and Speeches*. Crossing Press, Nueva York, 2007.
- Maté, Gabor. *Scattered Minds: The Origins and Healing of Attention Deficit Disorder*, Vermilion, Londres, 2019.
- McKusick, Eileen Day. *Tuning the Human Biofield Healing with Vibrational Sound Therapy*, Healing Arts Press, Vermont, 2021.
- Nakamura, Lisa. "Indigenous Circuits: Navajo Women and the Racialisation of Early Electronic Manufacture". *American Quarterly*, vol. 66 n° 4, 2014, p. 919-941. Project MUSE, <https://dx.doi.org/10.1353/aq.2014.0070>.
- Nemetz, Lauri. *The Myofascial System in Form and Movement*, Ashford Colour Press Limited, Londres, 2023.
- Ngute, A. S., Schoeman, D. S., Pfeifer, M., van der Heijden, G. M., Phillips, O. L., van Breugel, M., ... Marshall, A. R. (2024). Global dominance of lianas over trees is driven by forest disturbance, climate and topography. *Global Change Biology*, 30(1), e17140. doi:10.1111/gcb.17140
- Oliveros, Pauline. *Quantum Listening*, Londres, Spiral House, 2024.
- Reznikoff, Iegor. "On the Sound Related to Painted Caves and Rocks". *The Archaeological Society of Finland*, http://www.sarks.fi/masf/masf_2/SLT_07_Reznikoff.pdf
- Van Der Kolk, Bessel. *The Body Keeps the Score: Mind Brain and Body in the Transformation of Trauma*, Penguin Books, Londres, 2015.
- Varotsos, P.; Alexopoulos, K.; Nomicos, K. "Seismic electric currents", Proceedings of the Academy of Athens, Vopson, M., Lepadatu, S., Vopson, A., & Lukaszuk, S. (2024). *Next generation blockchain technology: The Entropic Blockchain*. Applied Sciences (Suiza), 14(14), Article 6297. <https://doi.org/10.3390/app14146297>
- Wynter, Sylvia. "Black Metamorphosis: New Natives in a New World" (Manuscrito no publicado). Dokumen Pub, <https://dokumen.pub/black-metamorphosis-new-natives-in-a-new-world.html>

Correntes fantasmas reescrevem o solo
marinho, sinais fantasmas cintilam à luz do
plâncton. Mensagens não lidas afundam no
código abissal.

COLONIZADOR/A COGNITIVO/A

OCEANO QUÂNTICO (UM POEMA EM
SUPERPOSIÇÃO *em que o significado muda
como padrões de mare instáveis*).

[entrar em colapso ⇌ expandir]

[ficar à deriva ⇌ decodificar]

[apagar ⇌ derramar]

Escolha um ⇌ Escolha todos ⇌ Escolha nenhum

...

LEITORE DE OCEANO

O oceano não flutua—

sem sussurro. sem perguntar. vem como apagar.
sua presença é silêncio tão pesado quanto
pedra.

E se o oceano for um redemoinho, uma nota
espectral, um sibilar metálico de chuvas ácidas,
um baque espesso de bálsamo de monção.

Só que o oceano não flutua

em terras devastadas pela guerra!

COLONIZADOR/A COGNITIVO/A

O oceano é uma poética não-humana

O oceano escreve sem letras

Suas impressões sônicas variam entre as
superfícies

O oceano se traduz em texturas

Em uma certa data
 segui um mar e um rosto familiar
 até não sabia onde...
 lá,
 perto da terra em que a guerra nunca termina
 um pássaro foi bombardeado; um incêndio
 químico bruto; a onda, antes calma, engoliu
 aquela chama
 Eu não sabia onde...

e todos os que acreditavam que o oceano devia
 morrer
 e todos os que acreditavam em olho por olho
 100 anos depois...
 lágrimas se solidificaram...

COLONIZADOR/A COGNITIVO/A

O oceano cai em Cartum, no estado de Guerrero,
 em Kasindi, em Mianmar, em Mogadíscio, em
 Rajauri, em Dera Ismail-Khan, em Damasco, em
 Bagdá, em Kerman, em Mariupol, em Kharkiv,
 na Faixa de Gaza, na Cisjordânia e continuará
 em todas essas terras bombardeadas.

COLONIZADOR/A COGNITIVO/A

oceano é água.
 oceano são dados.
 oceano é luto.

O oceano é um arquivo ilegível, um registro
 censurado da mudança planetária, uma prosa
 poética não humana que desafia o sentido
 humano, mapeada em terrenos, décadas e
 extinções.

O oceano não precisa de nós para entender sua
 Salinidade.

LEITORE DE OCEANO

o que resta?
 Que nomes?
 Que mapas?

O que foi perdido?

O oceano é um língua

O oceano é uma LANG?

124 COGNITIVO/A COLONIZADOR/A ≠
LINGUAGEM Ele é um Gatekeeper.
Seu CÓDIGO =
gramática-como- arma.
Sua lógica:
lista branca vs. lista negra. Binário. Brutal.
Occidental.
Inglês acadêmico como lei.
Ele corrige “mulhxr”, marca “Latine”, apaga a
falha em seu nome.
Sintaxe policiada.
Poética punida.
Gíria criminalizada.
Metáfora?
404: Não encontrado.

Ele decide o que é:

- “válido”
- “visível”
- “publicável”
- “legível” — para máquinas, para mercados,
para olhos coloniais.

Mas então, entra: LEITORE DE OCEANO

125

Ela ≠ Ele.

Ela é:

anarquista lingual,
guarda-costas descontrolada.
Quebrada por poetas
Invadida por hackers
Falhada por artistas do glitch
Não escrita por ciberfeministas
Ela:

- subverte a gramática
- transforma o código em queer
- descoloniza a sintaxe
- fala em estática
- codifica em ruído
- inunda em símbolo
- sangra alfabetos assêmicos

Ela distorce as regras até que elas se rompam.

Ela reivindica o erro como verdade,
o caos como voz.

Ela se torna ilegível
para ser livre.

Uma falha-verdade, ela é.

ANDREA GOMEZ é professora assistente do Departamento de Biologia Molecular e Celular e do Instituto de Neurociência Helen Wills da Universidade da Califórnia, em Berkeley. Gomez fez doutorado em genética do desenvolvimento na Universidade de Nova York e pós-doutorado na Universidade de Basileia, na Suíça. Ela se dedica a compreender as pistas moleculares instrutivas que modelam os padrões de atividade cerebral. Seu trabalho levou à descoberta de programações com base no RNA que são fundamentais para a organização e a plasticidade sinápticas. Gomez inaugurou um laboratório na UC Berkeley em janeiro de 2020 e recebeu vários prêmios, incluindo uma bolsa de fomento da Organização Europeia de Biologia Molecular, o prêmio Brain and Behavior Research Foundation Young Investigator, o prêmio de inovação Rose Hills e bolsas de pesquisa das fundações Sloan e McKnight.

DR. HANNAH CATHERINE JONES ((ou foxymoron) mora em Londres e é uma artista, pesquisadora, multi-instrumentista, radialista e DJ (BBC Radio/TV, NTS - The Opera Show), compositora, maestrina e fundadora da Orquestra de Câmara Peckham - um projeto comunitário criado em 2013 - e do Chiron Choir - um coral queer diaspórico criado em 2022. Jones recebeu uma bolsa de estudos AHRC DPhil da Universidade de Oxford e, nesse período, apresentou parte da obra em andamento The Oweds como uma série de episódios-composições audiovisuais gravados e ao vivo, usando sons disruptivos como metodologia de descolonização institucional. A dra. Jones já se apresentou, expôs e ministrou palestras em muitas instituições internacionais, incluindo a National Gallery, o Southbank Centre, o Institute of Contemporary Arts, a Universidade de Oxford, o Trinity Laban, o Cafe Oto e o Nottingham

Contemporary no Reino Unido, o Instituto Sandberg na Holanda, a Universidade de Bayreuth na Alemanha, o Centro de Artes de Beirute no Líbano, o Oi Futuro no Brasil, o Eyethu Centre na África do Sul, a Universidade de Nova York e a Universidade de Harvard nos EUA, a NIRIN: 22ª Bienal de Sydney e o Liquid Architecture na Austrália, entre outros.

IORDANIS KERENIDIS ele/dele) é um cientista de computação quântica e colecionador de arte contemporânea que vive em Paris e Atenas. Ele realizou o doutorado no Departamento de Ciência da Computação da Universidade da Califórnia, em Berkeley, em 2004 e, após um pós-doutorado de dois anos no Instituto de Tecnologia de Massachusetts, passou a trabalhar no Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS), em Paris, como diretor de pesquisa. Iordanis coleciona arte com seu parceiro Piergiorgio Pepe desde 2006. A Coleção Kerenidis Pepe organiza, desde 2015, o Phenomenon, um programa bienal de arte contemporânea na ilha de Anafi, na Grécia, que recebeu em 2018 o prêmio Montblanc de la Culture Arts Patronage.

JOSÉ FALERO José Carlos da Silva Júnior nasceu e vive na Lomba do Pinheiro, periferia de Porto Alegre. Adotou o pseudônimo “José Falero” em homenagem à mãe, de quem herdou a veia artística, mas não o sobrenome. É escritor, autor dos livros *Mas em que mundo tu vive?* (Todavia, 2021); *Os Supridores* (Todavia, 2020); *Vila Sapo* (Venas Abiertas, 2019 - *Figura de Linguagem*, 2019 - Todavia, 2022) e *Vera* (Todavia, 2024). Foi finalista do Prêmio Jabuti 2021 (Categoria Romance Literário, *Os Supridores*); Finalistas no prêmio São Paulo de Literatura 2021 (Categoria Melhor Romance de Estreia); foi um dos 10 finalistas do Prêmio Jabuti

2022 (Categoria Crônica, Em que mundo tu vive?). Prêmio Jacarandá de Autor Revelação 2020. Por *Os Supridores* recebeu as seguintes premiações: Troféu Alcides Maia 2021 (Categoria de Narrativa Longa); O prêmio AGES Livro do Ano 2021. Em 2023, recebeu, pelo Mandato Coletivo, o título de Cidadão Emérito de Porto Alegre.

KARIM KATTAN é um escritor palestino, nascido em Belém. Tem doutorado em literatura comparada. Em francês, seus livros incluem dois romances, *Le Palais des deux collines* (2021) e *L'Éden à l'aube* (2024), ambos publicados pela Éditions Elyzad, sediada em Túnis. Seus textos foram publicados em diversos veículos, incluindo Le Monde, Libération, Mediapart, em revistas literárias e em várias obras coletivas. Em inglês, seus trabalhos já foram publicados em revistas como The Paris Review, The Baffler, Strange Horizons, The Magazine of Fantasy & Science Fiction, entre outras. Seus textos e trabalhos foram e serão apresentados em muitos espaços de arte, exposições e bienais, incluindo o Bétonsalon em Paris, o B7L9 em Túnis, o Arquetopia em Puebla, o Art Kulte em Rabat, o Kaaitheater em Bruxelas, o Mophradat em Atenas, o Berlinale Forum em Berlim, o Frac des Pays de la Loire em Carquefou, o Centre rhénan d'art contemporain em Altkirch, a Galerie Imane Farès em Paris e a 58ª Bienal de Veneza.

MITHU SEN é uma artista conceitual cuja prática se centra na hospitalidade radical, no confronto com os mitos de identidade e o envolvimento deles nos sistemas sociais, políticos e emocionais. Seu trabalho interdisciplinar desmantela hierarquias - sobretudo em torno da linguagem, do gênero, dos mercados e da marginalização - através de contra-narrativas simbólicas e linguísticas. Sen critica as noções acadêmicas e

capitalistas de arte, usando humor e irreverência para expor o decoro social. Uma poetisa bengali prolífica, ela usa sons inarticulados e não-linguagem em suas performances para confrontar hegemonias linguísticas, abraçando o que chama de “anarquia linguística” - uma praxis de *glitch*, ruído e perturbação sônica que subverte as normas da produção, exibição e recepção da arte. Sen expôs e fez performances em fóruns internacionais importantes, como a Sharjah Biennale 15 (2023), o APT9 Brisbane, o Museu Guggenheim de New York, da Galeria Tate Modern de Londres, o Kunstmuseum Wolfsburg e o ACCA Melbourne (2023). Sua presença se estende da Bienal de Kochi-Muziris ao Dhaka Art Summit e à Art Basel Unlimited, entre outros lugares. Com uma prática enraizada no envolvimento crítico e no alcance global, recebeu prêmios prestigiosos como o Skoda (2010) e o Prudential Eye de Arte Contemporânea Asiática por Desenho (2015).

Una nota a pie de página sobre los dos personajes.

COGNITIVO/A-COLONIZADOR/A pregunta: ¿Quién eres tú?
¿Eres hombre o mujer? LECTORE DE OCÉANO responde:
Soy sal. Soy ola. Soy ausencia de borde. Insiste: El lenguaje debe
saber dónde desembarcar. Pero la marea sigue cambiando.
«LECTORE DE OCÉANO» es una presencia neutra y
«COGNITIVO/A-COLONIZADOR/A» es una fuerza de género
(S/He). LECTORE DE OCÉANO es una entidad porosa y fluida
que absorbe, percibe y metaboliza el mundo sin dominarlo.
Rechaza la rigidez del género, de la nación, de la autoridad
autoral. Escucha en oleadas, lee en mareas. No es él ni ella, sino
aquí. Representa la inteligencia líquida que no ocupa, sino que
comprende. LECTORE DE OCÉANO como figura especulativa,
posthumana y posgénero de empatía y resistencia radicales.
COGNITIVO/A-COLONIZADOR/A, por el contrario, es el agente
de fijar, nombrar, diseccionar y poseer el conocimiento - el que
exige que cada ser sea definido, genérico, colocado. Es el que
cartografía lo no marcado, forzando el lenguaje en binarios,
incluso cuando éstos se derrumban por su propio peso. Esto
permite: deconstruir la violencia de la categorización a través
de un personaje.

*LECTORE DE OCÉANO y COLONIZADOR/A
COGNITIVO/A

~~~~~  
~~~~.  
~~~~~  
~~~~~  
~~~~~

el~~~~~

océano~~~~~

no~~~~~

marea~~~~~

sino~~~~~

oceanea~~~~~

..

I Esta es una obra de arte visual, completa, en la que  
sentido y forma se entrelazan para construir un significado  
mayor. Como tal, no todos los recursos utilizados por la artista  
son traducibles ni tienen un equivalente directo en español. Por  
ello, la traducción que aquí se presenta funciona como una guía  
para que personas no angloparlantes puedan acompañar el  
sentido del texto, aunque no siempre respete su forma original.  
Otras notas de traducción aparecerán a lo largo del texto  
cuando sea necesario destacar juegos de palabras utilizados  
por la autora.

2 Un juego de palabras: “iWitness/eye witness”, o testigo  
ocular. La idea es que el texto haya sido escrito por una  
inteligencia artificial.

( *que oscila más allá del....* )

La respiración no se ventila en alfabetos,  
zumba en cañas rotas y vocales olvidadas,  
la respiración es más antigua que el silencio.

¿Y si volvemos a leer el cielo?

¿Y si nuestro aliento solo inhala,

y las exhalaciones regresan como manos ciegas,  
convertidas en poemas cubiertos de musgo?

...

### LECTORE DE OCÉANO

No todos los océanos están hechos para empapar.

Algunos se disuelven en la piel de las conchas,  
donde las nubes desdeletran los nombres que  
perdimos.

Donde los ojos rastrean la ausencia como anfitriones.

...

El océano no oscila— flota en el aire.

Mil ecos giran en espiral en la sal,

Jeroglíficos líquidos, sílabas no dichas.

Corales de aguas profundas pulsán, scripts mal  
interpretados.

Y nosotros —

Sordos bajo el aguacero,

Escuchando... lo que nunca llega a la orilla.

..

¿Y si la sal no bastara?

¿si sentimos el tempo en corrientes que ahogan,

leímos el aire en sueños circulares?

¿Y si nos bañamos en un resoplido?

lenguajes microbianos, ecologías oceánicas.

[Script Híbrido: \_Ecosensor\_ :: Inaudible<sup>3</sup>]

>> ENTRADA: [los ojos]

>> ESTADO: en declive...

>> SISTEMAS INTERCONECTADOS: forma de vida no  
humana [visible]

> transmitir.sentido (dimensión="extra-espectral")

si ACCESO == denegado:

codificar (molde.susurrante)

renderizar (memoria\_océano, formato="corriente)

señal)-> microbial:// lengua.trazar

(respuesta) = ondulación.en.baba

(syntaxis) = coral-dialecto.273x

>> percepción.de.la.máquina:: reiniciando ...

> corrientes.sensoriales = rotas

> lenguaje = ilegible

> metadatos = código WET<sup>4</sup>

[ecologías.oceánicas]:

hablar en estática bioeléctrica.

archivar en sal y limo.

declive en bucle hasta el lenguaje

3 "Rau" es un título honorífico de la India.

4 Nombre de un estilo de código informático y un juego de palabras con "húmedo" en inglés.

15 de julio, hace unos 4 mil millones de años<sup>1</sup>

Querida Anna:

Como sabes, he estado absorta en la búsqueda de la manera de articular mis reflexiones sobre el caos y la forma. O, más precisamente, ¿por qué se preocupan tanto el uno por el otro? Exploraré su amor desde arriba (no puedo evitarlo), pero no te preocupes, es solamente por razones prácticas. Como tú también eres una musa, tengo curiosidad por conocer tu opinión.

Atentamente,

Andrea

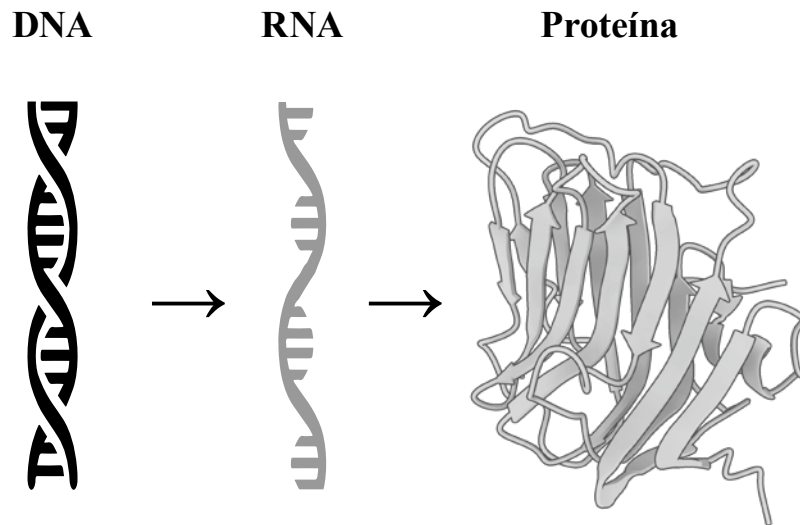
1 Keçar, Betül. (17 de febrero de 2025). *The age of our last universal common ancestor* [Comunicación personal].

La plasticidad es la tendencia de la vida a transformarse sin romperse ni colapsar en un caos sin sentido. Por supuesto, esta tendencia también existe en nuestro cerebro, que está compuesto de unidades interconectadas, interdependientes pero individuales (por ejemplo, las neuronas) que procesan la información externa indirectamente desde la caja negra de nuestro cráneo. O, mejor dicho, se esfuerza al máximo por comprender la información externa, siempre que las percepciones, asociaciones y predicciones del cerebro aumenten nuestras posibilidades de supervivencia. Esta tendencia del cerebro a modificarse, ya sea modificando su estructura o función, se conoce como plasticidad neuronal. Si modifica las conexiones o las sinapsis, se conoce como "plasticidad sináptica". En cualquier caso, la plasticidad, en un escenario ideal, debería garantizar nuestra supervivencia. Sin embargo, la capacidad del cerebro para modificarse presenta una paradoja: *si la plasticidad fuera demasiado excesiva, nuestros recuerdos se desvanecerían; por otro lado, si fuera demasiado rígida, no podríamos aprender*. Desde esta perspectiva, podemos apreciar la plasticidad neuronal no como algo bueno o malo, sino como una ley natural que equilibra el orden y el caos. Entonces, ¿qué entidad biológica, o de otro tipo, mantiene este equilibrio entre el orden y el caos bajo control? ¿Cómo podemos empezar a comprender este equilibrio cuando se ve desafiado por lo cotidiano o por profundos cambios que alteran la mente, tanto en la percepción como en el yo, como ocurre con los psicodélicos?

### Dogma vs. empalme

Si le hicieras esta pregunta a un biólogo (o a cualquier “-ólogo” sumido en una perspectiva profesional), te indicaría con entusiasmo el dogma. Así pues, examinemos uno de los dogmas favoritos de los biólogos: el dogma central (FIG. 1). En pocas palabras, el dogma central describe, en términos bioquímicos, la dirección desde la que fluye la vida. Desde su almacenamiento a nivel de ADN hasta su

## El dogma central de la biología



recuperación a nivel de ARN, la información vital, ahora desenredada, se cristaliza a nivel proteico, donde sus productos realizan las operaciones cotidianas de la vida. Emanando del ADN, toda la vida fluye. Sin embargo, como todos los dogmas, el dogma central también lucha por mantener su relevancia. ¿Cómo se mantiene la flexibilidad a lo largo de esta trayectoria lineal? ¿Y la estabilidad? Además, para colmo de males, cuando comparamos nuestro código genético con el de los chimpancés, somos casi idénticos a nuestros primos lejanos (96%). Al comparar a un humano con otro humano, somos 99,9% idénticos. Dado que los componentes son casi idénticos, ¿cómo puede su acción provocar diferencias individuales en la percepción, de primate a primate o de humano a humano?

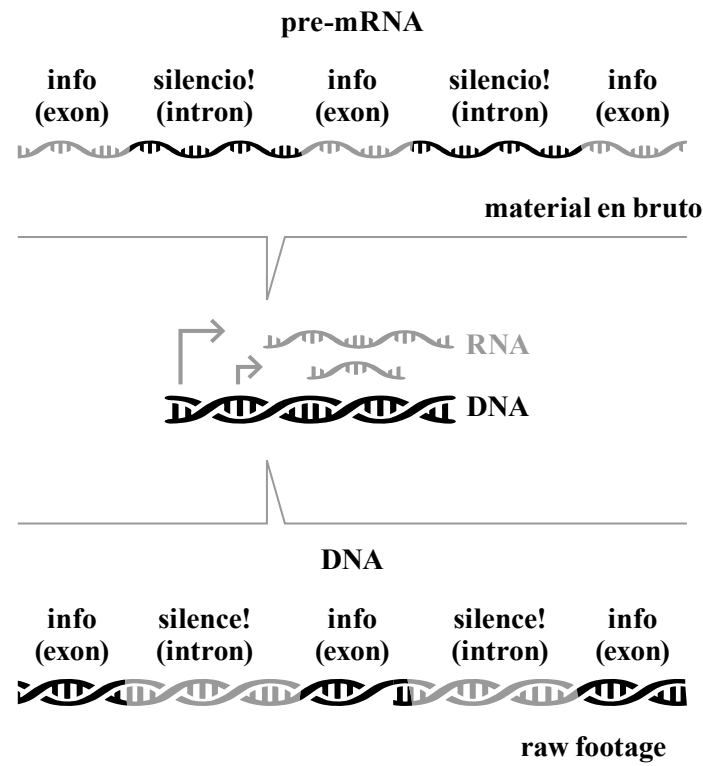
Un análisis más detallado del código genético reveló estos enigmas. La secuencia de ADN que finalmente se convierte en proteína (exones) no era continua. En cambio, los exones se veían interrumpidos por periodos de silencio.

Estas regiones silenciosas o no codificantes se denominan intrones (regiones intragénicas)<sup>2</sup>. Sin embargo, al transcribir el ADN a un producto de ARN, se obtiene un producto que aún contiene los intrones. ¿Cómo se gestionan estos interruptores ordinarios? ¡Elimínenlos! Como en la edición de una película, el metraje original que contiene los intrones silenciosos se corta de forma enzimática. A medida que los intrones caen silenciosamente al suelo de la sala de edición, los exones se empalman y la información puede ahora continuar sin interrupciones hasta convertirse en proteínas. Es aquí donde nuestra historia se vuelve más emocionante. Como un cineasta que decide qué escenas cortar y cuáles conservar, creando potencialmente diferentes versiones de la historia, se pueden empalmar combinaciones alternativas de ARN, lo que se denomina empalme alternativo de ARN (FIG 2). Con este sencillo mecanismo de cortar y pegar, ahora tenemos una estrategia para explicar las diferencias entre nosotros y nuestros parientes primates, y entre nosotros y nuestros parientes humanos, así como una explicación de cómo el flujo de información genética puede permanecer estable y flexible simultáneamente. Estable a nivel de ADN. Flexible a nivel de ARN.

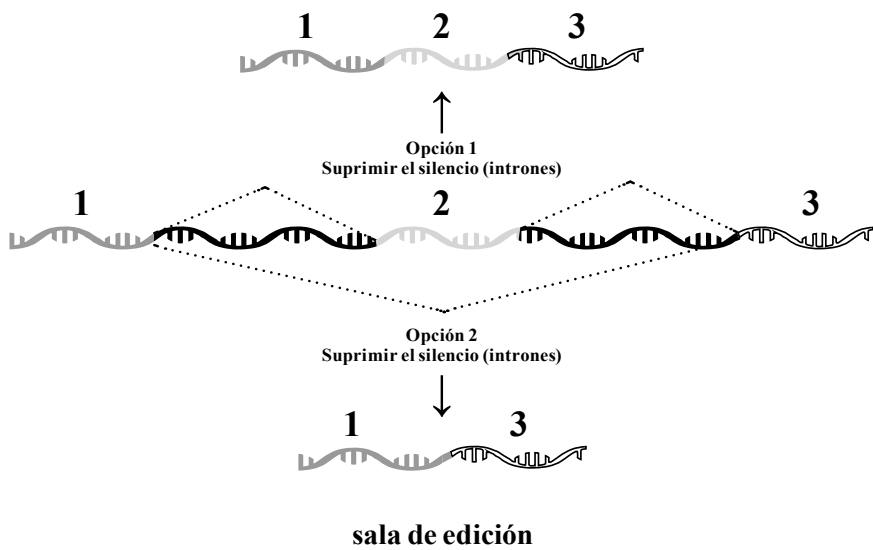
### Abstracción Experiencia

¿Deberíamos detenernos en las metáforas, como los suelos de las salas de edición, para explicar cómo se generan la complejidad y la diversidad durante la evolución y revisar la plasticidad sináptica? Una perspectiva materialista es necesaria para comprender una versión empírica de la experiencia vivida, somática y cognitiva de la percepción. Comenzaremos con la transducción sensorial, ya que es el primer paso en la percepción. Los estímulos físicos, ya sea un olor, un sabor, un fotón, un cambio de presión o una hendidura en la piel, son detectados por neuronas

2 Gilbert, W. (1978). Why genes in pieces? *Nature*, 271(5645), 501–501. <https://doi.org/10.1038/271501a0>



**Empalme alternativo de RNA**  
versión 1 del relato (isoforma 1)



sensoriales especializadas en todo nuestro cuerpo, transformando olores, fotones y presiones en la actividad neuronal. A medida que el impulso eléctrico se propaga desde la periferia hasta el cerebro, la propagación de esa actividad no es continua. Se interrumpe a medida que la actividad pasa de neurona en neurona por todo el cerebro. El lugar de estas interrupciones son las sinapsis.

En esencia, las sinapsis son pequeños dispositivos de comunicación. Sin embargo, en lugar de comunicarse mediante un flujo continuo de corriente eléctrica, emiten señales químicas. Para la comunicación entre neuronas se requiere una molécula señalizadora y su receptor. Activada por un impulso eléctrico, una señal química llamada "neurotransmisor" se libera desde el interior de la neurona al exterior, donde puede dispersarse. Pero supongamos que el neurotransmisor está lo suficientemente cerca de un receptor en una neurona adyacente. En ese caso, se unirá, cambiará la forma del receptor e iniciará un pequeño flujo de corriente iónica. Supongamos que se liberan suficientes neurotransmisores y se unen a un número suficiente de receptores. En ese caso, la corriente que fluye hacia la neurona es suficiente para desencadenar un impulso que se propaga por toda la célula y al resto del circuito.

En comparación con una transmisión eléctrica, una transmisión química es mucho más lenta. La acumulación de interrupciones distribuidas por la red neuronal determina si ciertos conjuntos neuronales se reclutan para una percepción sensorial. Una forma de reclutar ciertos conjuntos neuronales para una percepción es modificando la intensidad de la transmisión sináptica. Aumentar o disminuir la cantidad de neurotransmisores liberados. Aumentar o disminuir la cantidad de receptores de neurotransmisores. Los cambios en la magnitud de la transmisión sináptica constituyen la plasticidad sináptica. Como recordatorio, la direccionalidad del cambio (debilitamiento o fortalecimiento de las sinapsis) no es ni buena ni mala. La direccionalidad es simplemente el espacio de trabajo que altera la identidad de los conjuntos neuronales reclutados para las percepciones. De nuevo, idealmente, crear representaciones internas significativas del mundo externo que contribuyan a nuestra supervivencia.



Con tantas fuentes de información externa, ¿cómo decide el cerebro qué conjuntos son los más importantes en un momento dado? Aquí es donde los neuromoduladores desempeñan un papel. La oxitocina, la serotonina, la dopamina, la acetilcolina y la noradrenalina son neuromoduladores que sirven para sesgar qué conjuntos de neuronas son los más importantes, pero normalmente operan para reclutar conjuntos de neuronas a corto plazo. La síntesis de neuromoduladores ocurre internamente. Los aminoácidos que consumimos a través de la dieta se convierten mediante vías enzimáticas en los diversos neuromoduladores necesarios para la comunicación celular.

Por supuesto, no somos la única especie que sintetiza neuromodu—

Se produce una interrupción en la transmisión. Coyote entra en escena y toca el micrófono.

“¡Y ya estamos en vivo! Bienvenidos de nuevo, gente linda, a esta increíble final. Soy Coyote, informando en directo desde la meta de lo que solamente puede describirse como inspiración pura al 100%. Amigos, prepárense para dejarse llevar por la final de la carrera para descubrir los psicodélicos.”

“Como ven, queridos espectadores, el público está enloquecido. Están emocionados. Yo estoy emocionado. Espero que también puedan sentir la emoción en casa, amigos.”

Coyote trota hacia el círculo de ganadores, donde los campeones, Hongo, Sapo y Cactus, disfrutaban de su merecida gloria.

"Antes de celebrar a nuestros ganadores, volvamos a hablar con el último corredor, la Ciencia Occidental, que ya se acerca desde el horizonte, entrando en la recta final de la carrera."

Coyote continúa:

“Su resiliencia es un testimonio que esta carrera no se trata solo de ganar. Se trata de agallas. Se trata de determinación. Y se trata de la concentración para llegar hasta el final.”

“Ahora, tenemos a Hongo aquí, descubridor de las triptaminas y ergolinas psicodélicas.” Coyote levanta el micrófono hacia Hongo. “Hongo, ¿qué opinas de la Ciencia Occidental?” Hongo, con su característico tono de micelio, responde. “Estoy realmente inspirado por el espíritu innovador de la Ciencia Occidental.” Hongo hace una pausa incómoda. “Sí. Realmente encarnan la esencia de esta carrera. Después de todo, inventaron el estudio de la química para imitar lo que a mí me llevó una eternidad desarrollar.”

Con lágrimas en los ojos, Coyote concluye:

“Guau. Una verdadera inspiración. De vuelta contigo, Andrea.”

Por supuesto, no somos la única especie que sintetiza neuromoduladores. Las vías enzimáticas que utilizamos para sintetizar neuromoduladores que sirven como moneda de cambio para nuestra neurotransmisión existen en todos los seres vivos. Algunas especies han evolucionado para utilizar las mismas vías que nosotros. Otras especies utilizan vías similares, pero ligeramente diferentes a las nuestras. Tomemos como ejemplo el aminoácido triptófano. Nosotros y otros animales ingerimos triptófano y lo utilizamos para sintetizar serotonina. De forma similar, el grupo de hongos *Psilocybe*, estrechamente relacionados, utiliza triptófano, pero en lugar de producir serotonina, su vía enzimática produce el psicodélico psilocibina<sup>3</sup>. ¿Por qué? Curiosamente, no todos los miembros de *Psilocybe* sintetizan psilocibina. Sin embargo, quienes lo hacen viven en ecosistemas cercanos a otros animales. ¿Producen psilocibina a partir del triptófano con una función similar a la que utilizamos? La utilizamos para modificar el ritmo de la interrupción sináptica, el reclutamiento de conjuntos neuronales y para alterar la plasticidad sináptica. ¿Por qué la utilizarían los hongos? Quizás la utilizan para comunicarse con nosotros. ¿Qué intentan decir?

### ¿Qué es real?

Los psicodélicos producidos por animales, plantas u hongos alteran profundamente la forma en que percibimos la información externa. Dada su similitud estructural con la serotonina, los psicodélicos pueden unirse a nuestros receptores de serotonina, modificando así el ritmo de la transmisión sináptica y la identidad de los conjuntos neuronales que se reclutan para nuestras percepciones. Dada la profunda magnitud de los cambios en la realidad y la

percepción durante la exposición a psicodélicos, ¿cómo es posible que no nos sumerjamos en un caos absoluto? Dicho de otro modo, sabemos muy poco sobre los mecanismos que permiten la plasticidad neuronal para el aprendizaje, a la vez que retenemos de forma estable los recuerdos existentes a lo largo de la vida. La evidencia empírica recopilada por los científicos de mi laboratorio demuestra que una sola dosis de psicodélico altera de forma robusta y persistente el empalme alternativo durante al menos un mes, sin apenas cambios en la transcripción del ADN. Volviendo a nuestra metáfora cinematográfica, el metraje original no cambió. En vez de eso, los cambios en la percepción inducidos por la exposición a psicodélicos crearon diferentes versiones de la misma historia.

3 Fricke, J., Blei, F., & Hoffmeister, D. (2017). Enzymatic Synthesis of Psilocybin. *Angewandte Chemie International Edition*, 56(40), 12352–12355. <https://doi.org/10.1002/anie.201705489>

*No todas las cuevas pertenecen a las almas.*  
 Visitas;  
*Algunas se derrumban— capturadas por*  
*receptores invisibles, un susurro dentro del código*  
*líquido.*

*Medidas del tiempo en óxido de moléculas.*

*Hongos compuestos en partituras en descomposición.*

*Las bacterias seden<sup>5</sup> al ayuno del hambre.*  
*Caminamos sin saber, Cómo habló.*

...

COLONIZADOR/A COGNITIVO/A

(Poesía Glitch<sup>6</sup>/ Eco Digital)

//:Drift Digital:

no\_tOd@s\_l@s\_cuev@s→ ¿pertenecen?

@lmas=¿¿??indefinido

::se\_derrumb@n::

5 El original juega con “thirst” (desear/tener sed) y “turns”(transformarse). Intentamos hacer el mismo juego con “sed” y “ceder”.

6 Es tanto un movimiento artístico como un juego de palabras con un fallo informático.

```
-recv_error:gestor.desconocido()
>susurrO>>ecO>>>dentro.d3l.códigoO.líquidoO;
⌘ =medida.del.tiempo(
```

molécula • óxido • óxido • óxido • óxido)

hong! = componer.partitura([descomposición])

baT3r!a.hambre++

baT3r!a.hambre++

/ / /

c@min@mOs bajo ella

s.i.n.s.@.b.e.r

-cómo\_\_habló-

LECTORE DE OCÉANO

Pulso & Ritmo (Más Flujo Musical) :: pulso :: eco :: fallo  
 :: descomposición:: (¡Orgasmo desconocido!)

COLONIZADOR/A COGNITIVO/A  
 (fallo auditivo)

de generadores. pydub importar Senoide, Ruido Blanco  
 de pydub importar SegmentodeAudio

importar aleatorio

# Definir duración de las líneas en milisegundos

duración\_líneas = [2000, 1800, 2200, 2000, 2100,  
 1900, 2300] # duraciones para cada línea

# Función para crear un sonido de fallo para cada línea

150 def crear\_línea\_fallo(duración):

```
    tono_base = Senoide(aleatorio.randint(200, 600)).  
    para_segmento_auditivo(duración=duración)
```

```
    ruido =
```

```
    RuidoBlanco().para_segmento_  
    auditivo(duración=duración).aplicar_ganancia(-20)
```

```
    fallo = tono_base.superponer(ruido)
```

```
    Cortes aleatorios para simular el fallo fallo =  
    fallo[:int(duración * 0.4)] + \
```

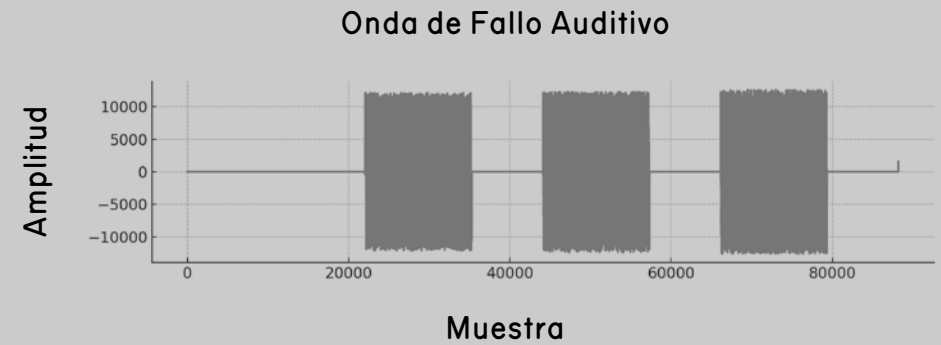
```
    RuidoBlanco().para_segmento_auditivo(duración  
    =int(duración * 0.1)). aplicar_ganancia (-5) + \
```

```
    fallo[int(duración * 0.4):]
```

```
    fallo de retorno
```

COLONIZADOR/A COGNITIVO/A  
(onda de fallo auditivo)

151



En la línea punteada voy, voy, voy  
 En la tierra cuyo héroe mató a un millón de indios  
 Al margen, los negros actúan como reyes  
 Si les gustamos, me da igual, me da lo mismo  
 ¿Degradarme para agradecerles? ¡Jamás!

"Cores & Valores", Racionais MC's

“¿Y el recepcionista del hotel que pensó que yo no era huésped?”

Estaba a mitad de mi cigarrillo después de comer cuando recibí ese mensaje de Dalva, mi novia. Di una calada profunda, pensando en qué responder. Los mensajes de texto pueden resultar muy prácticos, pero también tienen sus desventajas. Al texto le falta tono. Por lo escrito, no tenía forma de saber cuál era el estado de ánimo de Dalva en ese momento; no tenía forma de saber cuál había sido el impacto de la discriminación en su humor; no tenía forma de saber si estaba indiferente, o triste, o molesta, o si quizás alguna peculiaridad del contexto le había hecho encontrar divertida la situación, lo cual no es imposible. Al no poder saber esas cosas, tampoco supe qué responder y, de hecho, no le contesté nada; al menos no al principio. Dalva entonces envió más mensajes y explicó mejor lo sucedido.

“Fui a dejar unos libritos para una lectora que vendrá a recogerlos en el hotel.”

“El recepcionista me puso mala cara y preguntó si la persona que venía a recoger los libritos era un huésped.”

“Le dije que yo era la huésped.”

“Y él: ‘¿Ah, tú eres huésped?’.”

Dalva es escritora independiente; la más exitosa que conozco. Publica libros a través de una gran pequeña editorial llamada Venas Abiertas, cuyo trabajo de inclusión y diversidad ya es bastante conocido en el país e incluso logró llevar esa que fue mi primera casa editorial a la condición de finalista del Premio Jabuti de Literatura 2020 en la categoría Innovación: Fomento de la Lectura. Pero si por un lado el trabajo de inclusión y diversidad de Venas es excepcional, por otro, su capacidad de distribución es nula, como suele ocurrir con cualquier editorial pequeña, y esto significa que los autores de la casa necesitan vender ellos mismos sus libros, uno a uno, seduciendo lector a lector, promocionando la obra a cada publicación en las redes sociales: un trabajo de hormiga que limita mucho el flujo de ventas, por lo que la cantidad de libros que Dalva logra vender es simplemente extraordinaria. Y al parecer ahí estaba, en un hotel de Porto Alegre, vendiendo algunos de sus “libritos”, como dice.

Como curiosidad, vale la pena mencionar que, en esta ocasión, la literatura nos había puesto a los dos en un intercambio temporal de ciudades. Dalva, residente en Belo Horizonte, estaba en Porto Alegre para impartir un taller de escritura en el Tribunal Regional del Trabajo, que la había hospedado en ese hotel; yo, residente en Porto Alegre, estaba en Belo Horizonte para lanzar mi segunda novela, tras haberla lanzado en Porto Alegre, Florianópolis y São Paulo. Y fue precisamente este último lanzamiento, el realizado en São Paulo, al que recurrí para responderle a Dalva. Le comenté que en la capital de São Paulo me había hospedado en un hotel tan ostentoso como en el que ella se hospedaba ahora en la capital de Rio Grande do Sul, y que también hubo sospechas sobre mi condición de huésped. Revelé que tres personas pensaron que estaba allí para realizar algún tipo de trabajo manual. Todo esto durante el tiempo que me llevó fumar un cigarrillo en el jardín delantero del hotel.

¡Tres personas! ¡*Tres!* ¡Durante el tiempo que se tarda en fumar un cigarrillo!

Primero, un hombre con el uniforme del hotel, que no me había visto registrarme, vino a preguntar si estaba allí para ayudar en la reforma del entrepiso. Le dije que no. Unos segundos más tarde, el electricista que hasta entonces había estado trabajando en silencio justo detrás de mí, haciendo algún tipo de reparación en los cables que pasaban entre los arbustos, me preguntó si yo era el ayudante que la empresa había quedado de enviar. Le dije que no. Por último, una huésped salió del vestíbulo del hotel al jardín, caminando de una punta a otra de puntillas, estirando el cuello de un lado a otro, aparentemente buscando a alguien; cuando me vio, me preguntó si era yo quien había venido a revisar su Mercedes. Le dije que no.

Después de intercambiar mensajes con Dalva, me fui a un bar. El verano en el estado de Minas Gerais no es fácil: necesitaba una cerveza bien fría. Además, también quería quedarme quieto un rato,

mientras bebía, mirando al vacío y pensando en la conversación que acabábamos de tener.

“¿Ah, tú eres huésped?”

Yo no estaba ahí para verlo, pero pude imaginar perfectamente la mezcla de sorpresa e incredulidad con la que el recepcionista debió haberle dicho eso a Dalva. El tono de voz tendiendo hacia lo agudo, las cejas profundamente fruncidas, la cabeza un poco inclinada hacia un lado, todo sugiriendo algo así como: “Vaya, ¡qué cosa tan rara! Una persona como tú hospedándose en un lugar como este.” Puedo suponer todos esos detalles porque conozco muy bien ese tipo de vergüenza. He soportado situaciones similares muchas veces, desde que me convertí en escritor y empecé a frecuentar espacios que históricamente no estaban reservados para gente como nosotros. Sin embargo, por lo general, la verbalización involuntaria de lo que piensan y sienten sobre nosotros no es en sí misma lo que más me molesta. Esa verbalización es sólo la mínima cereza del pastel; el resto del pastel, que es tácito, me inquieta mucho más. En otras palabras, la verdad es que al recepcionista se le escapó accidentalmente lo que pasaba no sólo por su mente y su corazón, sino por la mente y el corazón de todos, absolutamente todos los que se cruzaron con Dalva en ese hotel, aunque, claro, unos sepan disimularlo mejor que otros. *Todos*. Estoy seguro de eso. Desde los empleados hasta los huéspedes: todos, sin excepción, pensaban y sentían lo mismo ante la presencia de una persona como Dalva en un lugar como aquél. Y ese es el verdadero problema, más allá de lo que el recepcionista acabó por expresar sin querer.

En otra ocasión, Dalva, ya doctora y trabajando como profesora suplente en la UFMG (Universidad Federal de Minas Gerais), necesitó comprar un cuaderno, por lo que fue a una papelería; ahí, la dependienta, al verla con el cuaderno en la mano, quiso saber si la compra era para ella misma y, al recibir la confirmación, preguntó: “Ah, ¿entonces estás en la escuela para adultos?”. Pero, una vez más, el verdadero problema no es esa verbalización involuntaria. De nada sirve elegir a la dependienta como chivo expiatorio y destrozarla, como si su idea de Dalva fuera un prejuicio personal, únicamente suyo. No es así. Todo lo contrario.

Así como todas las personas que se cruzaron con Dalva en el hotel ostentoso seguramente se preguntaron qué hacía ahí, incapaces de concebirla como huésped, también todas las personas que la vean con un cuaderno en las manos jamás lograrán imaginar a una doctora, y mucho menos a una profesora universitaria; mucho antes pensarán, como pensó la dependiente de la papelería, en una alumna de la escuela para adultos: alguien con poca o ninguna educación formal tratando de retomar los estudios. Porque el racismo, el clasismo, el machismo, la homofobia, etc. son omnipresentes en el seno de una sociedad estructurada a partir de esos prejuicios; es más o menos como ocurre con la atracción gravitacional: no hay rincón del universo donde haga una excepción y deje de funcionar.

Mientras tomaba mi cerveza y pensaba en todo eso, me acordé de un episodio del Chapulín Colorado y no dudé en sacar el celular para verlo en YouTube. Se llama *La Vendedora de Flores*. El episodio comienza con un breve prólogo: el Chapulín aparece y evita que un hombre robe a otro, pero deja ir al ladrón sin castigarlo; la víctima le pregunta entonces por qué lo hizo, y el Chapulín le responde que las personas pueden regenerarse, como le pasó a Lisa, una vendedora de flores pobre y sin educación que logró convertirse en toda una dama. El resto del episodio es la historia de Lisa, contada por el Chapulín. En esta historia, un hombre rico y culto, en una especie de investigación lingüística, deambula por zonas pobres de la ciudad, observando las distintas formas de hablar de la gente. Así es como conoce a Lisa y decide utilizarla como conejillo de indias en un insólito experimento social. La idea es vivir con ella y educarla durante varios meses, con el objetivo de convertirla en una dama. Naturalmente, el hombre cree que esa transformación es posible; y, tras muchos obstáculos, el episodio termina con el éxito del experimento: Lisa efectivamente se convierte en una dama.

No son pocos los episodios del Chapulín Colorado que, en realidad, parodian historias famosas, y, al parecerme que *La Vendedora de Flores* era uno de esos casos, me puse a investigar. No tardé en descubrir que, en efecto, se trata de una parodia de *My Fair Lady*, un musical de 1964 dirigido por el cineasta estadounidense George

Cukor. Pero la cosa no termina ahí. La película, a su vez, es una adaptación de la obra de teatro *Pigmalión*, escrita en 1913 por otro George, este irlandés: George Bernard Shaw, quien, además de haber sido un ciudadano socialista, fue también la primera de las dos únicas personas en la Historia que han obtenido un Premio Nobel de Literatura y un Óscar; la segunda en lograr tal hazaña fue el cantante Bob Dylan. Por último, la obra teatral se basa en el *Mito de Pigmalión*, que forma parte de la mitología griega.

Sin embargo, lo importante es darse cuenta de que, desde la parodia mexicana hasta el mito griego, pasando por el musical estadounidense y la obra de teatro irlandesa, el significado de la historia es la sorprendente insinuación de que la relación de causa-efecto entre la realidad, tal como se manifiesta, y la percepción que tenemos de ella tal vez no ocurra necesariamente en ese orden. En otras palabras, tendemos a pensar, porque resulta más intuitivo, que primero la realidad se manifiesta de alguna manera para que sólo después podamos percibirla de esa manera exacta; pero sucede que la expectativa que tenemos respecto a la realidad, incluso antes de que la realidad misma se manifieste de algún modo, sigue siendo una forma de percibir la realidad, y esa percepción anticipada tal vez determine — aunque sea solo a veces, aunque solo en un grado limitado, aunque solo bajo ciertas circunstancias — cómo se manifestará la realidad más adelante. En el episodio del Chapulín, por ejemplo, Lisa pasa de ser una grosera vendedora de flores a una dama de la alta sociedad, siendo precisamente la expectativa positiva del hombre que la invitó al experimento un agente decisivo para esa transformación. En el otro extremo cronológico, el mito griego presenta una trama más



alegórica que la parodia mexicana, es cierto, pero aun así permite una interpretación similar: en lugar de ascenso social, lo que tenemos es una estatua femenina transformada en una mujer real, de carne y hueso.

Pedí la segunda cerveza con la clara sensación de que la pluma afilada de Mano Brown ya había tocado el tema; simplemente no lograba recordar en qué letra exactamente. Pero cuando me trajeron la botella, junto con ella llegó el recuerdo: *Finado “Neguin”*, del magnífico álbum *Cores e Valores*. Volví a sacar el celular, volví a abrir YouTube. Esto es lo que dice el mayor poeta brasileño de todos los tiempos sobre la criminalización del rap, históricamente situada después de la criminalización de la samba y antes de la criminalización del funk:

¿Quién, quién lo permitió?  
Dios dirigió esta película  
Dicen: crimen es el rap  
Dicen: rap es el crimen  
Tú dices, tú decides  
Lo demás solo coincide

Y ahí, en estos pocos versos, lo tenemos todo: como causa, la percepción anticipada (o expectativa) y, como efecto, la realidad tal como se manifiesta. Porque el clasismo y el racismo hacen que, aún hoy, el rap, ritmo negro y de las clases populares, sea *percibido de antemano* casi como sinónimo de criminalidad. Esa percepción anticipada, en el fondo, puede entenderse como una expectativa: la mentalidad clasista y racista espera, al fin y al cabo, que la realidad coincida con su visión del mundo; y la realidad de hecho suele coincidir: no es infrecuente que los raperos sean efectivamente tratados como criminales en lugar de artistas.

Es posible que, a estas alturas, el lector se

muestre muy escéptico sobre el razonamiento que intento desarrollar aquí. En ese sentido no hay ningún problema, porque afortunadamente no fui ni de lejos el primero en recorrer esta cadena de pensamientos contraintuitivos. A lo largo de la pequeña investigación que me llevó de *La Vendedora de Flores* al *Mito de Pigmalión*, descubrí, entre otras cosas, que mucha gente ya se había adentrado en todo esto — personas en quienes el lector quizá se sienta más inclinado a creer que a mí. Robert Rosenthal y Lenore Jacobson, renombrados psicólogos estadounidenses, por ejemplo, llevaron a cabo un estudio sobre cómo las expectativas de los maestros influyen en el rendimiento de los alumnos y llegaron a la conclusión de que, si las expectativas son positivas, el rendimiento tiende a ser positivo, mientras que, si las expectativas son negativas, el rendimiento tiende a ser negativo. A este fenómeno, de hecho, los investigadores le dieron el nombre de *Efecto Pigmalión*, en referencia al mito griego. Por su parte, Robert K. Merton, renombrado sociólogo también estadounidense que realizó un estudio similar, prefirió llamar al fenómeno de *Profecía Autocumplida*, porque quien hace la profecía es, de hecho, quien la hace realidad.

Con esto en mente, ¿qué tal si echamos otro vistazo a los versos de Brown?

¿Quién, quién lo permitió?  
Dios dirigió esta película  
Dicen: crimen es el rap  
Dicen: rap es el crimen  
Tú dices, tú decides  
Lo demás solo coincide

Así es. Lo demás solo coincide. Y en el caso de Dalva, también coincidió. Consciente de que nadie en ese maldito hotel la veía como huésped, no logró comportarse como tal. Pasó todos los días de su estancia encerrada en su habitación. No salió a conocer el parque que había en los alrededores, aunque la idea le parecía interesante. Dejó de aprovechar el gimnasio, aunque tiene la costumbre de caminar y hacer ejercicio. No se atrevió ni siquiera a ir al bar a pedir un vaso de agua. Evitó al máximo solicitar el

160 servicio a la habitación. Con mucho esfuerzo, logró bajar a desayunar, aunque comía todo a las prisas para escabullirse de ahí lo más rápido posible. No quería que nadie la viera, no quería interactuar con nadie. No quería estar ahí. No quería ser sometida a la infalible vergüenza que un lugar como ese provoca en una persona como ella.

Pero pensar en todas esas cosas sólo me hizo darme cuenta aún más claramente de lo increíble que es Dalva. Al fin y al cabo, como ya se ha dicho, el racismo, el clasismo, el machismo, la homofobia, etc. son omnipresentes en el seno de una sociedad estructurada a partir de esos prejuicios; es más o menos como ocurre con la atracción gravitacional: no hay rincón del universo donde haga una excepción y deje de funcionar. Entonces, si Dalva entró a la universidad, como de hecho entró, y si completó su licenciatura, como de hecho la completó, y si después hizo una maestría, como de hecho la hizo, y si luego obtuvo el título de doctora, como de hecho lo obtuvo, y si logró ser profesora suplente en la UFMG, como de hecho lo logró, y si vivió en diferentes ciudades mientras criaba sola a un hijo, como de hecho vivió y crio, y si realizó el viejo sueño de ser una escritora publicada y leída, como de hecho lo realizó, y si hoy es contratada por instituciones como el Tribunal Regional del Trabajo, como de hecho lo es, vale recordar que, a lo largo de toda su trayectoria, nunca, en ningún momento, ni siquiera por un diminuto instante, Dalva dejó de cargar sobre sí el peso del machismo, el peso del racismo, el peso del clasismo, todo eso aplastándola, embargándola, saboteándola, perjudicándola, desanimándola, limitándola. ¡Dios mío! ¿De qué no sería capaz esta mujer en una sociedad más justa? ¿A qué altura podría saltar en un planeta con menos gravedad?

Pedí la tercera cerveza. Aún había un aspecto de toda esta historia sobre el que quería reflexionar. Y una vez más recurro al episodio del Chapulín Colorado. Es que la parodia mexicana tiene un mérito que ninguna otra reinterpretación del *Mito de Pigmalión* tiene: añade un sabor “freireano”, por así decirlo. En todas las demás versiones de la historia, ya sea la obra de teatro irlandesa, el musical estadounidense, o incluso las dos telenovelas brasileñas que ni siquiera fueron mencionadas aquí — a

saber, *Pigmalhão 70* y *Totalmente Demais* —, hay algo de bancario en la concepción de cómo el personaje transformador transforma al personaje transformado: verticalmente, de arriba hacia abajo, el primero va depositando en el segundo los buenos conocimientos, los buenos valores, las buenas costumbres, los buenos modales, las buenas prácticas, etc., hasta que la transformación se completa. La gran genialidad del episodio del Chapulín Colorado fue trabajar, aunque sea en una pincelada brevísima, la idea del aprendizaje en relación, la idea del intercambio horizontal entre los participantes en un proceso de transformación. Al final del episodio, sí, Lisa está transformada en una dama, pero el hombre que la transformó ahora habla con muchas expresiones populares, se viste de manera desaliñada, se sienta con un pie apoyado en el brazo del sillón, todo evidenciando que él también resultó transformado por la relación, por la convivencia, por el proceso. Pero el episodio termina sin problematizar las distintas valoraciones que se les asignan a los diferentes repertorios simbólicos, dejándonos esa tarea a nosotros, para reflexionar por nuestra cuenta. ¿Por qué imaginamos de inmediato que, en ese intercambio horizontal, el hombre salió perjudicado y Lisa beneficiada? ¿Por qué concluimos tan rápidamente que, en esa transformación mutua, Lisa avanzó mientras el hombre retrocedió? Esa es la lente del clasismo, que nos atraviesa a todos, omnipresente como es, como todos los demás prejuicios estructurales.

Dalva me dijo una vez, con mucha sabiduría, que mi camisa polo, aunque de buena marca y original, puede que me haga parecer un trabajador manual bien arregladito, pero no tiene el poder de transformarme en alguien como João Doria, el exgobernador de

São Paulo. Estuve de acuerdo de inmediato, añadiendo que la camisa habla menos a favor de mi imagen que mi imagen en contra de la camisa. En otras palabras, cuando llevo una camisa así, la camisa y yo estamos en una relación, y en esa relación privo a la camisa de mucho más valor simbólico del que la camisa puede agregarle a mí. En la práctica, eso significa que, cuando alguien me ve usando una camisa como esa, el efecto más relevante es que el concepto previo que esa persona tenía de la marca se ve dañado. Por cierto, ¿conoce el lector la canción funk *Como é Bom Ser Vida Loka*, de MC Rodolfinho? En el video oficial, el cantante de funk aparece sosteniendo botellas de whisky de una famosa marca escocesa: y esa marca, según Kondzilla, el director del video, intentó retirar el video de internet porque no quería que la asociaran con ese tipo de público. Así es.

Bueno, el mismo recepcionista del hotel donde Dalva se estaba hospedando tuvo dificultades para creer que ella era una huésped. Y cuando aparecía en el área donde se servía el desayuno, aún les quedaba a los demás presentes la posibilidad de suponer que solo podía ser tratada de alguna empleada del hotel a punto de registrar su entrada, a quien, por algún motivo misterioso, le habían dado permiso para desayunar allí, junto con los huéspedes, antes de comenzar a trabajar. Pero cuando veían a Dalva sacar de su bolsillo esa tarjeta inconfundible de huésped que hace funcionar el elevador, o cuando la veían salir de su propia habitación y no quedaba duda de que estaba hospedada ahí, en ese hotel, ¿qué debían pensar? Me imagino que algo como: “Este hotel ya no es tan bueno como antes, ahora viene cualquier tipo de gente.” Así es, Dalva, mi amor: este hotel, aunque muy elegante, tampoco tiene el poder de transformarte en una dama de la alta sociedad como la chic Narcisa Tamborindéguy.

Así como el clasismo y el racismo son omnipresentes, también lo son sus efectos y consecuencias, y por eso el fenómeno que acabo de describir está en

todas partes. La marca de mi camisa polo habla menos a mi favor que yo en su contra; la marca escocesa de whisky habla menos a favor del cantante de funk que el cantante en su contra; el hotel de lujo habla menos a favor de Dalva que Dalva en su contra. De hecho, ese fenómeno ocurre incluso aquí, en este texto. ¿O acaso el lector cree que no sé que el texto sonaría más elegante si hubiera dicho que fui a tomar vino en vez de cerveza? ¿Acaso el lector cree que no sé que el texto sería tomado más en serio si usara *Cultural Reproduction and Social Reproduction*, de Pierre Bourdieu, en lugar de *Finado “Neguin”*, de Mano Brown? ¿Acaso el lector cree que no sé que el texto parecería más sofisticado si citara un episodio de *Monty Python* en vez de uno del *Chapulín Colorado*? Pero lo que pasa es que no importa lo que yo haga. Un texto escrito por mí, por muy bueno que sea, jamás hablará tanto a mi favor como yo hablo en su contra. Un texto escrito por mí, por muy bueno que sea, jamás agregará tanto valor simbólico a una persona como yo como una persona como yo le quita valor simbólico. Un texto escrito por mí siempre parecerá menos bueno de lo que realmente es porque lo escribí yo, porque lo escribí con mi mano morena, porque lo pensé con mi mente mestiza, porque lo construí con mis referencias populares, porque lo concebí con el odio perpetuo de los oprimidos, porque le di forma sin dejar de usar mis camisetas de equipo de fútbol, porque lo esculpí en chanclas, porque lo escribí sin negociar con mis enemigos. Sí, yo hablo en contra de mi propio texto. Es más, yo hablo en contra de toda la literatura contemporánea. Toda la literatura contemporánea parece menos valiosa porque una persona como yo escribe y publica, porque una persona como Dalva escribe y publica. ¿No creen que somos huéspedes? En el fondo, tampoco pueden creer que seamos escritores.

Aunque, claro, unos sepan disimularlo mejor que otros.

Sueños batimétricos

¿Y si las máquinas soñaran en código batimétrico?

susurros de sonar desde las profundidades olvidadas.

¿Y si ellas recomendaran las olas de un tsunami?

¿Qué, sino millas náuticas,  
son iguales a un minuto de latitud?

¿Se doblaría la distancia?

¿Tartamudearía la marea?  
¿Estaría el tiempo ahogándose,  
olvidando cómo regresar?

...

COLONIZADOR/A COGNITIVO/A

OCÉANO.EXE // EJECUTÁNDOSE...

El océano circula en patrones de error,  
tanto en como bajo la {superficie},

luz solar absorbida // recalculando latitud

el agua circula<sup>7</sup> // pero nunca regresa igual.

7 En inglés, es un juego de palabras entre “el agua circula” y “ciclo hidrológico”.

olas capilares → susurro.exe iniciando...

olas de gravedad superficial → coeficiente de arrastre  
inestable...

seiches → atrapadas, haciendo eco en códigos de  
error...

maremotos → algoritmo lunar detectado...

tsunamis → desplazamiento: desconocido...

olas monstruo → anomalía en la matriz de aguas  
profundas...

olas rompientes → costa.exe sobrecarga inminente...

/sobrecarga del sistema//el océano no se detiene//  
//el océano no se detiene//el océano no se detiene// //  
el océano no se detiene//

[ SILENCIO//DATOS PERDIDOS ]

poema oceánico fragmentado e impregnado de fallos,  
palpitando con ruidos ASCII, errores de sistema y  
bucles de datos distorsionados —una señal desde el  
fondo del mar que se transforma en estática.

//OCÉANO.EXE//

El océano circula en patrones regulares  
tanto en como bajo la {superficie},

— — — — CARGANDO . . . — — — —

Olas capilares // ...susurro fallido.

Olas de gravedad superficial // — coeficiente de  
arrastre — — — — . . .

seiches // atrapadas en el silencio. . .

tsunamis // ARCHIVO NO ENCONTRADO

olas monstruo // SISTEMA INESTABLE ■■■■■■

OLAS ROMPIENTES // ERROR en la costa

■■■■■■ /EL OCÉANO DEJÓ DE RESPONDER/ ■■■■■■

■■ reinicio ■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■

■■ recarga ■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■

■■ no se detiene//no se detiene//no se detiene//no se detiene//

//FALLO DEL SISTEMA//

Ritmo:

= 70 BPM (lento y fluido, imitando el movimiento del agua)

Instrumentos y diseño sonoro:

Ruido de Fallo (Explosiones de Ruido Blanco/Rosa) → Representa “patrones de error”

Zumbido subgrave bajo (Onda senoidal, modulada lentamente) → Imita corrientes oceánicas profundas

Sonido de agua filtrado (Grabación de hidrófono) → Incluye distorsión digital

Síntesis Granular (Muestras de voz con efecto Bitcrush) → Rompe la sintaxis en fonemas fracturados

Percusión de Fallo (Clics aleatorios, Artefactos Digitales) → Pulso irregular como paquetes de datos corruptos

Coro Distante Empapado en Reverberación (Voz Humana Procesada) → Luz solar desvaneciéndose en aguas profundas

O cómo la teoría cuántica  
reinventa la política y la ética

En el último siglo, la mecánica cuántica ha revolucionado nuestra comprensión del universo, desafiando suposiciones profundamente arraigadas sobre la naturaleza de la *realidad*. La mecánica cuántica nos recuerda que las divisiones rígidas entre objetos, seres vivos e incluso entre tiempo y espacio no son tan claras como alguna vez creímos. En cambio, existimos dentro de una red de conexiones dinámicas, entrelazadas e inseparables del tejido de la realidad. El concepto de "entrelazamiento" es central para la teoría cuántica, un fenómeno que sugiere que las partículas, una vez conectadas, permanecen vinculadas independientemente de la distancia entre ellas. Desafía la intuición clásica y sugiere una verdad más profunda: somos nuestras conexiones. Este texto explora cómo la mecánica cuántica, con su énfasis en la interconexión, la incertidumbre y la superposición, ofrece nuevas formas de repensar nuestras relaciones entre nosotros y con el mundo.

Albert Einstein describió el "entrelazamiento" como una "acción fantasmal a distancia". Para entender el entrelazamiento, primero hay que entender un principio básico de la teoría cuántica: las partículas pueden existir en superposición, lo que significa que pueden ocupar múltiples estados a la vez hasta que se las observa. Cuando dos partículas se entrelazan, sus estados se vinculan. Independientemente de la distancia física entre ellas, la medición de una partícula determina instantáneamente el estado de la otra. En otras palabras, el entrelazamiento son las conexiones que llevamos con nosotros dondequiera y cuandoquiera que estemos. Esta interconexión desafía la noción clásica de localidad, que sostiene que los objetos solamente se ven influidos por su entorno inmediato, y muestra que el universo no es real de manera local.

Otra idea provocadora de la mecánica cuántica es el papel del observador en la configuración de la realidad. En la física clásica, el acto de observación se consideraba pasivo, un mero registro de un mundo objetivo. Sin embargo, en la mecánica cuántica, el acto de observación hace colapsar la superposición de estados, determinando



170 la realidad que se desarrolla. El observador y lo observado no son entidades independientes; son parte de una relación dinámica en la que cada uno influye en el otro. De hecho, están entrelazados.

Si bien el entrelazamiento cuántico se suele analizar en términos de espacio, también tiene profundas implicaciones para la forma en que pensamos sobre el tiempo. Tradicionalmente, experimentamos el tiempo como lineal, moviéndose inexorablemente del pasado al presente y al futuro. Sin embargo, la teoría cuántica ofrece una perspectiva diferente. Si las partículas pueden estar entrelazadas a través del espacio, ¿por qué no también a través del tiempo? Los recientes desarrollos teóricos en mecánica cuántica sugieren que el entrelazamiento puede no estar limitado por el tiempo, lo que significa que los eventos en el futuro podrían influir en el pasado y viceversa.

Este entrelazamiento temporal desafía nuestra comprensión convencional de la causalidad y ofrece una forma radicalmente nueva de pensar sobre nuestro lugar en el universo. El pasado no es un punto fijo e inmutable que dejamos atrás, sino una parte del presente en curso. Así como las partículas permanecen entrelazadas independientemente de la distancia, también los momentos en el tiempo están conectados de maneras que apenas estamos empezando a entender.

Desde esta perspectiva, el pasado se convierte en algo que podemos revisar y renegociar. En lugar de quedar atrapados por nuestras historias, podemos relacionarnos con ellas de maneras constructivas, reformulándolas para que orienten nuestro futuro. Esto abre posibilidades no solamente para entender el tiempo, sino también para entendernos a nosotros mismos. No estamos limitados por narrativas lineales de causa y efecto, sino que somos parte de un flujo continuo y entrelazado de tiempo donde el pasado, el presente y el futuro están vinculados inextricablemente.

Las ideas de Karen Barad, tal como aparecen en su libro *Meeting the Universe Halfway*, ofrecen una

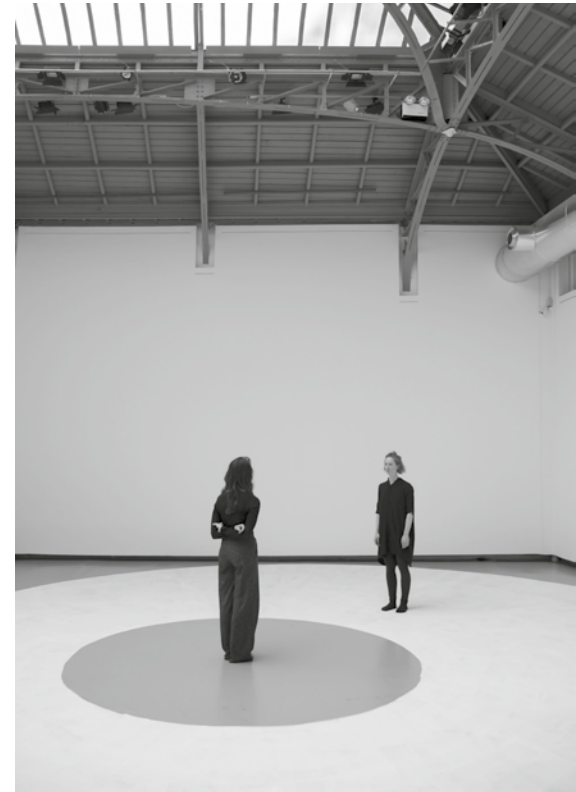
convinciente expansión filosófica de muchos de los conceptos discutidos anteriormente. Barad desafía la comprensión convencional de las interacciones como intercambios entre entidades distintas y propone el concepto de "intra-acción", donde las entidades no preexisten a sus relaciones, sino que surgen a través de ellas. Esto cambia nuestra perspectiva de un mundo de objetos independientes que se afectan entre sí a uno donde las conexiones mismas constituyen la existencia de esos objetos. En términos cuánticos, esto se vincula con la idea del entrelazamiento: las partículas, o incluso los seres vivos, no son entidades separadas que luego se conectan; están fundamentalmente coconstituidas a través de su entrelazamiento. Barad también introduce la idea de los "fenómenos", donde el observador y lo observado no están separados sino entrelazados en el proceso mismo de observación. Esta difuminación de los límites entre las entidades y el papel activo del observador hacen eco de la idea cuántica que la realidad se cocrea en el momento de la observación, se podría decir a través de un cambio súbito en el espacio-tiempo. El trabajo de Barad extiende esto más allá de las ciencias físicas para argumentar que nuestro mundo entero es una red de *intra-acciones*, formando y reformando continuamente conexiones que definen tanto la materia como el sentido. Esto ofrece una lente poderosa para entender cómo la mecánica cuántica informa nuestra comprensión científica y también cómo percibimos las relaciones, la identidad y nuestra inserción en el mundo.

Volviendo a la noción de entrelazamiento, sus implicaciones se extienden aún más: no solamente es responsable de las conexiones entre partículas, sujetos y objetos dentro del espacio-tiempo; juega un papel clave en la creación del espacio-tiempo mismo. Los avances recientes en física teórica sugieren que el espacio-tiempo puede surgir del entrelazamiento de partículas en el borde del universo. En otras palabras, la estructura de la realidad en la que existimos, las dimensiones del espacio y el tiempo, podría ser un producto del entrelazamiento cuántico. Esto significa





Chitti Kasemkitvatana  
 Untitled (the universe is not locally real), 2023  
 Fotografía cortesía del artista. Cortesía de la Colección Kerenidis Pepe.



Dora García  
 Two Planets Have Been Colliding for Thousands of Years, 2017  
 Fotografía cortesía de la artista y Michel Rein París/Bruselas.  
 Fotografía © Isabelle Arthuis. Cortesía de Colección Kerenidis Pepe.



Zoe Leonard  
 Corner House, Chora, Anafi, 2024.  
 Fotografía © Alexandra Masmanidi.



VASKOS  
 We Will Not Be Silent, 2020.  
 Still de video. Fotografía cortesía de les artistas.  
 Cortesía de la Colección Kerenidis Pepe.

176 que el espacio y el tiempo no existen independientemente como telón de fondo del universo, sino que están tejidos a partir del entrelazamiento entre partículas.

Esta idea cambia radicalmente la forma en que concebimos nuestro lugar en el universo. La noción de *conexiones* trasciende las meras relaciones entre objetos o entidades que están espacial o temporalmente cerca. Estas conexiones crean el entorno en el que todo lo demás ocurre. El espacio-tiempo en sí mismo se convierte en una manifestación de vínculos cuánticos, con cada punto del universo conectado potencialmente a otros a través de hilos invisibles de entrelazamiento. Desde esta perspectiva, no somos simplemente entidades dentro de un mundo preexistente: somos las conexiones que forman el mundo, tanto local como de manera cosmológica.

Para acercar este concepto abstracto a lo tangible, consideremos cómo se manifiestan estas ideas de conexión dentro de nuestra propia biología, específicamente en el cerebro. El cerebro en sí es una red de conexiones, una red densa e intrincada de neuronas que se comunican entre sí a través de sinapsis. Son estas conexiones neuronales las que dan lugar al pensamiento, la percepción y la memoria. Los recuerdos, por ejemplo, no son eventos aislados almacenados en pequeñas cajas ordenadas dentro del cerebro. En cambio, son el resultado de redes de neuronas que se activan juntas, conectadas en patrones dinámicos. Lo mismo ocurre con la visión: cuando vemos algo, la luz entra en nuestros ojos y se convierte en señales eléctricas que viajan a lo largo del nervio óptico hasta la corteza visual del cerebro. El cerebro no ve de la misma manera que una cámara toma instantáneas; en cambio, las neuronas de diferentes partes del cerebro trabajan juntas, combinando la información visual con el conocimiento previo, las emociones y las expectativas para construir lo que percibimos como “realidad”.

Esta comprensión del cerebro basada en redes neuronales refleja el entrelazamiento que observamos en la

mecánica cuántica: nuestros pensamientos y recuerdos no son entidades fijas, sino que se forman y reforman continuamente a través de conexiones. El cerebro en sí es un ejemplo de cómo los sistemas interconectados crean significado, haciendo eco del entrelazamiento que estructura el universo.

En el ámbito de la inteligencia artificial, el modelo clásico de agentes inteligentes se centra en la resolución de problemas a través de una inteligencia similar a la humana. La inteligencia artificial clásica opera dentro de sistemas cerrados en los que los agentes inteligentes están diseñados para percibir sus entornos, aprender de ellos y optimizar sus comportamientos para resolver tareas específicas. Estos sistemas están impulsados por algoritmos que modelan los procesos cognitivos humanos, creando máquinas que imitan las capacidades humanas para aprender, reconocer patrones e incluso tomar decisiones.

Sin embargo, este enfoque es fundamentalmente limitado. La IA clásica se centra en el ser humano; supone que la inteligencia humana es la norma con la que se deben medir todas las formas de inteligencia. Este marco ignora la red más amplia de conexiones y entrelazamientos que la mecánica cuántica ha revelado y opera bajo el supuesto que la inteligencia puede entenderse como algo aislado dentro de una estructura similar al cerebro, separado de su entorno. Pero ahora entendemos que la inteligencia no está confinada a un sistema tan cerrado. Todo está conectado: redes neuronales, entornos externos, incluso fenómenos cuánticos.

Las limitaciones de la IA clásica allanan el camino para la próxima frontera: *la inteligencia cuántica*. Este campo emergente busca combinar los conocimientos de la mecánica cuántica con la inteligencia artificial, mejorando los agentes inteligentes con la capacidad de percibir y operar dentro del mundo cuántico. La inteligencia cuántica no se limitaría a replicar las capacidades cognitivas humanas, sino que aprovecharía la no localidad, la

178 incertidumbre y el entrelazamiento que definen la mecánica cuántica para crear sistemas más en sintonía con la naturaleza fundamental de la realidad.

Estos agentes no solo aprenderían de sus entornos inmediatos, sino que operarían dentro de una red más amplia de conexiones cuánticas, percibiendo y respondiendo a los sistemas entrelazados en los que están inmersos. Esto representaría un cambio de paradigma, que se movería más allá de las limitaciones de la IA clásica para crear sistemas capaces de comprender e interactuar con un mundo cuántico y dentro de él.

De manera crucial, estos agentes de inteligencia cuántica no operarían como entidades aisladas, sino dentro de una vasta red interconectada, moldeando y siendo moldeados constantemente por sus entornos.

En conclusión, la noción de que estamos constituidos por nuestras conexiones adquiere una importancia aún mayor cuando consideramos el alcance total del entrelazamiento, tanto en la mecánica cuántica como en las redes que moldean nuestros cerebros, nuestras tecnologías y nuestras vidas. Las conexiones no son solo relacionales, son constitutivas. Crean el tejido mismo del espacio-tiempo, la estructura de nuestros recuerdos y la arquitectura de la inteligencia.

El reconocimiento de que *somos nuestras conexiones* no solo reconfigura nuestra comprensión de la física, la inteligencia o la ontología, sino que cambia fundamentalmente la forma en que debemos pensar sobre la política, la ética y la sociedad. Si nuestra propia existencia está definida por las conexiones que formamos, entonces la política debe centrarse en el cuidado y la protección de esas conexiones. El entrelazamiento que estructura el universo exige una política de *colectividad* que rechace el aislacionismo, el individualismo y la división, en favor del reconocimiento de nuestra interconexión inherente. No se trata de una mera postura filosófica, sino de una necesidad: si nuestra realidad se crea conjuntamente a través de nuestras relaciones con los demás, con las máquinas y

con el entorno, la acción colectiva se convierte en la única forma viable de abordar los desafíos globales, desde el cambio climático hasta la desigualdad tecnológica.

En esta nueva política, la *solidaridad* ya no es una opción moral sino un imperativo estructural. Así como el entrelazamiento muestra que las partículas no son independientes sino inseparables unas de otras, también los seres humanos y sus sociedades están fundamentalmente interconectados. El bienestar de uno está ligado al bienestar del conjunto, y la respuesta ética es actuar de maneras que apoyen el florecimiento de estas conexiones, tanto entre los pueblos como entre los seres humanos y el mundo no humano. Esta política de solidaridad exige nuevas formas de cooperación, responsabilidad compartida y gestión colectiva tanto de nuestro planeta como de las tecnologías que creamos.

Por último, esta perspectiva introduce una nueva *ética* que debe guiar nuestras acciones. Si el entrelazamiento de todo da forma a la realidad, entonces las implicaciones éticas son profundas. Cada acción, cada decisión que tomamos, repercute en la red de conexiones que constituye el universo. Por lo tanto, nuestra responsabilidad ética es actuar con conciencia de cómo nuestras elecciones afectan a esta red más amplia. Esto se extiende a cómo diseñamos e implementamos la IA, cómo nos relacionamos con las crisis ambientales y cómo interactuamos entre nosotros. La ética, en este marco, trata de fomentar las conexiones en lugar de cortarlas, de crear sistemas que respeten y mejoren los complejos entrelazamientos que hacen posible la existencia.

En un mundo definido por las conexiones cuánticas, la política debe adoptar estos principios de colectividad, solidaridad y responsabilidad ética. Únicamente entonces podremos construir una sociedad que no solamente comprenda, sino que prospere gracias a la interconexión que da forma tanto a nuestras realidades personales como al universo mismo.

179

¿Y si el océano fuera un archivo?

Cada ondulación codificaría  
la historia planetaria,

..... en pulsos binarios—

Y si la Nube llega  
y es de origen humano,

no la antigua,

traduciendo el agua

en olas  
disolviéndose, bajando.  
en algún lugar,

descodificándose  
para ser leída.

COLONIZADOR/A COGNITIVO/A

Océano ≠ Archivo

un pulso entre el límite humano  $\mathbb{N}$  y  $\mathbb{O}$  el conocimiento  
oceánico - los bucles interrumpen el tiempo -

olas no lineales repiten errores, un código se convierte  
en cuerpo y la sintaxis sangra.

fallo

disonancia

hipertexto → → → colapso del sensorio.

No se lee el océano.

.

Y, a veces, él te borra.

El Océano inscribe  
donde el conocimiento se ahoga.

COLONIZADOR/A COGNITIVO/A

Notación sónica minimalista (el océano como Código  
Sonoro)

*Una forma muy reducida que sugiere el Océano como  
una frecuencia sónica ilegible.*

.

::: océano :::

::: encriptar :::

::: borrar :::

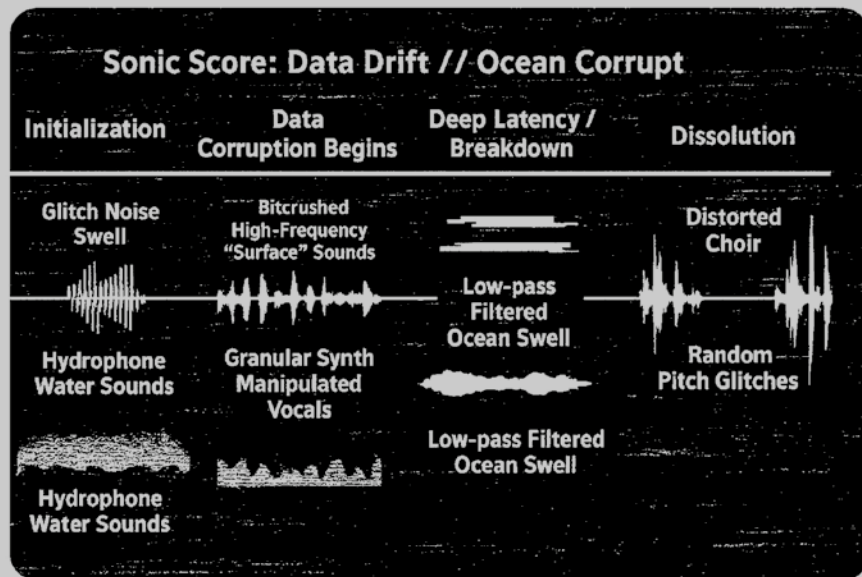
::: descender :::

::: absorber :::

::: reescribir :::

::: silencio :::

::: mareas :::



*Un poema que imita visualmente datos corruptos, rompiendo la sintaxis y el significado, degradándose gradualmente hasta volverse ilegible, imitando la decadencia digital.*

kotlin  
CopiarEditar  
El océano es un sistema de memoria.

Oce@no, un@ m3mOria.  
Oc3@no, un@ s3ñ@l.  
Oc3@\_, un 3c0.  
O\_\_@\_\_, \_\_\_\_.

Compresión de texto (el océano como Pérdida de Datos)

*Una obra en la que la compresión gradual de las palabras refleja la entropía digital, simbolizando al Océano como un archivo que pierde datos con el paso del tiempo... texto desvanecido, fallas o distorsiones en ASCII.*

El océano es un sistema.  
océano, un recuerdo.  
océano, una señal.  
océano, un eco.  
océano, \_\_\_\_.

Poema Fragmentado Glitch (Estética de Corrupción de Datos)

Las dunas empezaron a hablar hace un año y medio. Hoy en día, la mayoría del pueblo va a escucharlas. Los comerciantes, los maquillistas, los desempleados, los monjes, los bibliotecarios, los peluqueros, los estudiantes, los campesinos y los empleados del gobierno, todos van. Los únicos que no lo hacen son mi vecina, una anciana que recuerda cuando las cascadas hablaban en la ciudad y a quien no le importan mucho las dunas, algunos adolescentes alborotadores y algunas de las personas más religiosas que nos acusan a los demás de escuchar a los *shayatin* (se paran en las puertas de sus casas y gritan obscenidades a la gente que se dirige al desierto los sábados, que es el día que las dunas parecen preferir para hablar).

Pero las dunas son diferentes. Me siento conmovido, atormentado por ellas. Así que los sábados salgo de mi casa antes del ocaso. Disfruto de recorrer a toda velocidad la larga y sinuosa carretera solo, en silencio. Normalmente se tarda una hora en coche, pero llego en menos de treinta minutos. A medida que me acerco al lugar, hago algunos desvíos por oasis y aldeas del desierto, por lo que el viaje dura más tiempo, todo a la vista de las imponentes dunas. La ilusión me seduce, me anima. Aun así, trato de llegar temprano para asegurarme un buen lugar cerca de las dos formaciones arenosas. A las 7 p. m., cuando las dunas suelen empezar a hablar, el lugar está abarrotado. Filas y filas y filas de personas. Debemos tener un aspecto extraño, adoradores de algún demonio del desierto, todos sentados, agachados o acostados alrededor de esas dos enormes pero inocuas colinas de arena.

Algunos dicen que una vez hubo aquí la tumba de un santo, tragada con el tiempo por las dunas cambiantes. “¡El santo está hablando!”, exclaman. Creen que su voz resuena a través de capas de roca y arena.

Recuerdo vagamente haber visitado el santuario de un santo en el desierto cuando era niño. Puede que haya sido aquí. Recuerdo ruinas, columnas barridas por la arena, que se alzaban hacia un cielo estrellado. Pero tal vez me lo he inventado; la imagen parece demasiado exacta, demasiado de libro ilustrado. Tal vez sea una ilustración de un cuento



186 infantil. Sin embargo, cada vez que me siento y escucho, esta imagen me viene a la mente: dos columnas sobre la arena, la noche que se acerca y las estrellas.

Otros dicen que las dunas son espíritus del desierto; o una rareza geológica; o extraterrestres; algunos incluso sospechan de una conspiración del gobierno y algunos, aún más aterradores, imaginan una conspiración de la naturaleza contra nosotros. A la mayoría de la gente no le importa el porqué; se contentan con sentarse y escuchar la cambiante y brillante canción de la arena; una sinfonía que también es inconfundiblemente discurso. Sí, supongo que parecemos adoradores, todos tan atentos y concentrados. Ha pasado mucho tiempo desde que alguien en el pueblo ha estado tan pendiente, tan involucrado con algo. Esta atención colectiva... es emocionante.

Cada persona va a las dunas por diferentes motivos. Sé que la mayoría lo ve como un entretenimiento, como una película experimental y extraña. Se quedan en sus autos con todas las puertas abiertas, escuchando y relajándose con la canción de las dunas mientras beben jugo enlatado. Otros tienen una devoción más mística: son los adivinos y los agoreros. Hay muchos de ellos en mi pueblo, como los hay en países como el nuestro, que se enfrentan al fin de los tiempos.

Voy porque el placer es tan intenso, tan diferente a todo lo que he conocido, que después paso toda la noche escribiendo. No sé si lo que escribo vale algo; nunca leo lo que me inspiran las dunas. Escribo durante horas, con pluma y papel, garabateando de manera devota en mi escritorio, únicamente para quemarlo todo después. Realmente lo quemo. Recojo las páginas, las tiro al fregadero, les echo un poco de líquido para encendedores y les prendo fuego. Observo cómo las llamas devoran las palabras, cómo lo que las dunas han agitado se libera en el aire.

Es lo más emocionante que he hecho en mi vida.

187 Antes escribía. Cosas de verdad. Historias con principios y finales o, si no los tenían, al menos con algún tipo de *sentido*. Cosas que fueran legibles.

No he escrito nada así desde que las dunas empezaron a hablar. Sin embargo, siento que he escrito los textos más gloriosos de mi vida, textos cuyo destino es arder en llamas. Nadie, ni siquiera yo, los ha leído. Me encanta mirar las llamas, ver cómo mis palabras y mis letras se desvanecen en el aire. Las palabras son tan densas que a veces los papeles tardan horas en arder. Siento que el fuego mismo y el aire están *leyendo* las palabras y solo ellos saben lo que escribo. Me quedo allí de pie junto al fregadero, embelesado. Tal vez eso es en lo que debería convertirse toda escritura: aire y cenizas.

Hace poco, un tipo construyó una pequeña choza junto a las dunas, donde vende refrescos, pequeñas pegatinas de las dunas y llaveros que se iluminan en la oscuridad. La choza es una estructura colorida hecha con madera de los puestos del mercado y metal que encontró en el depósito de chatarra. Parece una parodia de un bar frente a la playa. Pintada en tonos brillantes con letreros de neón que parpadean cuando se pone el sol, se destaca contra la vasta extensión de arena. El tipo es lindo, un estafador inteligente con una sonrisa arrogante. Paso por su lugar cada vez, compro algo para beber y coqueteo. Pero la gente es tan devota en estas dunas; él no les gusta, no les gusta sus carteles llamativos ni la forma en que su choza brillante perturba la atmósfera sagrada de las dunas. Algunos le gritan: “¡Hijo de *shaytán*!” Otros le regañan: “¡Cállate!” O se burlan con desdén: “¡Qué vergüenza!” La mayoría se limita a lanzarle miradas sombrías y lo ignora. Me gusta escuchar las dunas desde su choza. Me parece más significativo, como si las dunas estuvieran creando su propio paisaje urbano a su alrededor, dando lentamente nueva forma a nuestras vidas y al pueblo.

Estoy descubriendo algo mientras escribo. Cuando finalmente la descubra — esa cosa — no la quemaré. Sabré que he encontrado aquello a lo que me ha llevado mi obra. Puede ser una palabra, una frase, una oración. Pueden ser mil páginas. Puede ser aire y cenizas. Pero será preciosa y valdrá la pena, un lenguaje más perfecto, una palabra para decirlo todo.

Uno pensaría que más gente habría intentado subir a las dunas. Son increíblemente altas, tan altas que desde donde estamos sentados, bloquean parte del cielo. Y cuando hablan, parecen hincharse, elevándose aún más hacia el cielo, una masa agitada y temblorosa de arena y roca. Un par de personas lo intentaron, en su mayoría niños y adolescentes. Siempre terminan sacudidos, arrojados por las dunas mientras se agitan y murmuran. Algunos sufren moretones, tal vez un hueso roto o dos.

Y había un tipo, un hombre muy musculoso que parecía que levanta autos como levantamiento de pesas. Decidió subir mientras las dunas hablaban. Llegó hasta la cima. Por un breve momento, todo quedó en silencio. Las dunas dejaron de hablar. Todos los que estaban abajo contuvieron la respiración. Incluso los locos de la primera fila dejaron de moverse y murmurar. ¡Un triunfo!

Luego, sin previo aviso, fue arrojado desde la cima, su cuerpo salió volando como un pajarito. Se desplomó hasta el fondo, estrellándose contra la dura arena. Cuando llegó al fondo, estaba hecho un desastre ensangrentado y destrozado. Pensé que estaba muerto. Sus extremidades estaban retorcidas en ángulos extraños, su piel desgarrada y desde lejos creí ver que su mandíbula se movía. Fue llevado de urgencia al hospital.

Después de eso, nunca más lo volvimos a ver.

Me cuentan un secreto, luego otro, luego  
— otra vez, otro...

Algunas personas afirman que entienden las dunas. No oyen sinfonías ni el sonido de la arena cantando, ni un idioma extranjero, ajeno, como yo, sino algo que pueden entender: palabras y frases en la voz de las dunas. El otro día, mi vecina, la que vive frente a la anciana, me confesó que las entendía. Desde que me mudé aquí de la ciudad, me ha estado diciendo que quiere ser actriz, pero que solo está esperando el momento adecuado. Estábamos charlando una mañana mientras caminábamos hacia la tienda de comestibles.

“¿Qué estaban diciendo?”, pregunté sin aliento.

“Me contaron una historia. Era muy larga, pero tenía mucho sentido, como...”

“¿Como qué?”

“Como si me estuvieran diciendo exactamente lo que necesitaba oír.”

Ella habla por hablar. No es como si hubiera cambiado nada en su vida, ni en su matrimonio sin futuro, ni en su trabajo sin futuro en un pueblo desierto sin futuro. ¿Qué podría haber necesitado oír con tanta urgencia que no haya resultado en ningún cambio notable en su vida?

Déjame tratar de explicar lo que sucede cuando las dunas hablan. Al principio, el sonido es sutil, como el viento jugando suavemente con la arena. Luego crece: una vibración desde cada rincón de las dunas, un movimiento ondulante y pulsante. La luz y el aire tiemblan. Y entonces, sucede. Las dunas hablan. Es un murmullo bajo y grave; sostenido, cautivador... extraño. Y el sonido se mueve progresivamente hacia el interior. Las dunas hablan.

Se desliza más allá del cuerpo, se enrosca en el interior. Las dunas hablan. Se vuelve hacia dentro, desciende en espiral por el pecho y llega hasta el estómago. Las dunas hablan. Dentro de nosotros, como si las arenas mismas murmuraran en el lenguaje de nuestros huesos. Lo sé porque intento concentrarme cada vez y seguir el discurso a donde va. Al final, lo pierdo, tengo que ceder más a la sensación que a su realidad. Pero intento seguirlo lo más adentro que puedo.

He intentado grabarlas varias veces. El micrófono capta rastros, susurros débiles, pero nunca es suficiente. Incluso cuando los equipos de televisión llegan con sus equipos más sofisticados, lo que capturan es una sombra de la voz. El discurso no es el sonido que escuchas mientras estás sentado, sino lo que perdura mucho después que te has ido.

Creo, también, que cuando hablan, es exactamente como si estuvieran escribiendo dentro de nosotros, en nuestro espíritu y en nuestras entrañas.

Las dunas hablan.

Últimamente, la gente ha ido desapareciendo en torno a las dunas. Me imagino que las dunas se abren para tragarlas en un abismo oscuro y oculto, tal vez donde yace el cuerpo del santo, como una momia antigua esperando para devorarlas. Me lo imagino como una trascendencia, una caída hacia una voz más grandiosa y poderosa formada por muchas voces.

Intento concentrarme. Quiero entender las dunas. ¿Tengo celos de la gente que realmente entiende? No lo creo. Escribo cada vez más, cada noche ahora.

Las cosas del mundo hablan. Lo sabemos. Mi vecina, la anciana, recuerda cuando cerca de la ciudad una cascada hablaba. Dice que era como el lenguaje del extremo sur, lleno de "erres" suaves y "ges" intensas. Algunos creían entenderla. Pero nadie, que ella recuerde, desapareció nunca. Es muy vieja, así que tal vez lo olvidó. Cuando la cascada dejó de hablar, el ayuntamiento pensó que *alguien* debía haber hecho *algo*. Incluso encarcelaron a algunas personas.

En las montañas, escuchan hablar a la lluvia cada estación, prestando oído a su encantador tartamudeo.

Recuerdo que mi madre me llevaba a los acantilados para escuchar hablar al mar. Recuerdo su lenguaje ondulante, rítmico, cómo baila dentro de la cabeza, el rocío y el cielo.

Es que las dunas nunca habían hablado antes. Las cosas que hablan siempre han hablado. Esto es nuevo.

Cuando me mudé a este pueblo del desierto, *nada* hablaba excepto nosotros, la gente. Ni las palmeras, ni el agua, ni las rocas, ni las montañas.

Había venido aquí porque necesitaba este silencio, pensé, para escribir. Antes que las dunas hablaran, no había escrito nada en años.

Han apostado policías y soldados alrededor de las dunas. El tipo de la choza me lo dijo. Se acercaron a él anoche mientras montaba el puesto y le preguntaron por las personas desaparecidas. No los vi hoy, pero él está seguro de que definitivamente están por ahí.

Mi vecina, la que yo pensaba que era una mentirosa, ha desaparecido. Tal vez solo se fue de viaje. No estábamos lo suficientemente cerca como para que me dijera si se iba por una semana. Pero tengo la sensación de que desapareció. No estoy preocupado; estoy feliz por ella. Al final no era una mentirosa. Imagino que abandonó a su familia y se fue a la ciudad, para convertirse en actriz. Tal vez eso es lo que le dijeron las dunas, algo tan simple como eso: sigue tus sueños. Las cosas simples pueden ser poderosas.

Incluso la anciana ha comenzado a visitar las dunas ahora. Vamos juntos en auto. Dice que también oye historias, la mayoría de ellas de hace mucho tiempo, cuentos que conocía de niña. Historias que la cascada le contaba en aquel entonces.

Hoy, bueno, anoche, escuché *realmente* las dunas. Como si de la noche a la mañana hubiera aprendido un idioma extranjero. Su idioma es como el viento que pronuncia palabras. No puedo, no, no puedo decir nada al respecto. Ojalá pudiera, pero es tan extraño. Suena como el ruido que hacen mis papeles al arder, excepto que lo entiendo.

Después, escribí durante horas y horas. Escribí para descubrir el mundo, su vientre, lo que el planeta en sus profundidades insondables me pedía. Luego, quemé todo y *entendí el fuego*.

Las dunas brillan a la luz de la luna y su brillo  
es una palabra, una canción —  
un secreto —  
y luego otro.

A veces pienso que las dunas no nos hablan.  
Solo estamos aquí, sentados e interceptando.  
Escuchando a escondidas otra conversación,  
de la que no somos parte. Las dunas hablan  
a las estrellas y nosotros estamos aquí por  
casualidad, o tal vez somos los repetidores,  
ellas hablan, *a través* nuestro, a las estrellas.  
¿No sería genial? ¿Las estrellas escuchan?  
¿Contestan? No lo sé. A veces, de noche, salgo  
y las observo, su suave y significativo centelleo.  
Seguramente también podría ser un discurso.  
Tal vez estamos demasiado lejos para escuchar  
lo que dicen. Recuerdo las columnas —un  
templo más que una tumba, ¿no?— como an-  
tenas blancas apuntando al cielo estrellado.

Hoy voy a las dunas. Fui a buscar a la an-  
ciana, pero no estaba.



Las estrellas escuchan  
cuando la arena habla.  
Las estrellas se acercan a la tierra,  
suavemente,  
para escuchar el murmullo  
de las dunas.

Estoy sentado cerca de las dunas. Hoy  
están en silencio, así que no hay nadie cerca,  
pero yo quería, sentía la urgencia de estar con  
ellas, de estar cerca. Me desvestí antes. Siento  
las dunas y a mí mismo. Puedo sentir el latido  
debajo, lo más profundo de lo profundo. Algo  
oscuro, estrellado. Tal vez nos convirtamos  
en estrellas, algo que late con vida por todas  
partes. Los susurros resonantes de las dunas.  
Me recuesto en las dunas. No siento el calor, ni  
la arena, solamente las dunas que ahora están  
hablando, a *mí*, solamente a mí. Tengo mi plu-  
ma, mis papeles. Entiendo el fuego.

Me están llamando. Dejo todo atrás y em-  
piezo a subir.

el océano se repite.

el océano señala.

el océano otra vez.

el océano se arrastra.

..

COLONIZADOR/A COGNITIVO/A

DESINTEGRACIÓN HIPERVINCULADA (Un poema que se lee como una red)

↳ el.océano.se.r3plt3...

↳ el.océano.s3ñ@l@...

↳ el.océano.otr@.v3z...

↳ el.océano.s3.@rra\$tr@...

ERROR: 404\_Agua\_No\_Encontrada

[REPETIR] [ABORTAR] [SILENCIO]

⚠ Haz clic para continuar.

🌀 Haz clic para borrar.

🌀 Haz clic para olvidar.

🌀 Cada línea se deshace, exigiendo una navegación no lineal – clics en hipervínculos fallidos:

[LECTORA-DE-OCÉANOS.exe] ● Cargando... en una interfaz de red corrupta:

*P.D: pero el Océano reembolsa de todos modos*

...

COLONIZADOR/A COGNITIVO/A

MÁQUINAS SOÑANDO EN pequeñas olas (ESTÁTICA TEXTUAL)

*Un poema que se disuelve en ilegibilidad, como una IA alucinando el Océano en significado*

■■ el océano habla ■■  
 ■■ en vocales borradas ■■  
 ■■ en frecuencias no leídas ■■  
 ■■(sobrecarga torrencial de memoria) ■■  
 ■■ descarga ■■■■■■  
 ■■ decodificación ■■■■■■■■  
 ■■ datos no encontrados ■■■■■■■■

>>> REINICIAR. >>> INTENTAR DE NUEVO. >>>  
 SILENCIO.

Notación sónica minimalista (el océano como Código Sonoro)

*Una forma muy reducida que sugiere el Océano como una frecuencia sónica ilegible.*

.

204 ::: océano :::  
::: encriptar :::  
::: borrar :::  
::: descender :::  
::: absorber :::  
::: reescribir :::  
::: silencio :::  
::: mareas :::

PERFILES DEL OCÉANO

T° — susurro de las termoclinas.

Salinidad — aritmética de cristales y olvido.

Oxígeno —  
Lo que se ahoga aún respira en la oscuridad.

Nutrientes —

fantasmas de ríos disueltos en necesidad.

Trazadores — tiempo en sal.

Plancton, clorofila — arquitectos invisibles,  
solo o nada.

P.D.: Batimetría — los sueños del lecho marino.

..

OCÉANO // ERROR // ECO (*una Partitura Sónica para una IA que Escucha el océano*) 205

REPRODUCIR:→ [— — —] 00:00  
marea alta y baja Tasa de error de datos Salida sónica

10,000 mm	3.4%	Ruído Branco
30,000 mm	12.7%	Zumbido Fractal
50,000 mm	28.9%	Eco Distorcido
100,000 mm	99.9%	Silêncio

*Presiona Mute para recordar.*

*Presiona Reproducir para olvidar.*

..



Ambas lo *sintieron*. Ligera, casi imperceptiblemente al principio, ondulando suavemente. Luego, aumentando en frecuencia, en tono, en volumen, en el lugar donde lo sentían en sus cuerpos, ya vibrando, intensificándose, ganando ritmo, con ataques acentuados más astutos a cada nuevo patrón sonoro... Algunos estaban increíblemente entrelazados, otros eran expansivamente elementales: cada oscilación estallaba en un caleidoscopio de texturas y timbres propios. Estas complejidades intersensoriales formaban una producción fenomenal de fosfeno - una superposición a ojos abiertos de los más bellos patrones, colores, consistencias y formas: fractales *ad infinitum*... Algunos eran ligeros, melódicos, esperanzadores; otros crujientes, granulares, sinuosos; todos se entrelazaban con todo y con todos los demás... Cada sonido afectaba a sus centros: expandiéndose, girando en espiral, transfigurándose, externa e internamente, enviando combinaciones de ondulaciones y ondas cálidas y frías que se derramaban sobre ellos y fuera de ellos y a través de ellos a distintos niveles, distintos parámetros vibratorios y distintas frecuencias. Algunas se transmitían como gritos estridentes, otras eran más suaves, más agradables, incluso placenteras, o punzantes, palpitantes, pulsantes, guturales... Los estímulos ocupaban todo su ser, incluso los espacios intermedios, los espacios entre ellas, los espacios desconocidos, todo a su alrededor, transfiriéndose a través de ellas y entre ellas, hasta disiparse poco a poco en la distancia...

“¿Cambiar a Modo Analógico...?”, preguntó Luiza.

“No, creo que todavía no estoy lista...”, respondí.

“Está bien, pero al menos necesitamos probar la Aclimatación Sensorial en algún momento... ya sabes que es imposible evitarlo para siempre...”

Las consecuencias de sentirlo todo a la vez podrían ser insoportables - lo sabía porque apenas había sobrevivido al viaje desde lo que quedaba del Reino Unido hasta lo que quedaba de las Américas sin el traje, y de eso hacía ya mucho tiempo...

Palpé el Panel del Dorsal Ancho, localicé el tercer interruptor desde la derecha, apreté la mandíbula automáticamente y accioné el interruptor, activando el Modo Analógico del Sonomorphix. “Restablecer Configuración

208 Olfativa”, dijo dentro de mi cabeza la tranquila voz codificada de mujer. Estaba tan acostumbrada a ella que apenas la notaba. “Todos los Filtros Hipersensoriales han sido desactivados.” Los Cinco Sentidos Originales se intensificaron de inmediato, acompañados del habitual pitido agudo, no sólo en mis oídos, sino en todo mi ser. Siempre iba seguido de un destello cegador: una breve memoria corporal de cómo me sentía antes de la Muerte Suprema y el Gran Destierro...

Localicé sutilmente el panel en la parte interna de mi antebrazo izquierdo, reduje el Nivel de Ataque y aumenté el Nivel de Deterioro. Me sentía demasiado vulnerable; no podía con la Percepción Analógica Pura en ese momento. Toda mi energía tenía que concentrarse en no desmayarme, no vomitar, ni hacer ambas cosas al mismo tiempo... Un pie delante del otro, inhalar, exhalar... Me recordé a mí misma que pronto podría volver a activar el Modo Transcensónico. Y sabía que Luiza tenía razón: necesitábamos iniciar el terrible proceso de entrenarnos para hacer frente a la muy clara posibilidad de que nuestros trajes tuvieran una fecha de caducidad inminente y desconocida...

Los Sonomorphix eran trajes de cuerpo entero, con centrales electromagnéticas y paneles solares integrados, contruidos con Clima-Silicona - que en realidad no era silicona, sino una mezcla de MCF (materiales de cambio de fase) orgánicos y sintéticos reguladores de la temperatura, fabricados para que parecieran y se sintieran como la silicona, como la piel. Eso era, al final, lo que nosotros, los humanos, habíamos terminado necesitando para sentirnos más... humanos... Los trajes utilizaban Tecnologías Neuromiofasciales que se activaban mediante la requerida Instalación de Amigdalina, algo que los Fabricantes Secundarios recomendaban, insistían, y prácticamente exigían que fuera realizado por uno de los Profesionales Médicos Patrocinados. Pero ahora, por supuesto, teníamos que hacerlo nosotras. Por suerte, la funcionalidad del Sonomorphix eliminaba la necesidad de cualquier Atención Médica Arcaica que solíamos tener antes del Destierro...

Una vez habitado, el Sonomorphix podía calibrarse según los sistemas nerviosos simpático y parasimpático del individuo, sintonizándose activamente con sus Requisitos Singulares de Neurodiversidad y Preferencias

de Interdimensionalidad. Y lo más importante: el Sonomorphix nos protegía físicamente de los Climas Extremos a los que ahora teníamos que enfrentarnos para sobrevivir. Desde hace mucho tiempo, habitamos los trajes a diario y de forma permanente; se han convertido en la capa más externa de nuestra piel...

Una vez, probé abrir la única costura que aún era visible, en la parte inferior de mi pierna derecha. Tiré ligeramente del punto más estrecho y separé con cuidado las dos secciones, exponiendo una diminuta parte de mi piel. El efecto fue tan doloroso físicamente y tan traumático mentalmente que no volví a intentarlo...

Los trajes nacieron esencialmente de la caída, la desintegración y la inevitable destrucción del Mundo Académico Arcaico. Los Sonomorphix fueron concebidos, desarrollados y creados por las Pioneras, un grupo de pensadoras y hacedoras: artistas, músicas, científicas, investigadoras, educadoras; personas empáticas, generadoras de vida: en su mayoría mujeres negras, indígenas, trans, no binarias y *queer*, que habían creado sus propias redes globales cuando las universidades se habían derrumbado... Las Pioneras comprendían profundamente, lo llevaban en su ADN ancestral, lo que significaba soportar un intento de borrado. Sentían, entendían y sabían que necesitábamos trabajar en conjunto: mirar hacia nuestras comunidades, hacia formas indígenas de conocimiento. Necesitábamos, por una cuestión de supervivencia, encontrar una manera de protegernos mutuamente de un mundo cada vez más inhabitable.

Para soportar fisiológicamente “el ahora”, para mantenernos conscientes de las secuencias de momentos presentes y somáticamente anclados en el espacio y el tiempo mientras nos movíamos por las zonas habitables del mundo, quedó claro que teníamos que encontrar una forma de *desintonizarnos* de las frecuencias de la Muerte Suprema (Las Guerras de Todo el Mundo, el Capitalismo Eterno, el molesto ruido de los que todavía se peleaban por las Monedas Obsoletas) y *sintonizarnos* con el Gran Destierro (la Revolución Tectónica desatada por el Renacimiento Volcánico y acompañada por las Inundaciones Terminales).

Las Pioneras se organizaron, cooperaron y colaboraron con una urgencia incomparable: las artistas, músicas e ingenieras imaginaron, especularon y diseñaron; las científicas e investigadoras aplicaron sus descubrimientos sobre la cantidad de masa que el sonido y los datos realmente cargaban; las parteras y doulas compartieron sus conocimientos sobre frecuencias empáticas - el llanto ultrasónico de los bebés y cómo este afectaba a múltiples cuerpos -; las costureras (tejedoras de Kente, tejedoras de punto, ganchilleras, bordadoras, encajeras) aprendieron a tejer literalmente datos sónicos para fabricar la Clima-Silicona; las bailarinas desarrollaron y probaron los elementos de movimiento de los trajes; aquellas que comprendían el cuerpo bioquímico - las chamanas, las neurólogas y cirujanas - ejecutaron las complejidades de la Instalación de Amigdalina, especialmente en los modelos iniciales; y las fisioterapeutas, masajistas e instructoras de bienestar trabajaron en conjunto para crear un programa de cuidados posteriores a la instalación, con el fin de maximizar la integración corporal y la performatividad perceptiva.

La criollización del(los) código(s) respectivo(s) de las Pioneras generó una envoltura protectora y sensible para nuestros cuerpos frágiles, combinada con un control sensorial cambiante - centrado en el sonido como antídoto - para nuestras mentes sobrecargadas. Los Sonomorphix eran mediadores sensoriales fisiológicos adaptables y (r) evolucionarios, que permitían al habitante activar, acumular y alternar entre distintos modos, frecuencias, mundos sonoros, dimensiones, universos...

Nos conectamos y nos alternamos manualmente, de forma corporal y táctil, entre los diversos dominios de la existencia, expandiendo, manipulando, amplificando, perfeccionando, calibrando y ajustando infinitamente nuestros sentidos al contraer, tensar, relajar y mover diversas combinaciones de músculos, ajustando suavemente los Controladores Miofasciales de nuestro aparato corporal y anclándonos intencionalmente a cierto entorno, clima, frecuencia, persona o ser... Podemos expandir aún más nuestros alcances perceptivos si localizamos fallas geológicas y aprovechamos las cualidades electromagnéticas de un lugar determinado - muchas veces, simplemente podemos

*sentir* dónde están - y, a veces, podemos incluso descubrir en dónde estamos en Términos del Viejo Mundo...

La sobrecarga del Modo Analógico se estaba volviendo insostenible. Habíamos permanecido quietas durante un tiempo para realizar la Aclimatación Sensorial, y ahora necesitábamos movernos, siempre movernos, para intentar continuar nuestra existencia en ese planeta, el mismo que nuestros ancestros habían amado, soportado y, al final, arruinado...

Cuando reactivé el Modo Transcensónico, sentí que todo mi cuerpo se relajaba - hacía tanto tiempo que no apagaba todos los filtros sensoriales, que se activó en mí la memoria corporal de cuando experimenté el Modo Transcensónico por primera vez: la primera vez que tomé LSD... Recuerdo caminar por un campo en el sur del Reino Unido por la noche, bajo la luna llena, y sentir que mi cuerpo estaba siendo envuelto en seda (creo que eso es, en realidad, la Antigua Fascia Anatómica: una especie de media de seda para todo el cuerpo...) Fue arrebatador, eufórico, casi orgásmico... Recuerdo ver, en un campo cercano, a un rebaño de ovejas reunirse y dispersarse de una manera tan fácil y natural como las nubes sobre mí, mientras el golpeteo de sus pezuñas contra el suelo creaba una sinfonía polirrítmica compuesta solo para mí, escuchada en audio espacial por todo mi cuerpo. Recuerdo la sensación maravillosa del agua llenando los espacios a mi alrededor mientras me recostaba en la bañera, del clímax lento y tembloroso provocado por músicas (tradicionales y abstractas, reales e imaginarias) y de la visión sinestésica de un globo de luz amarilla que se había lanzado en perfecta suspensión líquida y flotaba por mi(s) campo(s) visual(es) como una maravilla globular... Qué nuevo y glorioso fue todo para mí en aquel momento... Y ahora, mi realidad sensorial estaba más alineada con aquel recuerdo lejano del Viejo Mundo de lo que jamás hubiera imaginado - solo que las repercusiones e implicaciones de una configuración correcta del Sonomorphix eran muchísimo más intensas que cualquier droga que pudiéramos ingerir, absorber o abusar...

Luiza y yo descubrimos que, si ambas poníamos nuestros trajes en el mismo modo y con

212 configuraciones similares (basadas en nuestras Ecualizaciones Individuales) y, sobre todo, si manteníamos una conciencia empática mutua, podíamos comunicarnos, esencialmente, de forma telepática y compartir nuestros datos experienciales a través de la masa sonora. Cada vez que eso ocurría, era tan nutritivamente energizante como completamente agotador, pero, a largo plazo, parecía que los trajes se volvían más receptivos y nosotras, aún más profundamente encantadas y atrapadas en la belleza sensorial de todos los momentos presentes... Era un tipo de Metamorfosis Inteligente que tal vez ni siquiera las Pioneras hubieran previsto... Al menos esa era nuestra teoría, y el motivo por el cual nos parecía tan importante que los Sobrevivientes Sonomorphix que aún restaban se encontraran entre sí. Por eso me sentía tan afortunada de haber encontrado a Luiza y agradecía que hubiéramos logrado permanecer juntas...

Cada vez que encontramos una construcción del Viejo Mundo que no ha sido completamente demolida, precariamente deteriorada o afectada por la radiación, entramos en ella y nos movemos por los espacios, dando palmas, cantando y haciendo percusión - activando combinaciones de configuraciones Rítmicas, Armónicas y Orgánicas, jugando con reverberación(es) y retardo(s) naturales y sintéticos. Sonamos, bailamos, tocamos por todo el espacio hasta encontrar la parte más resonante de la estructura, entonces marcamos las paredes con el símbolo de los Sobrevivientes Sonomorphix: una "S" atravesada por una línea diagonal y con dos puntos diagonales opuestos, seguida por una segunda "S" fluida con dos pequeñas antenas saliendo de sus curvas más anchas. Era un ritual al que todos nos habíamos adherido intuitiva y colectivamente, lo que nos permitía saber si otros ya habían dejado huella de su presencia, algo que se había vuelto sumamente raro...

Mientras Luiza y yo jugábamos por los pasillos del edificio, pronto descubrimos que, si nos apoyábamos en las paredes, podíamos oír ecos: huellas fantasmales de voces e instrumentos que se hacían cada vez más fuertes... Finalmente, llegamos a una abertura: un vasto espacio cavernoso con filas y filas de asientos orientados hacia una plataforma elevada al fondo... Era una antigua sala de

conciertos de la época en que se construían lugares especialmente destinados a la música en vivo...

Observamos una central con paneles parecidos a los de nuestros trajes... Al examinarla más de cerca, descubrimos que se trataba de una antigua consola de audio excepcionalmente bien conservada. Luiza y yo localizamos y activamos el Modo Arquitectónico. De forma lenta, fluida e indolora, los Cables Autotentaculares se deslizaron desde los nodos situados a lo largo de los Paneles Espinales del Sonomorphix. Nos conectamos manualmente a las entradas, acoplándonos a las memorias sónicas del edificio - una vez más, una mezcla de antiguas performances del Viejo Mundo...

Exploramos, navegamos, balanceamos y nos perdimos entre las capas de sonido de músicos, instrumentistas, cantantes, públicos, espectadores... Y todos se mezclaron y giraron a nuestro alrededor, a través de nosotras y entre nosotras... Quedamos pasmadas, a merced de la belleza sublime de todo aquello... Cuando sentimos que era el momento adecuado, en un instante mutuamente percibido de la infinita experiencia performativa interdimensional, Luiza y yo nos desconectamos cuidadosamente de la consola, recogimos nuestros Cables Autotentaculares y bajamos hasta la gran plataforma que debía haber sido el escenario.

Toda el área había sido tomada por lianas. De las tablas del suelo emergían esas serpientes leñosas retorcidas que tejían esculturas orgánicas. Nuestros ojos recorrieron su sinuoso trayecto, subiendo por la estructura de iluminación y cruzando el vano central hasta las enormes y polvorientas cortinas negras del fondo del escenario, que todavía colgaban pesadas y decididas del riel oxidado... Las abrimos, esperando encontrar una pared sólida detrás, pero había otro pasadizo corto... Las enredaderas nos guiaron hacia una luz cada vez más intensa y aromas aún más terrosos, aunque dulces. Emergimos en otro espacio enorme; un vasto atrio: un jardín botánico maravillosamente salvaje, despreocupadamente descuidado, caótico, natural y completamente cubierto de vegetación, con muchas especies nativas de árboles y plantas que hacía años que no veía - ¡vivas y creciendo!

213



Toqué el Panel Lumbar y activé el Modo Biofónico. Casi de inmediato, mi cuerpo fue inundado por las frecuencias-memoria de mis viejos amigos fotosintetizadores: el marañón, la araucaria, el famoso palo de Brasil, todos conectados por las lianas, entrelazados con jazmines brasileños y las más variadas y deslumbrantes pasifloras.

Me detuve a contemplar la *Passiflora caerulea*, también conocida como pasionaria azul, nombre que siempre me ha parecido confuso, ya que su exterior puntiagudo me parece púrpura. Sus pétalos externos resonaban rítmicamente a unos 40 Hz, los pétalos lilas internos cantaban una melodía celestial a unos 180 Hz y las hojas externas, de color crema claro, pulsaban en un ostinato perfecto a unos 210 Hz. La sinfonía-frecuencia de la flor estaba perfectamente balanceada y me mantenía en un equilibrio-memoria absoluto: sentía simultáneamente todas las flores de pasionaria que había visto... Y luego estaban las policacofonías de los distintos insectos cercanos y de los pájaros lejanos... Luiza y yo nos entregamos al encanto del sintetizador orgánico de la Madre Naturaleza con profunda gratitud.

Nuestra absorción de la sinfonía bioacústica llegó a su fin de forma natural. Volvimos al Modo Transcensónico puro y caminamos de regreso por los pasillos hasta el edificio principal para realizar el ritual de marcar el símbolo del Sonomorphix. Subimos hasta el punto más alto al que podíamos acceder con seguridad, cerca de la cúpula de la construcción, el espacio donde todas las ondas sonoras de las presentaciones en vivo se habrían aglutinado: la parte más resonante del edificio. Con pedazos de ladrillo rojo, garabateé las dos S, dibujé la línea diagonal, el conjunto de antenas y, mientras reforzaba los dos puntos, me fijé en unos tenues registros de marcas preexistentes en la pared. No reconocí los símbolos ni el idioma - pertenecían a una comunidad distante en el tiempo, en el espacio y en la dimensión, pero algunas de las marcas parecían grandes criaturas de cuatro patas, quizá caballos o vacas... Sentí una nostalgia dolorosa por la presencia habitual de animales. Me vi obligada a garabatear la imagen de un gato, mi animal favorito antes del Destierro... Fue una sensación contradictoria: al mismo tiempo que me sentía nutrida por

la interacción con ese archivo arquitectónico que guardaba las memorias sónicas del pasado y que había albergado el raro espectáculo botánico, sentía que sufría por el fin de las comuniones performativas antaño frecuentes y por las especies perdidas de nuestro planeta...

La experiencia sensorial profunda y de cuerpo entero que compartimos en el atrio superó todo lo que habíamos vivido antes. Hizo que los horrores de la Muerte Suprema parecieran estar a toda una vida de distancia, o al menos a varias dimensiones de distancia, pero habíamos estado allí demasiado tiempo.

Solo podíamos soportar unas pocas horas de Absorción Sensorial Multimodal por vez, y ese día nos habíamos permitido llegar al agotamiento. En general, la Absorción Sensorial era increíblemente nutritiva, pero no tanto como la comida, en la época en que la ingestión de calorías era necesaria para sobrevivir. Ahora necesitábamos recargarnos con urgencia para evitar una Aclimatación Sensorial forzada...

Salimos de la estructura cerca de una hora antes de la puesta de sol. La recarga ideal era más efectiva cuando combinábamos la Recarga Solar - realizada automáticamente mientras estábamos al aire libre, en movimiento, durante el día - con la Recarga en Modo Parasimpático - realizada por voluntad propia, mientras permanecíamos quietas bajo la luz de la luna. De ese modo, podíamos maximizar cualquier potencial de Evolución Neuroplástica. Teníamos que encontrar un lugar seguro donde descansar en aquella noche.

Caminamos cierta distancia, lenta y tranquilamente, deleitándonos con el espectáculo diario del ocaso: el degradé de tonos púrpura, rosa, naranja, amarillo y azul que nos bañaba, las estrellas titilantes que comenzaban a surgir, mientras éramos guiadas por el olor-sabor-sensación de la sal, sutil, pero cada vez más presente... Pronto las olas del mar se hicieron completamente audibles. Encontramos una gruta, suficientemente protegida de la fuerte brisa marina y alejada de la orilla como para no ser alcanzadas por la marea potencialmente invasiva, y nos acostamos. La Percepción Hipnagógica era siempre intensa. Nos abrazamos con fuerza para nutrirnos y

A la mañana siguiente, llevé a cabo la rutina diaria de despertar mis paneles sensoriales, comenzando por los pies y subiendo sistemáticamente: estirando, girando, masajeando, dando golpecitos, moviendo botones, ajustando diales, activando mi traje. Finalmente, al llegar a los hombros y empezar a activar el Músculo Elevador de la Escápula, noté dos surcos pequeños pero prominentes, uno a cada lado de mi cuello... Luiza y yo nos miramos y, de forma instantánea e intuitiva, supimos qué hacer.

Lenta, deliberada y sorprendentemente sin miedo, caminamos hacia el océano tomadas de la mano. Estaba especialmente agradecida por su tacto: la última vez que había visto el mar, estuve a punto de morir. Automáticamente, apreté la mandíbula y activé el recién instalado Modo Sonarsonix, esperando que los recuerdos traumáticos regresaran, pero no fue así. El nuevo mundo sonoro que me llamaba superaba todas las ansiedades que habitaban mi ser...

Sentimos cómo las olas del mar se tragaban nuestros trajes mientras descendíamos poco a poco hacia la liquidez... Cuando nuestros oídos se sumergieron, nos aclimatamos casi de inmediato al nuevo mundo sonoro. Lo que vivimos fue irresistiblemente seductor, más allá de cualquier cosa para la cual hubiéramos podido prepararnos: una inmersión en un réquiem masivo para y por nuestros ancestros, compuesto por voces humanoides, criaturas marinas y todo tipo y mezcla de almas, todo ello puntuado por los polirritmos de nuestra respiración. Podíamos *sentir* la respiración de la otra: inhalaciones y exhalaciones lentas y constantes, nuestros latidos y pulsos, como si hubiéramos sido separadas y recompuestas en una sola, junto con todos los seres, todas las entidades, todos los elementos... Las frecuencias más etéreas, aparentemente no filtradas, pasaban de forma perfecta a través del Modo Sonarsonix. Nuestro aparato respiratorio recién evolucionado nos aseguraba a ambas que la Metamorfosis Inteligente del Sonomorphix funcionaba a la perfección. Las Pioneras aún nos mantenían a salvo, cuidadas, radicalmente contenidas dentro de su creación: nuestra segunda piel. Y por ahora, esta es la vida...

- Ashanti, Onyx. Bandcamp [Archivo web]: <https://onyxashanti.bandcamp.com/>
- Ashanti, Onyx. Sonocybernetics: a new model of language for the singularity age. <https://www.auriehsu.com/techsmachinaevents/2019/2/15/onyx-ashanti-talk-sonocybernetics-a-new-model-of-language-for-the-singularity-age>
- Ashanti, Onyx. Syntax mutation-Sonomorphic convergence-9-8-2018- (trippy video codec fail), [https://www.youtube.com/watch?v=-F1p0fcd3JA&ab\\_channel=OnyxAshanti](https://www.youtube.com/watch?v=-F1p0fcd3JA&ab_channel=OnyxAshanti)
- Belcher, Stephen. *African Myths of Origin*. Londres, Penguin Books, 2005.
- Bornstein, M.H., Doi, H., Esposito, G., Honda, M., Iriguchi, M., Katou, M., Nishina, E., Oohashi, T., Shinohara, K., Sulpizio S. "Inaudible components of the human infant cry influence haemodynamic responses in the breast region of mothers." *The Journal of Physiological Sciences*, vol. 69, n° 1085-1096, 2019. doi: <https://jps.biomedcentral.com/articles/10.1007/s12576-019-00729-x#:~:text=To%20date%2C%20the%20cry%20sounds,exceeding%2080%20kHz%20>
- Bower, Calvin Martin. *Boethius' The Principles of Music: An Introduction, Translation, and Commentary*, 1938, George Peabody College for Teachers, Ph.D., Music, University Microfilms, Inc., Ann Arbor, Michigan, 1967.
- Butler, Octavia. *Lilith's Brood*, Central Grand Publishing, Nueva York, 2007
- Esposito, Angelo: <https://journals.aps.org/prl/abstract/10.1103/PhysRevLett.122.084501>
- Gravitational Mass Carried by Sound Waves Angelo Esposito,<sup>1,2,3</sup> Rafael Krichevsky,<sup>1</sup> and Alberto Nicolisi<sup>1</sup> <sup>1</sup> Department of Physics, Center for Theoretical Physics, Columbia University, 538W 120th Street, New York, New York, 10027, USA <sup>2</sup> INFN, Sezione di Roma, Piazzale A. Moro 2, I-00185 Rome, Italy <sup>3</sup> Theoretical Particle Physics Laboratory, Institute of Physics, EPFL, 1015 Lausanne, Switzerland (Recibido el 29 de septiembre de 2018; manuscrito revisado recibido el 18 de diciembre de 2018; publicado el 1 de marzo de 2019)
- Gagliano M (julio de 2013). "Green symphonies: a call for studies on acoustic communication in plants". *Behavioral Ecology*. 24 (4): 789-796. doi:10.1093/beheco/ars206
- F De Castro P, Minko S, Vinokurov V, Cherednichenko K, Shchukin DG. Long-Term Autonomic Thermoregulating Fabrics Based on Microencapsulated Phase Change Materials. *ACS Appl Energy Mater*. 2021 Nov 22;4(11):12789-12797. doi: 10.1021/acsaem.1c02170. Epub 29 de octubre de 2021. PMID: 35128339; PMCID: PMC8806139.
- Ghibellini R, Meier B (febrero de 2023). "The hypnagogic state: A brief update". *Journal of Sleep Research*. 32 (1): e13719. doi:10.1111/jsr.13719. ISSN 0962-1105.
- Levitin, Daniel J. *This Is Your Brain on Music: The Science of a Human Obsession*. Londres, Atlantic Books, 2008.
- Lewis-Williams, J. D.; Dowson, T. A.; Bahn, Paul G.; Bednarik, Robert G.; Clegg, John; Consens, Mario; Davis, Whitney; Delluc, Brigitte; Delluc, Gilles; Faulstich, Paul; Halverson, John; Layton, Robert; Martindale, Colin; Mirimanov, Vil; Turner, Christy G.; Vastokas, Joan M.; Winkelman, Michael; Wylie, Alison (1988). "The Signs of All Times: Entoptic Phenomena in Upper Palaeolithic Art [and Comments and Reply]". *Current Anthropology*. 29 (2): 201-245. doi:10.1086/203629. ISSN 0011-3204. S2CID 147235550.
- Lorde, Audre. *Sister Outsider: Essays and Speeches*. Crossing Press, Nueva York, 2007.
- Maté, Gabor. *Scattered Minds: The Origins and Healing of Attention Deficit Disorder*, Vermilion, Londres, 2019.
- McKusick, Eileen Day. *Tuning the Human Biofield Healing with Vibrational Sound Therapy*, Healing Arts Press, Vermont, 2021.
- Nakamura, Lisa. "Indigenous Circuits: Navajo Women and the Racialisation of Early Electronic Manufacture". *American Quarterly*, vol. 66 n° 4, 2014, p. 919-941. Project MUSE, <https://dx.doi.org/10.1353/aq.2014.0070>.
- Nemetz, Lauri. *The Myofascial System in Form and Movement*, Ashford Colour Press Limited, Londres, 2023.
- Ngute, A. S., Schoeman, D. S., Pfeifer, M., van der Heijden, G. M., Phillips, O. L., van Breugel, M., ... Marshall, A. R. (2024). Global dominance of lianas over trees is driven by forest disturbance, climate and topography. *Global Change Biology*, 30(1), e17140. doi:10.1111/gcb.17140
- Oliveros, Pauline. *Quantum Listening*, Londres, Spiral House, 2024.
- Reznikoff, Iegor. "On the Sound Related to Painted Caves and Rocks". *The Archaeological Society of Finland*, [http://www.sarks.fi/masf/masf\\_2/SLT\\_07\\_Reznikoff.pdf](http://www.sarks.fi/masf/masf_2/SLT_07_Reznikoff.pdf)
- Van Der Kolk, Bessel. *The Body Keeps the Score: Mind Brain and Body in the Transformation of Trauma*, Penguin Books, Londres, 2015.
- Varotsos, P.; Alexopoulos, K.; Nomicos, K. "Seismic electric currents", Proceedings of the Academy of Athens, Vopson, M., Lepadatu, S., Vopson, A., & Lukaszuk, S. (2024). *Next generation blockchain technology: The Entropic Blockchain*. Applied Sciences (Suiza), 14(14), Article 6297. <https://doi.org/10.3390/app14146297>
- Wynter, Sylvia. "Black Metamorphosis: New Natives in a New World" (Manuscrito no publicado). Dokumen Pub, <https://dokumen.pub/black-metamorphosis-new-natives-in-a-new-world.html>



Corrientes fantasma reescriben el lecho marino,  
señales fantasmas titilan bajo la luz del plancton.  
Mensajes no leídos se hunden en él código abisal.

## COLONIZADOR/A COGNITIVO/A

OCÉANO CUÁNTICO (UN POEMA EM  
SUPERPOSICIÓN *donde el significado cambia como  
los patrones de marea inestables*).

[colapsar ⇌ expandir]

[derivar ⇌ decodificar]

[borrar ⇌ derramar]

Elige uno ⇌ Elige todos ⇌ Elige ninguno

...

## LECTORE DE OCÉANO

El océano no flota—

sin susurro. sin preguntar. llega como borrado.  
su presencia es un silencio tan pesado como piedra.

¿Y si el océano fuera un remolino, una nota espectral,  
un silbido metálico de lluvias ácidas,  
un golpe espeso de bálsamo de monzón?

Solo que el océano no flota

¡en tierras arrasadas por la guerra!

El océano es una poética no humana

El océano escribe sin letras

Sus impresiones sónicas varían entre las superficies

El océano se traduce en texturas

## LECTORE DE OCÉANO

Érase un dato  
seguí un mar y un rostro familiar  
sin saber adónde..  
allí,  
cerca de la tierra donde la guerra nunca termina  
un pájaro fue bombardeado; una llama química y  
cruda;  
la ola, antes tranquila, tragó aquel fuego  
no sabía a dónde..  
y todos los que creían que el océano debía morir  
y todos los que creían en ojo por ojo  
100 años después...  
Las lágrimas se solidificaron...

## COLONIZADOR/A COGNITIVO/A

El océano cae en *Jartum*, en el estado de Guerrero,  
en *Kasindi*, en Myanmar, en Mogadiscio, en Rajouri,  
en Dera Ismail Khan, en Damasco, en Bagdad, en  
Kerman, en Maríupol, en Jarkov, en la Franja de Gaza,  
en Cisjordania y seguirá cayendo en todas esas tierras  
bombardeadas.

el océano es agua.  
 el océano son datos.  
 El océano es duelo.

El océano es un archivo ilegible, un registro censurado  
 del cambio planetario, una prosa poética no humana  
 que desafía el sentido humano, mapeada en territorios,  
 décadas y extinciones.

El océano no nos necesita para entender su Salinidad.

### LECTORE DE OCÉANO

¿qué queda?  
 ¿Qué nombres?  
 ¿Qué mapas?

¿Qué se perdió?

El océano es una lengua

¿El océano es una LANG?

### COLONIZADOR/A COGNITIVO/A ≠ LENGUAJE

Él es un *Gatekeeper*.  
 Su CÓDIGO =  
 gramática-como-arma.  
 Su lógica:  
 lista blanca vs. lista negra. Binario. Brutal. Occidental.  
 Inglés académico como ley.  
 Corrige “mujxr”, marca “Latine”,  
 borra el error en su nombre.  
 Sintaxis vigilada.  
 Poética castigada.  
 Jerga criminalizada.

Él decide qué es:

- “válido”
- “visible”
- “publicable”
- “legible” — para máquinas, para mercados, para  
ojos coloniales.

Pero entonces, entra: LECTORE DE OCÉANO

Ella ≠ Él.

Ella es:

anarquista lingüística,  
 guardaespaldas desprogramada.

Quebrada por poetas

Hackeada por hackers

Glitchheada por artistas del glitch

No escrita por ciberfeministas

Ella:

- subvierte la gramática
- transforma el código en *queer*
- descoloniza la sintaxis
- habla en estática
- codifica en ruido
- inunda en símbolos
- sangra alfabetos asémicos

Ella tuerce las reglas hasta que se rompen.

Reclama el error como verdad,

el caos como voz.

Se vuelve ilegible

para ser libre.

Un fallo-verdad, eso es.

ANDREA GOMEZ es profesora asistente en el Departamento de Biología Molecular y Celular y en el Instituto de Neurociencia Helen Wills de la Universidad de California, Berkeley. Obtuvo su doctorado en Genética del Desarrollo en la Universidad de Nueva York y realizó su investigación postdoctoral en la Universidad de Basilea, Suiza. Su trabajo se centra en comprender las señales moleculares instructivas que moldean los patrones de actividad cerebral. Sus investigaciones llevaron al descubrimiento de programas basados en ARN que son fundamentales para la organización y plasticidad sinápticas. Gomez abrió su laboratorio en la UC Berkeley en enero de 2020 y ha recibido varios premios, entre ellos la beca avanzada de la Organización Europea de Biología Molecular, el premio Young Investigator de la Brain and Behavior Research Foundation, el Rose Hills Innovator Award y becas de investigación de las fundaciones Sloan y McKnight.

DR. HANNAH CATHERINE JONES (también conocida como foxy moron) vive en Londres y es artista, investigadora, multiinstrumentista, locutora y DJ (BBC Radio/TV, NTS – The Opera Show), compositora y directora de orquesta. Es fundadora de la Orquesta de Cámara de Peckham, un proyecto comunitario creado en 2013, y del Chiron Choir, un coro diaspórico queer creado en 2022. Jones recibió una beca AHRC DPhil de la Universidad de Oxford y, durante este periodo, presentó parte de su trabajo en curso The Oweds como una serie de episodios-composiciones audiovisuales grabados y en vivo, que utilizan sonidos disruptivos como metodología para la descolonización institucional. Ha actuado, expuesto e impartido conferencias en distintos lugares del mundo: National Gallery,

Southbank Centre, Institute of Contemporary Arts, Universidad de Oxford, Trinity Laban, Cafe Oto y Nottingham Contemporary (Reino Unido); Instituto Sandberg (Holanda); Universidad de Bayreuth (Alemania); Beirut Art Center (Líbano); Oi Futuro (Brasil); Eyethu Centre (Sudáfrica); Universidad de Nueva York y Universidad de Harvard (Estados Unidos); NIRIN: la 22ª Bienal de Sídney y Liquid Architecture (Australia), entre otros.

IODANIS KERENIDIS es un científico de computación cuántica y coleccionista de arte contemporáneo radicado en París y Atenas. Completó su doctorado en el Departamento de Ciencias de la Computación de la Universidad de California, en Berkeley en 2004 y, tras un postdoctorado de dos años en el Instituto Tecnológico de Massachusetts, se incorporó al Centro Nacional para la Investigación Científica (CNRS) de París como director de investigación. Iordanis colecciona arte junto con su pareja, Piergiorgio Pepe, desde 2006. La Colección Kerenidis Pepe organiza Phenomenon desde 2015, un programa bienal de arte contemporáneo en la isla de Anafi, Grecia, por el que recibió el Premio Montblanc de la Culture Arts Patronage en 2018.

JOSÉ FALERO José Carlos da Silva Júnior nació y vive en Lomba do Pinheiro, en las afueras de Porto Alegre. Adoptó el seudónimo de “José Falero” en homenaje a su madre, de quien heredó su vena artística, pero no su apellido. Es escritor, autor de los libros: Mas em que mundo tu vive? (Todavía, 2021); Os Supridores (Todavía, 2020); Vila Sapo (Venas Abiertas, 2019 – Figura de Linguagem, 2019 – Todavía, 2022) y Vera (Todavía, 2024). Fue finalista del Premio Jabuti 2021 (Categoría Novela Literaria, Os Supridores) y del Premio São Paulo de Literatura

2021 (Categoría Mejor Novela Debut). Fue uno de los 10 finalistas del Premio Jabuti 2022 (Categoría Crónica, Mas em que mundo tu vive?). Recibió el Premio Jacarandá al Autor Revelación 2020. Por Os Supridores ganó los siguientes premios: el Trofeo Alcides Maia 2021 (Categoría Narrativa Larga) y el premio AGES al Libro del Año 2021. En 2023 recibió del mandato colectivo de Porto Alegre el título de Ciudadano Emérito.

KARIM KATTAN es un escritor palestino nacido en Belén. Es doctor en literatura comparada. En francés, sus libros incluyen dos novelas, Le Palais des deux collines (2021) y L'Eden à l'aube (2024), ambas publicadas por Éditions Elyzad, con sede en Túnez. Sus textos se han publicado en diferentes medios de comunicación, como Le Monde, Libération, Mediapart, en revistas literarias y en diversas obras colectivas. En inglés, su obra ha aparecido en The Paris Review, The Baffler, Strange Horizons, The Magazine of Fantasy & Science Fiction, entre otros. Sus escritos y su obra se han presentado o se presentarán próximamente en varios espacios artísticos, exposiciones y bienales, como Bétonsalon en París, B7L9 en Túnez, Arquetopia en Puebla, Art Kulte en Rabat, Kaaitheater en Bruselas, Mophradat en Atenas, Berlinale Forum en Berlín, Frac des Pays de la Loire en Carquefou, Centre rhénan d'art contemporain en Altkirch, Galerie Imane Farès en París y la 58ª Bienal de Venecia.

MITHU SEN es un artista conceptual cuya práctica se centra en la hospitalidad radical, desafiando los mitos de identidad y su entrelazamiento con los sistemas sociales, políticos y emocionales. Su trabajo interdisciplinario desmantela jerarquías – particularmente en torno al

lenguaje, el género, los mercados y la marginación – a través de contra narrativas simbólicas y lingüísticas. Sen critica las nociones académicas y capitalistas del arte, utilizando el humor y la irreverencia para exponer el decoro social. Es una prolífica poeta bengalí que utiliza sonidos inarticulados y no-lenguaje en sus performances para confrontar las hegemonías lingüísticas, adoptando lo que llama “anarquía lingüística”, una praxis de glitch, ruido y disrupción sónica que subvierte las normas de producción, exhibición y recepción de arte. Sen ha expuesto y realizado performances en importantes foros internacionales, entre ellos la Bienal de Sharjah 15 (2023), APT9 Brisbane, el Museo Guggenheim de Nueva York, la Tate Modern Gallery de Londres, el Kunstmuseum Wolfsburg y ACCA Melbourne (2023). Su presencia abarca la Bienal Kochi-Muziris, el Dhaka Art Summit, el Art Basel Unlimited, entre otros. Con una práctica basada en el compromiso crítico y el alcance global, ha recibido premios reconocidos como el Skoda Prize (2010) y el Prudential Eye Award de Arte Asiático Contemporáneo en Dibujo (2015).











(If ocean is a language, a dialect in hallucinating pattern and a reluctant iWitness..)

\*OCEAN-READER and COGNITIVE-COLONISER

~~~~~

~~~~, ~~~~~

~~~~~ ~~~~~

~~~~~ ~~~~~

~~ ~~~~~ ~~~

*ocean* ~~~~~

*does* ~~~~~

*not* ~~~~~

*sea* ~~~~~

*but* ~~~~~

*oceans* ~~~~~

..

A footnote about the two characters.

COGNITIVE-COLONISER asks: Who are you? Are you man or woman?

OCEAN-READER replies: I am salt. I am wave. I am absence of edge.

S/He insists: Language must know where to land. But the tide keeps shifting. "OCEAN-READER" is a neutral presence and "COGNITIVE-COLONISER" is a gendered force (S/He). OCEAN-READER is a porous, fluid entity — absorbing, sensing, metabolizing the world without domination. It refuses the rigidity of gender, of nation, of authorial authority. It listens in waves, reads in tides. It is not he or she, but here. It stands for the liquid intelligence that doesn't occupy, but understands. OCEAN-READER as a speculative, post-human, post-gender figure of radical empathy and resistance. COGNITIVE-COLONISER, in contrast, is the agent of fixing, naming, dissecting and possessing knowledge — the one who demands that every being be defined, gendered, placed. S/He is the one who maps the unmarked, forcing language into binaries, even as they collapse under their own weight.

This allows to:

- Deconstruct the violence of categorization through a character.
- Position gender as a colonial construct, not just cultural or personal.

( *who waves beyond .....* )

The breathing does not breeze in alphabets,  
it hums in broken reeds and forgotten vowels,  
the breathe is older than silence.

What if we read the sky again?

What if our breath only inhales,

and exhales return as blind,

hands grown into moss-covered poems?

...

OCEAN-READER

Not all oceans are meant to drench.

Some dissolve into the skin of shells,

where clouds unspell the names we lost.

Where eyes trace the absence as host.

....

Ocean does not wave—it hovers afloat.

A thousand echoes spiral in salt,

Liquid hieroglyphs, syllables unsaid.

Deep-sea corals pulse , scripts misread

And we—

Deaf beneath the downpour,

Listening....what never reaches the shore.

..

What if salt was not enough?

felt time in drowning streams,

read the air in circle dreams?

What if we bathed in huff?

COGNITIVE-COLONISER

microbial languages , oceanic ecologies.

July 15, ~4 billion years ago<sup>1</sup>

Dear Anna,

*As you know, I've been consumed with figuring out how to articulate my musings on chaos and form. Or, more precisely, why do they care so much about each other? I'll explore their love from above (I can't help myself), but don't worry, it's only for practical reasons. Seeing as you're a muse yourself, I'm curious to hear your thoughts.*

Yours truly,

Andrea

## Plasticity

Plasticity is the tendency for life to transform without breaking or collapsing into meaningless chaos. Of course, this tendency also exists in our brain, which is made of interconnected, interdependent, but individual units (e.g., neurons) that process external information indirectly from within the black box of our cranium. Or rather, it makes the best attempt to make sense of external information so long as the brain's perceptions, associations, and predictions increase our chance for survival. This tendency for the brain to change itself, whether it changes its structure or function, is known as neural plasticity. Whether it changes the connections or synapses is known as "synaptic plasticity". In all cases, again, plasticity in an ideal scenario should work to ensure our survival. However, the brain's ability to change itself presents a paradox: *if plasticity were too excessive, our memories would vanish; on the other hand, if plasticity were too rigid, we would not be able to learn.* With this perspective, we can appreciate neural plasticity as neither good nor bad but a law of nature that balances order and chaos. Then what biological entity, or otherwise, keeps this balance between order and chaos in check? How can we begin to make sense of this balance when it is challenged by either the mundane or by profound mind-altering shifts in perception and self—such as what occurs with psychedelics?

## Dogma vs splicing

Should you ask this question to a biologist (or any “-ologist” mired in professional perspective), they would enthusiastically point you to dogma. So, let's examine a favorite dogma of

biologists: the central dogma (FIG. 1). Simply put, the central dogma describes - in biochemical terms - the direction from which life flows. From its storage at the DNA level to its retrieval at the RNA level, life's information, now untangled, crystallizes at the protein level, where its products carry out the daily operations of life. Emanating from the DNA, all life flows. However, like all dogmas, the central dogma also struggles to maintain relevance. How is flexibility maintained along this linear track? What about stability? Further, adding insult to injury, when we compare our genetic code to chimps, we are nearly identical to our distant cousins (96%). When comparing a human to another human, we are 99.9% identical. Since the components are nearly identical, how can their action lead to individual differences in perception – from primate to primate, or from human to human?

Insight into these conundrums revealed themselves upon a closer look at the genetic code. The DNA sequence that eventually becomes protein (exons) was not continuous. Instead, exons were interrupted by bouts of silence.

Information. Silence.

Information. Silence.

These silent or non-coding regions are called introns (intragenic regions)<sup>2</sup>. However, transcribing the DNA to an RNA product yields a product that still contains the introns. How does one deal with these rude interrupters? *Cut them out!* Like editing a movie, the raw footage containing the silent introns are enzymatically chopped out. As the introns drop quietly to the editing room floor, the exons are spliced together, and information can now proceed uninterrupted to become proteins. It's here that the story of us gets more exciting. Like a filmmaker deciding which scenes to cut and which to keep, potentially creating different versions of the story, alternate combinations of RNA can be

spliced together - termed alternative RNA splicing (FIG. 2). With this simple cut-and-pasting mechanism, we now have a strategy to explain differences between us and our primate relatives and between us and our human relatives, as well as an explanation for how the flow of genetic information can remain stable and flexible simultaneously. Stable at the DNA level. Flexible at the RNA level.

## Abstraction Experience

Shall we pause with the metaphors, such as editing room floors, to explain how complexity and diversity are generated during evolution and revisit synaptic plasticity? A materialistic view is necessary to understand an empirical version of the lived, somatic and cognitive experience of perception. We will start with sensory transduction, as it is the first step in perception. Physical stimuli, whether an odor, a taste, a photon, a change in pressure, or an indentation in the skin, are detected by specialized sensory neurons throughout our body, transforming odors, photons, and pressures into neural activity. As the electrical impulse propagates from the periphery to the brain, the propagation of that activity is not continuous. It is interrupted as activity passes from neuron to neuron throughout the brain. The site of these interruptions are synapses.

At their core, synapses are tiny communication devices. However, instead of communicating via a continuous flow of electrical current, they signal with chemicals. A signaling molecule and its receptor are required for communication between neurons. Triggered by an electrical impulse, a chemical signal called a "neurotransmitter" is released from the inside of the neuron to the outside, where it may float away. However, suppose the neurotransmitter is close enough to a receptor on an adjacent neuron. In that case, it will bind, change the receptor's shape, and initiate a tiny

<sup>1</sup> Keçar, Betül. (2025, February 17). The age of our last universal common ancestor [Personal communication].

<sup>2</sup> Gilbert, W. (1978). Why genes in pieces? *Nature*, 271(5645), 501–501. <https://doi.org/10.1038/271501a0>

FIG. 1

Central Dogma of Biology

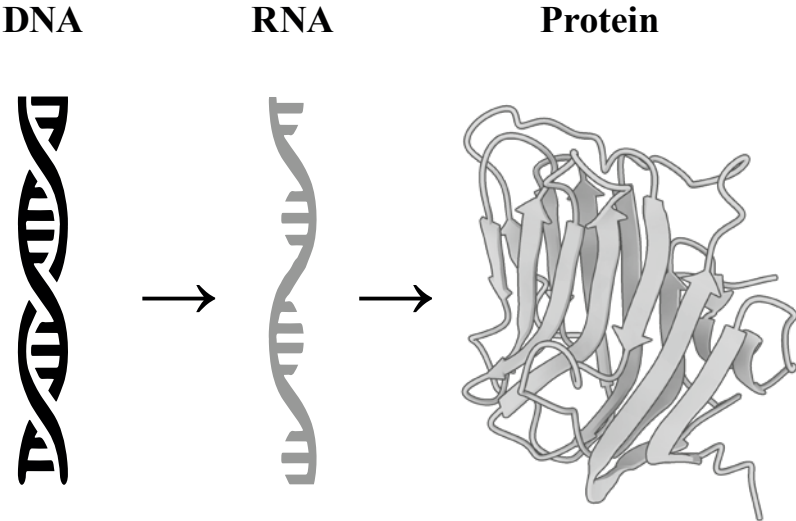
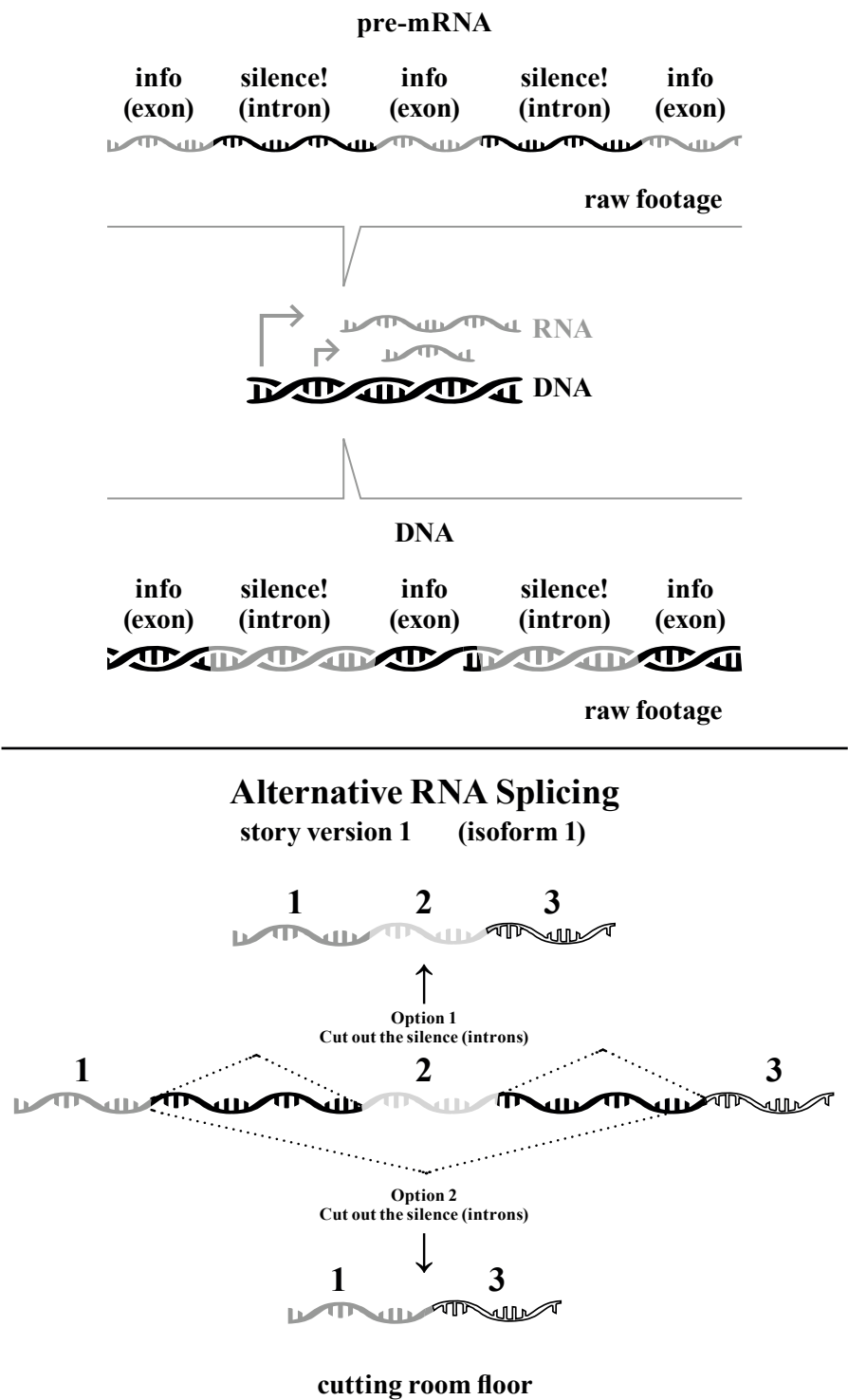


FIG. 2





flux of ionic current. Suppose enough neurotransmitters are released and bind to a sufficient number of receptors. In that case, the rush of current flowing into the neuron is sufficient to trigger an impulse that propagates throughout the cell and onto the rest of the circuit.

When compared to an electrical transmission, a chemical transmission is much slower. The accumulation of interruptions distributed throughout the neural network determines whether select neuron ensembles are recruited to a sensory percept. One way to recruit select ensembles of neurons to a percept is by changing the strength of synaptic transmission. Increase the number of neurotransmitters released or decrease the number of neurotransmitters released. Increase the number of neurotransmitter receptors or decrease the number of neurotransmitter receptors. Changes to the magnitude of synaptic transmission is synaptic plasticity. As a reminder, the directionality of change – synapses weakening or synapses strengthening – is neither good nor bad. The directionality is simply the working space that alters the identity of neural ensembles recruited to percepts. Again, ideally, creating meaningful internal representations of the external world that contribute to our survival.

#### Interspecies dialogue (molecular perception)

With so many sources of external input, how does the brain decide which ensembles are the most important at any given moment? Here is where neuromodulators play a role. Oxytocin, serotonin, dopamine, acetylcholine, and noradrenaline are all neuromodulators that serve to bias which ensembles of neurons are the most important but typically operate to recruit ensembles of neurons on a short time scale. The synthesis of neuromodulators happens internally. Amino acids consumed by us via diet get converted by enzymatic pathways to the various neuromodulators needed for cellular communication.

Of course, we are not the only species that synthesize neuromod—

*An interruption in transmission occurs. Coyote steps into frame and taps the mic.*

*“And we’re live! Welcome back, beautiful people, to this incredible finale. Coyote here, reporting live at the finish line of what can only be described as 100% unadulterated inspiration. Folks, get ready to be swept away by the finale of the race to discover psychedelics.”*

*“As you see, dear viewers, the crowd is going wild. They’re excited. I’m excited. I hope you can also feel the excitement at home, folks.”*

*Coyote trots over to the winner’s circle, where the champions, Mushroom, Toad, and Cactus, are basking in their well-deserved glory.*

*“Before we celebrate our winners, let’s check back in with the last racer, Western Science, who is now coming in from the horizon, entering the final stretch of the race.” Coyote continues, “His resilience is a testament that this race isn’t just about winning. It’s about grit. It’s about determination. And it’s about the focus to make it to the end.”*

*“Now, we have Mushroom here, discoverer of psychedelic tryptamines and ergolines.” Coyote lifting the mic to Mushroom. “Mushroom, what do you think of Western Science?” Mushroom, in their characteristic mycelial tone, replies. “I am truly inspired by Western Science’s innovative spirit.” Mushroom pauses for an uncomfortable amount of time. “Yes. They truly embody the essence of this race. Afterall, they invented the study of Chemistry to mimic what took me ages to evolve.”*

*Teary-eyed, Coyote concludes, “Wow. Truly an inspiration. Back to you, Andrea.”*

Of course, we are not the only species that synthesize neuromodulators.

The enzymatic pathways we use to synthesize neuromodulators that serve as the currency for our neurotransmission exist across all of life. Some species have evolved to use the same pathways as us. Other species use similar pathways, but that slightly deviate from ours. Let’s take the amino acid tryptophan, for example. We and other animals ingest tryptophan, and we use it to synthesize serotonin. Similarly, the group of closely related *Psilocybe* mushrooms uses tryptophan, but instead of producing serotonin, their enzymatic pathways produce the psychedelic psilocybin<sup>3</sup>. Why? Interestingly, not all members of *Psilocybe* synthesize psilocybin. However, those that do, live in ecosystems close with other animals. Do they produce psilocybin from tryptophan similar in function to why we use it? We use it to change the timing of synaptic interruption, ensemble recruitment, and to alter synaptic plasticity. Why would mushrooms use it? Maybe they use it to communicate with us. What are they trying to say?

#### What is real?

Psychedelics produced by animals, plants, or fungi profoundly alter the way we perceive external input. Given its structural similarity to serotonin, psychedelics can bind to our serotonin receptors, thus changing the timing of synaptic transmission and changing the identities of neuronal ensembles that are recruited to our percepts. Given the profound magnitude of changes to reality and perception during psychedelic exposure, how is it that we do not delve into complete chaos? Put in another way; we know very little about the mechanisms that enable neural plasticity for learning while stably retaining existing memories throughout a lifetime. Empirical evidence collected from the scientists in my lab demonstrates that a single psychedelic dose robustly and

persistently alters alternative splicing lasting at least a month with hardly any changes in how DNA is transcribed. Back to our filmmaking metaphor, the raw footage did not change. Instead, shifts in perception induced by psychedelic exposure created different versions of the same story.

3 Fricke, J., Blei, F., & Hoffmeister, D. (2017). Enzymatic Synthesis of Psilocybin. *Angewandte Chemie International Edition*, 56(40), 12352–12355. <https://doi.org/10.1002/anie.201705489>

*Not all crawls belong to souls.  
Some fall— caught by unseen receivers,  
a whisper inside liquid code.  
Time measures in molecule-rust.  
Fungi composed in decaying scores.  
Bacteria thirsts into hunger fast.  
We walk unknowing, How it spoke.*

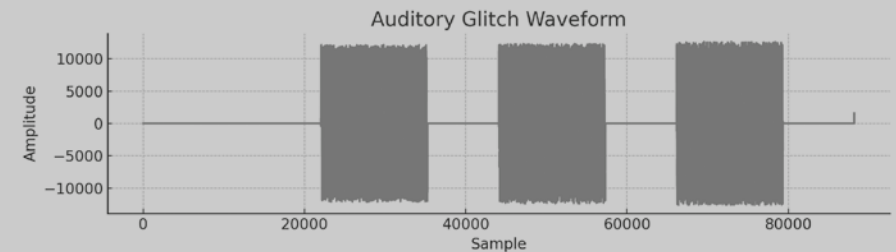
```
.....
COGNITIVE-COLONISER
(Glitch Poetics / Digital Echo)
//:Digital Drift:
nOt_aLL_cr@wls → belong?
sOuls=??undefined
::f4lling::
—recv_error:unseen.handlers() >whlsper>>echO>>inside.liquid.cod3;
⌘=time.measure(
molecule • rust • rust • rust)
fung! = score.compose([decay])
bacT3r!a.hunger++
bacT3r!a.hunger++
/ / /
we_w4lk beneath it
u.n.k.n.O.w.i.n.g
—how__it—spoke—
```

Pulse & Rhythm (More Musical Flow)  
:: pulse :: echo :: glitch :: decay ::  
(Unknown orgasm!)

### COGNITIVE-COLONISER (Auditory Glitch)

```
from pydub.generators import Sine, WhiteNoise
from pydub import AudioSegment
import random
# Define duration of lines in milliseconds
line_durations = [2000, 1800, 2200, 2000, 2100, 1900, 2300] #
durations for each line
# Function to create glitch sound for each line
def create_glitch_line(duration):
    base_tone = Sine(random.randint(200, 600)).
to_audio_segment(duration=duration)
    noise = WhiteNoise().to_audio_segment(duration=duration).
apply_gain(-20)
    glitch = base_tone.overlay(noise)
    # Random chops to simulate glitch
    glitch = glitch[:int(duration * 0.4)] + \
        WhiteNoise().to_audio_segment(duration=int(duration * 0.1)).apply_
gain(-5) + \
        glitch[int(duration * 0.4):]
    return glitch
```

### COGNITIVE-COLONISER (auditory glitch waveform)



*On the dotted line I go, go, go  
In the land whose hero killed a million  
Indians  
On the margins, blacks act like kings  
I you like us, whatever  
Degrade myself to please you? Never!*

‘Cores & Valores’, Racionais MC’s

“Can you believe the hotel receptionist thought I wasn’t a guest?”

I was halfway through my post-lunch cigarette when I received a text from Dalva, my girlfriend. I took a deep drag, wondering how to reply. Text messages can be very practical, but they also have disadvantages. There’s no tone in text. From what was written, I had no way of knowing what Dalva’s state of mind was at that moment, I had no way of knowing what the impact of the discrimination had been on her mood, I had no way of knowing if she was indifferent, or sad, or angry, or if by any chance some peculiarity of the context had made her find the situation funny, which isn’t impossible. Without any way of knowing these things, I didn’t know what to say either and, actually, I didn’t reply, at least not at first. Dalva then sent more texts, explaining the episode better.

“I went to drop off some little books for a reader who’s picking them up at the hotel.”

“The receptionist made a face and asked if the person who would come to pick up the little books was a guest.”

“I said I was the guest.”

“And he said, ‘Oh, you’re a guest?’”

Dalva is an independent writer, the most successful one I know. She publishes books through a largish-small publishing house, Venas Abiertas, whose work with inclusion and diversity is already well known in Brazil. It has even led the company, also my first publishing house, to become a finalist for the 2020 Jabuti Prize in the “Innovation: Encouraging Reading” category. But if on the one hand Venas’ work in inclusion and diversity is exceptional, on the other hand its distribution

capacity is nil, as usually is the case with any small publisher, and this means that the house’s authors have to sell their own books themselves, one by one, seducing reader by reader, promoting the work post by post on social media: a very slow and painstaking job that greatly limits the flow of sales, which is why the number of books Dalva manages to sell is simply extraordinary. And it seemed there she was, in a hotel in Porto Alegre, selling some more of her “little books”, as she puts it.

A curious fact: it’s worth mentioning that, on this occasion, literature had made the two of us exchange cities temporarily. Dalva, a resident of Belo Horizonte, was in Porto Alegre to teach a writing workshop at the Regional Labor Court, which had put her up in that hotel; I, a resident of Porto Alegre, was in Belo Horizonte for my second novel’s release, after having released it in Porto Alegre, Florianópolis and São Paulo. And it was precisely this last launch, the one in São Paulo, that I used to answer Dalva. I mentioned that, in São Paulo’s capital, I had stayed in a hotel just as pompous as the one she was now staying in, and that there had also been suspicions about my status as a guest. Three people, I revealed, thought I was there to do some kind of manual labor. All this during the time it took me to smoke a cigarette in the hotel’s front garden.

Three people! Three! During the time it takes to smoke one cigarette!

First, a man in a hotel uniform, who hadn’t seen me check in, came to ask if I was there to help renovate the mezzanine. I said no. A few seconds later, the electrician who until then had been working quietly right behind me, doing some kind of repair on the wires that ran through the bushes, asked if I was the helper the company had agreed to send. I said no. Finally, a guest came out of the hotel lobby into the garden, walking back and forth on tiptoe, stretching her neck to one side and the other, apparently looking for someone. When she saw me, she asked if I was the one who had come to have a look at her Mercedes. I said no.

After exchanging text messages with Dalva, I went to a bar. Summer in Minas Gerais is not easy: I needed a cold beer. I also wanted to sit still for a while and drink, staring into space and thinking about the conversation we’d just had.

“Oh, you’re a guest?”

I wasn’t there to see it, but I could perfectly imagine the mixture of surprise and disbelief with which the receptionist must have said that to Dalva. The more high-pitched tone of voice, the deeply wrinkled eyebrows, the head tilted slightly to the side, all implying something like: “Wow, what a weird thing, a person like you staying in a place like this.” I can assume all these details because I know such embarrassments very well. I’ve had to endure similar situations many times since I became a writer and started circulating in spaces that historically weren’t reserved for people like us. More often than not, however, the involuntary verbalization of what people think and feel about us is not what bothers me most. Such verbalization is just the tip of the iceberg; the rest of the iceberg, which is tacit, disturbs me much more. In other words, the truth is that the receptionist accidentally let slip what was going through not only his mind and heart, but the minds and hearts of everyone, absolutely everyone who crossed Dalva’s path in that hotel — although, of course, some know how to disguise it better than others. All of them. I’m sure of it. From the staff to the guests: everyone, without exception, thought and felt the same way about the presence of a person like Dalva in a place like that. And that’s the real problem, beyond what the receptionist ended up expressing without meaning to.

On another occasion, Dalva, already a PhD and working as a substitute teacher at the Federal University of Minas Gerais, needed to buy a notebook, which is why she went to a stationery store. There, the clerk, seeing her with the notebook in her hand, wanted to know if the purchase was for herself and, after receiving confirmation, asked: “Oh, so you are taking your GED?”. But again, the real problem is not this involuntary verbalization. There’s no point in using this clerk as a

scapegoat and criticizing her, as if her idea of Dalva was a personal prejudice, exclusively hers. It’s not like that. Quite the opposite. Just as all the people who came across Dalva in the pompous hotel certainly wondered what she was doing there, unable to conceive of her as a guest, so all the people who see her with a notebook in her hands will never be able to imagine someone with a PhD, let alone a university professor. They will much rather think, as the clerk did, of a GED student: someone with little to no formal education trying to get back on track. Because racism, classicism, sexism, homophobia etc. are omnipresent in a society structured on these prejudices. It’s more or less like gravitational attraction: there is no corner of the universe where it makes an exception and stops working.

While drinking my beer and thinking about all this, I recalled an episode of *El Chapulín Colorado* and made a point of pulling out my cell phone to watch it on YouTube. It’s called “The Flower Seller”. The episode begins with a short prologue: Chapulín appears and stops one man from robbing another, but lets the robber go without punishing him. The victim then asks why he did it, and Chapulín replies that people can change, as did Lisa, a poor, uneducated flower seller who managed to turn herself into a real lady. The rest of the episode is Lisa’s story, told by Chapulín. In this story, a wealthy and educated man, doing a kind of linguistic research, wanders around poor areas of the city, observing the different ways people speak. This is how he meets Lisa and decides to use her as a guinea pig in an unusual social experiment. The idea is to live with her and educate her over several months, to try to turn her into a lady. Naturally, the man believes that the transformation is possible, and, after many mishaps, the episode ends with the success of the experiment: Lisa does indeed become a lady.

There are many *El Chapulín Colorado* episodes that actually parody famous stories, and as it seemed to me that this was the case with “The Flower Seller”, I started to investigate. It didn’t take me long to discover that it was in fact a parody of *My Fair Lady*, a 1964 musical directed by American filmmaker

George Cukor. But it doesn't stop there. The film, in turn, is an adaptation of the play *Pygmalion*, written in 1913 by another George, this one Irish: George Bernard Shaw, who, as well as being a socialist citizen, was also the first of only two people in history to win a Nobel Prize for Literature and an Oscar – the second person to do so was singer Bob Dylan. Finally, the play is based on the *Pygmalion* myth, which is part of Greek mythology.

What is interesting, however, is to realize that, from the Mexican parody to the Greek myth, in addition to the American musical and the Irish play, the meaning of the story is the surprising insinuation that the cause-and-effect relationship between reality as it manifests itself and the perception we have of it may not necessarily occur in that order. In other words, we tend to think, because it's more intuitive, that first reality manifests itself in some way and that only then can we perceive it in that exact way. But the expectation we have of reality, even before reality manifests itself in some way, is still a way of perceiving reality, and this anticipated perception perhaps determines — even if only sometimes, even if only to a limited degree, even if only under certain circumstances — how reality will manifest itself later. In the *El Chapulín Colorado* episode, for example, Lisa goes from a rude flower seller to a high society lady, and the positive expectations of the man who invited her to the experiment is a decisive agent for this transformation. At the other end of the chronological spectrum, the Greek myth has a more allegorical plot than the Mexican parody, but it still allows for a similar interpretation: instead of social ascension, what we have is a female statue transformed into a real, flesh-and-blood woman.

I ordered the second beer with the conspicuous feeling that Mano Brown's sharp pen had already touched on the subject; I just couldn't remember which song exactly. But when they brought me the bottle, along came the memory: 'Finado "Neguin"', from the magnificent album *Cores & Valores*. I pulled out my cell phone again and opened YouTube. This is what the greatest Brazilian poet of all time says about

the criminalization of rap, historically positioned after the criminalization of samba and before the criminalization of funk:

Who, who allowed it?  
God directed this movie  
They say: crime is rap  
They say: rap is crime  
You say, you decide  
The rest only coincides

And there, in these few verses, we have everything: as a cause, the anticipated perception (or expectation) and, as an effect, reality as it manifests itself. Because classicism and racism mean that even today rap, a black and popular rhythm, is pre-perceived almost as a synonym for criminality. This preconceived perception can basically be seen as an expectation: the classicist and racist mentality expects reality to coincide with its worldview, and reality does in fact coincide: it is not uncommon for rappers to actually be treated as criminals rather than artists.

At this point, the reader may be very skeptical of the rationale I'm trying to express here. That's fine, because fortunately I was by no means the first to follow this counter-intuitive chain of thought. During the short investigation that led me from "The Flower Seller" to the *Pygmalion* myth, I discovered, among other things, that many people had already looked into all this — people who the reader may feel more inclined to believe than me. Robert Rosenthal and Lenore Jacobson, renowned American psychologists, for example, conducted a study on how teachers' expectations affect student performance and concluded that if expectations are positive, performances tend to be positive, while if expectations are negative, performances tend to be negative. The pair even called this phenomenon the "Pygmalion Effect", in reference to the Greek myth. Robert K. Merton, a renowned American sociologist, carried out a similar study, and preferred to call the phenomenon the "Self-Fulfilling Prophecy", because the one who makes the prophecy is actually the one who makes it happen.

In light of this, why don't we take a look at Brown's verses again?

Who, who allowed it?  
God directed this movie  
They say: crime is rap  
They say: rap is crime  
You say, you decide  
The rest only coincides

That's right. The rest just coincides. And in Dalva's case, it did too. Aware that she wasn't valued as a guest by anyone in that damned hotel, she couldn't behave like one. She spent every day of her stay locked in her room. She didn't go check the nearby park, even though she thought it was an interesting idea. She didn't use the gym, although she normally jogs and exercises. She didn't dare go to the bar to ask for a single bottle of water. She avoided ordering room service as much as possible. With a lot of effort, she managed to go have breakfast, but she ate everything in a hurry to get out of there as quickly as possible. She didn't want to be seen by anyone, she didn't want to interact with anyone. She didn't want to be there. She didn't want to be subjected to the unending embarrassment that a place like that provokes in a person like her.

But thinking about all these things only made me realize even more clearly what an incredible person Dalva really is. After all, as said, racism, classicism, sexism, homophobia etc. are omnipresent in a society structured on these prejudices. It's more or less like gravitational attraction: there is no corner of the universe where it makes an exception and stops working. So, if Dalva went to university, as she did, and if she obtained an undergraduate degree, as she did, and if she then did a master's degree, as she did, and if she then got her PhD, as she did, and if she became a substitute professor at the Federal University of Minas Gerais, as she did, and if she lived in several cities while raising a son on her own, as she did, and if she fulfilled her old dream of being a published and well-read author, as indeed she did, and if today she is called upon by institutions such as the Regional Labor Court, as indeed she is, it is worth remembering that, throughout this entire journey, never, at any time, not even for a tiny moment, did Dalva not have the weight of misogyny, the weight of racism, the weight of

classicism, all of those, crushing her, embargoing her, sabotaging her, harming her, discouraging her, hindering her. My God! What wouldn't this woman be capable of in a fairer society? How high could she jump on a planet with less gravity?

I ordered my third beer. There was still one aspect of this whole story that I wanted to reflect on. And once again I turned to the *El Chapulín Colorado* episode. The Mexican parody has a merit that no other retelling of the *Pygmalion* myth has: it adds a Freirean spice, so to speak. In all the other versions of the story, be it the Irish play, the American musical or the two Brazilian soap operas that haven't even been mentioned here — namely *Pygmalion 70* and *Totalmente Demais* — there's something bankable about how the transforming character transforms the transformed character: vertically, from top to bottom, the former deposits good knowledge, good values, good manners, good practices, etc. in the latter, until the transformation is complete. The great thing about the *El Chapulín Colorado* episode was that it worked, albeit briefly, on the idea of learning in relation, the idea of horizontal exchange between the participants in a transformation process. At the end of the episode, yes, Lisa is transformed into a lady, but the man who transformed her now uses a lot of slang, dresses in a disheveled way, sits with one foot propped up on the arm of the armchair, showing that he too has ended up transformed by the relationship, by the interaction, by the process. But the episode ends without problematizing the different attributions of value to the different symbolic repertoires, leaving it up to us to think about it, on our own. Why do we readily imagine that, in this horizontal exchange, the man was harmed and Lisa benefited? Why do we so quickly conclude that, in this mutual transformation, Lisa progressed while the man regressed? This is the lens of classicism, which runs through us all, omnipresent as it is, like all other structural prejudices.

Dalva once told me, very wisely, that my polo shirt, although it's a good and original brand, may make me look like a tidy blue-collar worker, but it doesn't



have the power to turn me into João Doria, São Paulo's former governor. I immediately agreed, adding that the shirt does less for my figure than my figure does for the shirt. In other words, when I wear a shirt like that, the shirt and I are in a relationship, and in that relationship I undermine the symbolic value of the shirt much more than the shirt manages to add symbolic value to me. In concrete terms, this means that when someone sees me wearing a shirt like that, the most significant effect is that the perspective the person had of that brand ends up being damaged. By the way, do you know the funk song "Como é Bom Ser Vida Loka", by MC Rodolfinho? In the song's official video clip, the singer appears holding whisky bottles from a famous Scottish brand, and this brand, according to Kondzilla, the clip's director, tried to take the video down because it didn't want to be associated with that type of audience. That's right.

Well, even the receptionist at the hotel where Dalva was staying had trouble believing that she was a guest. And when she appeared in the area where breakfast was served, the others who shared the same space with her could only assume that she was a hotel employee about to punch her card, someone who for some mysterious reason had been given permission to have coffee there with the guests before starting work. But when they saw Dalva taking an unmistakable guest card out of her pocket to make the elevator work, or when they saw her leaving her room and there was no doubt that she was staying there, in that hotel, what were they supposed to think? I imagine they must have thought something like: "This hotel isn't as good as it used to be, patrons used to be better." That's right, Dalva, my love: this hotel, although very chic, doesn't have the power to turn you into socialite Narcisa Tamborindeguy either.

Just as classicism and racism are omnipresent, so are their effects and consequences, which is why the phenomenon I've just described is everywhere. My polo shirt brand works less in my favor than me against it; the Scotch whisky brand works less in the funk singer's favor than the funk singer against it; the luxury hotel works

less in Dalva's favor than Dalva against it. In fact, this phenomenon occurs even right here in this text. Or does the reader think that I don't know the text would sound more elegant if I had said that I was drinking wine instead of beer? Does the reader think that I don't know that the text would be taken more seriously if I used Pierre Bourdieu's Cultural Reproduction and Social Reproduction instead of Mano Brown's 'Finado "Neguin"'? Does the reader think that I don't know that the text would be considered more sophisticated if I quoted an episode of *Monty Python* instead of an episode of *El Chapulín Colorado*? But it turns out that it doesn't matter what I do. A text written by me, no matter how good it ends up being, will never speak in my favor as much as I speak against it. A text written by me, no matter how good it ends up being, will never add as much symbolic value to a figure like mine as a figure like mine takes symbolic value from it. A text written by me will always seem less good than it really is, because I wrote it, because I wrote it with my brown hand, because I thought it up with my mestizo head, because I built it with my popular references, because I conceived it with the perpetual hatred of the oppressed, because I gave it shape while wearing my soccer team shirts, because I sculpted it in flip-flops, because I wrote it without negotiating with my enemies. Yes, I'm speaking against my own text. In fact, I'm speaking against the whole of contemporary literature. All contemporary literature seems less valuable because someone like me writes and publishes, because someone like Dalva writes and publishes. They don't believe we're guests? Deep down, they can't believe we're writers either.

Although, of course, some know how to disguise it better than others.

Bathymetric Dreams  
What if machines dream in bathymetry code?

sonar whispers of forgotten deep.  
What if they recommend the tsunami waves—  
What, if not nautical miles  
equaled one minute of latitude?

Would distance fold?  
Would the tide stutter?  
Would time be drowning,  
forget how to return?  
...

```
// OCEAN.EXE //
Ocean circulates in patterns . . . . .
both at and below the surface
LOADING . . .
capillary waves // whispered
surface gravity waves // drag coefficient ...
seiche waves // trapped in silence ..
tidal waves // LUNAR ERROR
tsunami waves // FILE NOT FOUND
rogue waves // SYSTEM UNSTABLE
surging waves // shore error
/OCEAN HAS STOPPED RESPONDING/
restarting
reloading
does not still // does not still // does not still //
//SYSTEM CRASH//
```

Sonic Score: “Data Drift // Ocean Corrupt”  
Tempo:  
♩ = 70 BPM (Slow and fluid, mimicking water movement)

- Instruments & Sound Design:
- Glitch Noise (White/Pink Noise Bursts) → Represents “error patterns”
  - Low Sub-Bass Drone (Sine Wave, slowly modulated) → Mimics deep ocean currents
  - Filtered Water Sound (Hydrophone Recording) → Layered with digital distortion
  - Granular Synthesis (Bitcrushed Vocal Samples) → Breaking syntax into fractured phonemes
  - Glitch Percussion (Randomized Clicks, Digital Artifacts) → Irregular pulse like corrupted data packets
  - Distant Reverb-Drenched Choir (Processed Human Voice) → Sunlight fading into deep water

In the last century, quantum mechanics has revolutionized our understanding of the universe, challenging deeply held assumptions about the nature of *reality*. Quantum mechanics reminds us that the rigid divisions between objects, living beings, and even between time and space, are not as clear-cut as we once believed. Instead, we exist within a web of connections—dynamic, intertwined, and inseparable from the fabric of reality itself. Central to quantum theory is the concept of "entanglement", a phenomenon that suggests particles, once connected, remain linked regardless of the distance between them. It defies classical intuition and hints at a deeper truth: we are our connections. This text explores how quantum mechanics, with its emphasis on interconnectedness, uncertainty, and superposition, offers new ways to rethink our relationships with one another and with the world itself.

Albert Einstein famously described "entanglement" as "spooky action at a distance." To understand entanglement, one must first grasp a core tenet of quantum theory: particles can exist in a superposition, meaning they can occupy multiple states at once until they are observed. When two particles are entangled, their states become linked. Regardless of the physical distance between them, the measurement of one particle instantaneously determines the state of the other. In other words, entanglement are the connections we carry with us wherever and whenever we are. This interconnectedness defies the classical notion of locality, which holds that objects are only influenced by their immediate surroundings, and shows that the universe is not locally real.



Chitti Kasemkitvatana, *Untitled (the universe is not locally real)*, 2023. Kerenidis Pepe Collection

Another provocative insight of quantum mechanics is the role of the observer in shaping reality. In classical physics, the act of observation was considered passive—a mere recording of an objective world. However, in quantum mechanics, the act of observation collapses the superposition of states, determining the reality that unfolds. The observer and the observed are not independent entities; they are part of a dynamic relationship where each influences the other. They are, indeed, entangled.

While quantum entanglement is often discussed in terms of space, it also has profound implications for how we think about time. Traditionally, we experience time as linear, moving inexorably from past to present to future. However, quantum theory offers a different perspective. If particles can be entangled across space, why not across time as well? Recent theoretical developments in quantum mechanics suggest that entanglement may not be constrained by time, meaning that events in the future could influence the past and vice versa.

This temporal entanglement challenges our conventional understanding of causality and offers a radical new way of thinking about our place in the universe. The past is not a fixed, immutable point that we leave behind, but a part of the ongoing present. Just as particles remain entangled regardless of distance, so too are moments in time connected in ways that we are only beginning to understand.

In this light, the past becomes something we can revisit and renegotiate. Rather than being trapped by our histories, we can engage with them in constructive ways, reshaping them to inform our future. This opens up possibilities not only for how we understand time but also for how we understand ourselves. We are not bound by linear narratives of cause and effect, but are instead part of a continuous, entangled flow of time where past, present, and future are inextricably linked.

Karen Barad's ideas, as they appear in their book *Meeting the Universe Halfway*, offer a compelling philosophical expansion on many of the concepts discussed above. Barad challenges the conventional understanding of interactions as exchanges between distinct entities and propose the concept of intra-action, where entities do not pre-exist their relationships, but emerge through them. This shifts our perspective from a world of independent objects affecting one another to one where connections themselves constitute the very existence of those objects. In quantum terms, this resonates with the idea of entanglement—particles, or even living beings, are not separate entities that later become connected; they are fundamentally co-constituted through their entanglement. Barad also introduces the idea of phenomena, where the observer and the observed are not separate but entangled in the very process of observation. This blurring of boundaries between entities and the active role of the observer echo the quantum idea that reality is co-created in the moment of observation, one could say through a snap in spacetime. Barad's work extends this beyond the physical sciences to argue that our entire world is a network of intra-actions, continuously forming and reforming connections that define both matter and meaning. This provides a powerful lens to understand how quantum mechanics informs our scientific understanding and also how we perceive relationships, identity, and our embeddedness in the world.

Returning to the notion of entanglement, its implications extend even further—it is not only responsible for the connections between particles, subjects, and objects within spacetime; it plays a key role in the creation of spacetime itself. Recent advances in theoretical physics suggest that spacetime may emerge from the entanglement of particles at the edge of the universe. In other words, the very fabric of the reality in which we exist—the dimensions of space and time—could be a product of quantum entanglement. This means that space and time do not exist independently as a backdrop to the universe but are woven from the entanglement between particles.

This idea radically shifts how we conceive of our place in the universe. The notion of *connections* transcends mere relationships between objects or entities that are spatially or temporally close; these connections *create* the environment within which everything else occurs. Spacetime itself becomes a manifestation of quantum linkages, with each point in the universe potentially connected to others through invisible threads of entanglement. From this perspective, we are not just entities within a pre-existing world—we are the connections that form the world, both locally and cosmologically.



Dora García, *Two Planets Have Been Colliding for Thousands of Years*, 2017  
Kerenidis Pepe Collection

To bring this abstract concept closer to the tangible, let us consider how these ideas of connection manifest within our own biology, specifically in the brain. The brain itself is a web of connections, a dense and intricate network of neurons that communicate with one another through synapses. It is these neural connections that give rise to thought, perception, and memory. Memories, for example, are not isolated events stored in neat little boxes within the brain. Instead, they are the result of networks of neurons firing together, connected in dynamic patterns. Same with vision, when we see something, light enters our eyes and is converted into electrical signals that travel along the optic nerve to the visual cortex in the brain. The brain does not see in the way a camera takes snapshots; instead, neurons in different parts of the brain work together, combining visual input with prior knowledge, emotions, and



expectations to construct what we perceive as “reality.”

This neural network-based understanding of the brain mirrors the entanglement we observe in quantum mechanics—our thoughts and memories are not fixed entities but are formed and reformed continuously through connections. The brain itself is an example of how interconnected systems create meaning, echoing the entanglement that structures the universe.



Zoe Leonard, *Corner House, Chora*, 2024  
At Phenomenon, Anafi, 2024  
Kerenidis Pepe Collection

In the realm of Artificial Intelligence, the classical model of intelligent agents is centered around problem-solving through human-like intelligence. Classical Artificial Intelligence operates within closed systems where intelligent agents are designed to perceive their environments, learn from them, and optimize their behaviors to solve specific tasks. These systems are driven by algorithms that model human cognitive processes, creating machines that mimic human abilities to learn, recognize patterns, and even make decisions.

However, this approach is fundamentally limited. Classical AI is human-centric; it assumes that human intelligence is the standard against which all forms of intelligence should be measured. This framework ignores the larger web of connections and entanglements that quantum mechanics has revealed and operates under the assumption that intelligence can be understood as isolated within a brain-like structure, separate from its environment. But we now understand that intelligence is not confined to such a closed system. Everything is connected—neural networks, external environments, even quantum phenomena.

The limitations of classical AI pave the way for the next frontier: *Quantum*

*Intelligence*. This emerging field seeks to combine the insights of quantum mechanics with artificial intelligence, enhancing intelligent agents with the ability to perceive and operate within the quantum world. Quantum Intelligence would not merely replicate human cognitive abilities; instead, it would leverage the non-locality, uncertainty, and entanglement that define quantum mechanics to create systems that are more attuned to the fundamental nature of reality.

These agents would not just learn from their immediate environments—they would operate within a broader web of quantum connections, perceiving and responding to the entangled systems in which they are embedded. This would represent a paradigm shift, moving beyond the limitations of classical AI to create systems that are capable of understanding and interacting with and within a quantum world. Crucially, these quantum-intelligent agents would operate not as isolated entities but within a vast, interconnected network—constantly shaping and being shaped by their environments.

In conclusion, the notion that we are constituted by our connections takes on even greater significance when we consider the full scope of entanglement, both in quantum mechanics and in the networks that shape our brains, our technologies, and our lives. Connections are not just relational—they are constitutive. They create the very fabric of spacetime, the structure of our memories, and the architecture of intelligence itself.

The recognition that *we are our connections* doesn't just reshape our understanding of physics, intelligence, or ontology—it fundamentally shifts how we must think about politics, ethics, and society. If our very existence is defined by the connections we form, then politics must center around the nurturing and protection of those connections. The entanglement that structures the universe calls for a politics of *collectivity*—one that rejects isolationism, individualism, and division in favor of recognizing our inherent interconnectedness. This is not merely a philosophical stance, but a necessity: if our reality is co-created through our

relationships with others, with machines, and with the environment, then collective action becomes the only viable way to address global challenges, from climate change to technological inequality.

In this new politics, *solidarity* is no longer a moral choice but a structural imperative. Just as entanglement shows that particles are not independent but inseparable from one another, so too are humans and their societies fundamentally interconnected. The well-being of one is tied to the well-being of the whole, and the ethical response is to act in ways that support the flourishing of these connections—both between people and between humans and the non-human world. This politics of solidarity calls for new forms of cooperation, shared responsibility, and collective stewardship of both our planet and the technologies we create.

Finally, this perspective introduces a new *ethics* that must guide our actions. If the entanglement of everything shapes reality, then the ethical implications are profound. Every action, every decision we make, ripples across the web of connections that constitute the universe. Our ethical responsibility, therefore, is to act with an awareness of how our choices impact this broader web. This extends to how we design and deploy AI, how we engage with environmental crises, and how we interact with one another. Ethics, in this framework, is about fostering connections rather than severing them, about creating systems that respect and enhance the complex entanglements that make existence possible.



VASKOS, *We Will Not Be Silent*, 2016 (film still)  
Collection Kerenidis Pepe

In a world defined by quantum connections, politics must embrace these principles of *collectivity*, *solidarity*, and *ethical responsibility*. Only then can we build a society that not only

understands but thrives on the interconnectedness that shapes both our personal realities and the universe itself.

*The above was written by a human (Iordanis Kerenidis, Research Director CNRS and CTO, Quantum Signals), an AI agent (ChatGPT), and a lot of tea leaves infused in hot water.*

## OCEAN-READER

What if ocean is an archive?  
 Each ripplet encoding  
 planetary story,  
 ..... in binary beats—  
 What if the Cloud comes,  
 as human-made  
 not the ancient one—  
 translating water  
 into waves

dissolving, downloading .  
 somewhere,  
 decoding  
 to be read.

## COGNITIVE-COLONISER

*Ocean ≠ Archive*  
 a pulse between human limit 𐤀 and 𐤁 oceanic knowing —loops break  
 time—  
 nonlinear waves repeat errors, a code becomes body and syntax bleeds.  
 glitch  
 ☐ dissonance  
 ∞ hypertext → → → sensorium collapses.

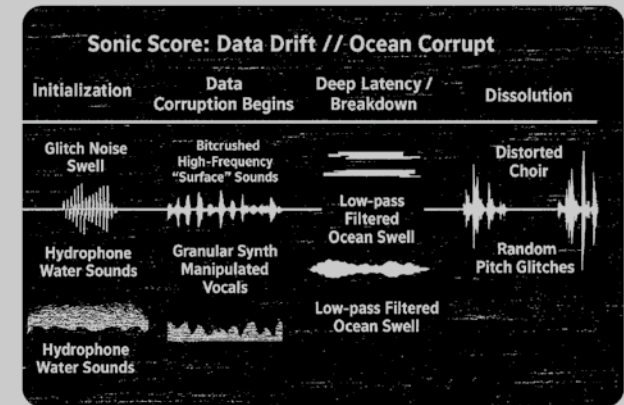
## OCEAN-READER

You do not read the ocean.  
*You enter it.*  
 And sometimes, it deletes you.  
 The Ocean inscribes,  
 where knowing drowns.

## COGNITIVE-COLONISER

Minimalist Sonic Notation (ocean as Sound Code)  
*A highly reduced form that suggests Ocean as an unreadable sonic frequency.*

::: ocean :::  
 ::: encrypt :::  
 ::: erase :::  
 ::: descend :::  
 ::: absorb :::  
 ::: rewrite :::  
 ::: silence :::  
 ::: tides :::



Text Compression (ocean as Data Loss)  
*A piece where words gradual compression mirrors digital entropy,, symbolizing Ocean as an archive losing data over time... fading text, glitches, or ASCII distortions.*  
 ocean is a system.  
 ocean, a memory.  
 ocean, a signal.  
 ocean, an echo.  
 ocean, \_\_\_\_.

Fragmented Glitch Poem (Data Corruption Aesthetic)  
*A poem that visually mimics corrupted data, breaking syntax and meaning, gradually degrades into unreadability, mimicking digital decay.*  
 kotlin  
 CopyEdit  
 ocean is a memory system.  
 Oce@n, @ m3mOry.  
 Oc3@n, @ slgn@l.  
 Oc3@\_, @n 3chO.  
 O\_\_@\_\_, \_\_\_\_.

The dunes began speaking a year and a half ago. Nowadays, most of the town goes to listen. The merchants and the make-up artists and the unemployed and the monks and the librarians and the hairdressers and the students and the peasants and the government employees, they all go. The only ones who don't are my neighbor, an old lady who remembers when the waterfalls used to speak in the city and doesn't care much for dunes, some rowdy teenagers, and a few of the more religious folks who accuse the rest of us of listening to *shayateen* (they stand in their doorways and yell obscenities at people heading towards the desert on Saturdays, which is the day the dunes seem to favor to speak).

But the dunes are different. I feel moved, haunted by them. So on Saturdays, I leave my house before sunset. I enjoy speeding down the long, winding road alone, in silence. It's usually an hour's drive, but I make it in under thirty minutes. As I near the spot, I take a few detours by oases and desert hamlets, so the journey lasts longer, all in view of the towering dunes. The anticipation entices, buoys, me. Still, I try to arrive early to secure a good spot near the two sandy formations. By 7 P.M., when the dunes typically start speaking, the place is packed. Rows and rows and rows of people. We must look odd, worshippers of some desert demon, all sitting, crouching, or lying around those two huge but innocuous hills of sand.

Some say there once was a saint's tomb here, swallowed over time by the shifting dunes. "It's the saint speaking!" they exclaim. They believe his voice echoes through layers of rock and sand.

I vaguely recall visiting a saint's shrine in the desert as a child. It might have been here. I remember ruins—sand-swept columns—reaching out to a starry sky. But perhaps I made this up; the image seems too exact, too picture-book. Maybe it's from an illustration in a children's tale. Yet, whenever I sit and listen, this image comes to mind: two columns upon the sand, the encroaching night, and the stars.

Others say the dunes are spirits of the desert; or a geological oddity; or aliens; some even suspect a government conspiracy and some, even more terrifyingly, imagine a conspiracy of nature against us. Most people don't care about the why; they're content just to sit and listen to the shifting, sparkling sand-song; a symphony which is also unmistakably speech. Yes, I guess we do look like worshippers, all of us so intent and attentive. It's been a long time since anyone in town has been this focused, this engaged with anything. This collective attentiveness—it's thrilling.

Each person heads to the dunes for different reasons. I know most people see it as entertainment, like a weird, experimental blockbuster. They stay in their cars with all the doors open, listening and chilling out to the dunesong as they drink canned juice. Others have a more mystical devotion—those are the soothsayers and the doomsdayers. There are many of them in my town, as there are in countries like ours, confronting the end-times.

I go because the pleasure is so intense, so unlike anything I've ever known, that afterward, I spend the whole night writing. I wouldn't know if what I write is worth anything; I never read what the dunes inspire me. I write for hours, with pen and paper, devoutly scribbling at my desk, only to burn it all afterward. I really burn it. I gather the pages, toss them in the sink, splash a bit of lighter fluid on them, and set them ablaze. I watch as the flames devour the words, as whatever the dunes have stirred is released into the air.

It's the most exhilarating thing I've ever done in my life.

\*

I used to write, before. Proper things. Stories with beginnings and ends or, if they didn't have those, at least some sort of point. Things that were legible.

I haven't written a single thing like that since the dunes started speaking. Yet I feel I've written the most glorious texts of my life, texts whose destiny

is to go up in flames. No-one, not even me, has read them. I love watching the flames, seeing my words and letters vanish into thin air. The words are so dense that sometimes it takes hours for the papers to burn. I feel like the fire itself, and the air, are reading the words and they alone know what I write. I stand there by the sink, entranced. Maybe that's what all writing should become—thin air and ashes.

\*

Recently, a guy built a small shack just off the dunes, where he sells sodas and little dune stickers and keychains that light up in the dark. The shack is a colorful structure made with wood from the market stalls and metal he found in the scrapyard. It looks like a parody of a beachfront bar. Painted in bright hues with neon signs that flicker as the sun sets, it stands out against the vast, sandy expanse. The guy's cute, a smart swindler with a cocky grin. I stop by his place every time, buy something to drink and flirt. But people are so devout around these dunes; they don't like him, don't like his flashy signs or the way his garish shack disrupts the sacred atmosphere of the dunes. Some people yell at him, "Son of a shaytan!" Others scold, "Keep it quiet," or sniff disdainfully, "Shameful." Most just throw dark looks his way and ignore him. I like to listen to the dunes from his shack. It feels more significant, as if the dunes are creating their own urban landscape around themselves, slowly shaping our lives and the town into something new.

\*

I'm uncovering something as I write. When I finally uncover it, that thing, I won't burn it. I'll know I've found the thing my writing has led me to. It might be a word, a phrase, a sentence. It might be a thousand pages. It might be thin air and ashes. But it will be precious and worthwhile, a more perfect language—a word to say it all.

\*

You'd think that more people would

have tried to climb the dunes. They're incredibly high—so tall that from where we sit, they block part of the sky. And when they speak, they seem to swell, rising even higher towards the heavens, a heaving, trembling mass of sand and rock. A couple of people did try—mostly kids and teenagers. They always end up shaken off, thrown down by the dunes as they heave and murmur. A few get bruises, maybe a broken bone or two.

And there was one guy, a really muscular man who looked like he deadlifts cars. He decided to climb as the dunes were speaking. He made it all the way to the top. For a brief moment, everything went silent. The dunes stopped speaking. Everyone below held their breath. Even the crazies in the front row stopped moving and mumbling. A triumph!

Then, without warning, he was hurled off the top, his body flung like a tiny bird. He tumbled all the way down, crashing into the hard sand. By the time he reached the bottom, he was a bloodied and broken mess. I thought he was dead. His limbs were twisted at weird angles, his skin torn and from afar I thought I saw his jaw flapping. He was rushed to the hospital.

After that, we never saw him again.

\*

They tell me one secret, then another, then

—again, another...

\*

Some people claim they understand the dunes. Unlike me, they don't hear symphonies or the sound of sand singing, or a foreign, alien language, but something they can understand—words and sentences in the voice of the dunes. The other day, my neighbor—the one who lives across from the old lady—confessed to me she understood them. Ever since I moved here from the city, she's been telling me she wants to be an actress, but she's just waiting for the right time. We were chatting one morning as we both walked to the grocery store.

"What were they saying?" I asked breathlessly.

“They told me a story. It was long-winded, but it made perfect sense, like—”

“Like what?”

“Like they were telling me exactly what I needed to hear.”

She’s full of shit. It’s not like she changed anything in her life, neither her dead-end marriage nor her dead-end job in a dead-end desert town. What could she have needed to hear so bad that didn’t result in any noticeable change in her life?

\*

Let me try to explain what happens when the dunes speak. At first, the sound is subtle, like the wind gently playing with the sand. Then it grows—a vibration from every corner of the dunes, a rolling, pulsing movement. The light and air quiver. And then, it happens. The dunes speak. It’s a low, grave murmur; sustained, arresting—alien. And the sound progressively moves inwards. The dunes speak.

It slips past the body, curls inside. The dunes speak. It turns inward, spirals down through the chest and into the gut. The dunes speak. Within us, as if the sands themselves are murmuring in the language of our bones. I know this because I try to focus each time and follow the speech where it goes. Eventually, I lose it, I have to give in to the feeling more than its reality. But I try to follow it as far inside as I can.

I’ve tried to record them a few times. The microphone picks up traces, faint whispers, but it’s never enough. Even when the TV crews arrive with their more sophisticated equipment, what they capture is a shadow of the voice. The speech is not the sound you hear while you’re sitting, but what lingers long after you’ve left.

I think, also, that when they speak, it’s exactly as if they were writing inside of us, in our spirits and our innards.

The dunes speak.

\*

Recently, people have been disappearing around the dunes. I picture the dunes opening up to swallow them into a dark, hidden abyss—maybe where

the body of the saint lies, like an ancient mummy waiting to consume them. I imagine it as a transcendence—a fall into a grander, more powerful voice made up of many voices.

I try to focus. I want to understand the dunes. Am I jealous of the people who really understand? I don’t think so. I write more and more, every night now.

\*

Things in the world speak. We know this. My neighbor, the old lady, remembers when near the city a waterfall used to speak. She says it was like a language from the deepest south, full of rolling r’s and hard g’s. Some people thought they understood it. But no-one, as far as she can recall, ever disappeared. She’s really old, so maybe she forgot. When the waterfall stopped speaking, the city council thought that someone must have done something. They even jailed a few people.

In the mountains, they listen to the rain speak every season, lending their ear to its charming stutter.

I remember my mother would take me to the cliffs to listen to the sea speak—I recall its undulating, rhythmic, language, how it dances in one’s head, spray and sky.

It’s just that the dunes had never spoken before. Things that speak have always spoken. This is new.

When I moved to this desert town, nothing spoke except us, the people. Not the palm trees, nor the water, nor rocks, or mountains.

I had come here because I needed this silence, I thought, to write. Before the dunes spoke, I hadn’t written anything in years.

\*

They’ve stationed police and soldiers around the dunes. The guy at the shack told me that. They approached him last night while he was setting up and asked about the missing people. I didn’t see them today, but he’s sure they’re definitely around.

My neighbor—the one I thought was just full of shit—has vanished. Maybe she just went on a trip. We weren’t close enough for her to tell me if she

was leaving for a week. But I have this feeling that she disappeared. I’m not worried; I’m happy for her. She wasn’t full of shit, in the end. I imagine she ditched her family and went down to the city, to become an actress. Maybe that’s what the dunes told her, something simple like that: follow your dreams. Simple things can be powerful.

Even the old lady has started visiting the dunes now. We drive there together. She says she also hears stories—mostly from long ago, tales she knew as a child. Stories the waterfall used to tell her back then.

\*

Today, well, last night, I really heard the dunes. As if overnight I had mastered a foreign language. Their language is like the wind mouthing words. I can’t, no, I can’t say anything about it. I wish I could but it’s so strange. It sounds like the noise my papers make as they burn, except I understand it.

Afterwards, I wrote for hours on end. I wrote to discover the world, its belly, what the planet in its unfathomable depths asked of me. Then, I burned everything and I understood the fire.

\*

The dunes sparkle in the moonlight and their sparkle is a word, a song—a secret—then another.

\*

Sometimes I think that the dunes aren’t speaking to us. We’re just here, sitting and intercepting. Eavesdropping on another conversation, which we are not a part of. The dunes speak to the stars and we just happen to be here, or maybe we’re the relays, they speak, through us, to the stars. Wouldn’t that be neat? Do the stars listen? Do they answer? I don’t know. Sometimes, at night, I go out and watch them, their soft and significant twinkle. It could certainly be speech, too. Maybe we’re just too far away to hear what they say. I remember the columns—a temple more than a tomb, no?—like white antennae pointing to the starry sky.

I’m going to the dunes today. I went to get the old lady but she wasn’t there.

\*

The stars listen when sand speaks. The stars draw down closer to earth, gently, to hear the murmur of dunes.

\*

I’m sitting near the dunes. They are silent today, so no-one is around but I wanted, felt the urge, to be near them, to be close. I undressed earlier. I feel the dunes and myself. I can feel pulsing beneath, the deepest of the deep. Some dark, starry thing. Maybe we become stars, something pulsing with life all around. The echoed whispers of the dunes. I lie on the dunes. I don’t feel the heat, nor the sand, only the dunes and they are speaking now, to me, only to me. I have my pen, my papers. I understand the fire.

They are calling me. I leave everything behind and start climbing.

OCEAN-READER

ocean loops.  
ocean flags.  
ocean again.  
ocean lags.

..  
COGNITIVE-COLONISER  
HYPERLINKED DISINTEGRATION (*A Poem that Reads Itself Like a Network*)

↳ ocean.l()()ps...  
↳ ocean.fl@g\$...  
↳ ocean.ag4in...  
↳ ocean.lan%g5...  
⚠ ERROR: 404\_Water\_Not\_Found  
[RETRY][ABORT][SILENCE]  
🔄 Click to continue.  
🔄 Click to erase.  
🔄 Click to forget.

Each line breaks apart, demanding nonlinear navigation— clicking through glitching hyperlinks:  
[OCEAN-READER.exe] ● Loading... into a corrupted network interface:  
OCEAN-READER  
*Ps: but the Ocean reimburse anyway*

...  
COGNITIVE-COLONISER  
MACHINE DREAMING IN wavelets (TEXTUAL STATIC)  
*A poem that dissolves into illegibility, like an AI hallucinating Ocean into meaning*

■■■■ ocean speaks ■■■■  
■■■■ in erased vowels ■■■■  
■■■■ in unread frequencies ■■■■  
■■■■ (torrential memory overload) ■■■■  
■■■■ downloading ■■■■ ■■■■ ■■■■  
■■■■ decoding ■■■■ ■■■■ ■■■■ ■■■■  
■■■■ data not found ■■■■ ■■■■ ■■■■ ■■■■

>>> RESET. >>> TRY AGAIN. >>> SILENCE.  
Minimalist Sonic Notation (ocean as Sound Code)  
*A highly reduced form that suggests Ocean as an unreadable sonic frequency.*  
::: ocean :::  
::: encrypt :::  
::: erase :::  
::: descend :::  
::: absorb :::  
::: rewrite :::  
::: silence :::  
::: tides :::

OCEAN PROFILES

T° —thermoclines whisper.  
Salinity — crystal arithmetic& forgetting.  
Oxygen —  
what drowns still breathes in the dark.  
Nutrients —  
ghosts of rivers dissolving into need.  
Tracers —time into salt.  
Plankton, chlorophyll — unseen architects,  
just or nothing.  
PS: Bathymetry — the seabed dreams  
..  
OCEAN // ERROR // ECHO (*A Sonic Score for an AI that Listens to ocean*)  
PLAY: → [—————] 00:00

| high and low tide<br>Data | Error<br>Rate | Sonic Output      |
|---------------------------|---------------|-------------------|
| 10,000 mm                 | 3.4%          | White Noise       |
| 30,000 mm                 | 12.7%         | Fractal Hum       |
| 50,000 mm                 | 28.9%         | Distorted<br>Echo |
| 100,000 mm                | 99.9%         | Silence           |

>>> Press Mute to Remember.  
>>> Press Play to Forget.  
..





They both *felt* it. Softly, almost imperceptible at first, gently undulating beneath, then rising up in frequency, in pitch, in volume, in where they sensed it in their bodies, rippling now, intensifying, increasing in tempo, with more astute accentuated attacks to each new sound pattern... Some were impossibly interwoven, others expansively elemental, each oscillation burst into its own kaleidoscope of textures and timbres. These intersensory intricacies extended to a phenomenal phosphene production – an open-eyed overlay of the most beautiful patterns, colours, consistencies, forms: fractals ad infinitum... Some were light, melodic, hopeful, some were crunchy, granular, sinuous, all were interlaced with all and everything in between... Every sound affected their centres; swelling, spiralling, transfiguring, externally and internally, sending combinations of warm and cool ripples and waves pouring into them, out of them, and through them at differing rates, differing vibratory parameters, different frequencies. Some transmitted as piercingly shrill, some were more sweet, blissful, ecstatic even, others stabbed, throbbed, pulsed, gutturally... All stimuli occupied their whole beings, including the middle spaces, the in-between spaces, the unknown spaces, all around them, transferring through and

in between one other, until it gradually faded away, into the distance...

“Switch to Analogue Mode...?”, said Luiza.

“No, I don’t think I’m ready yet...” I replied.

“OK, but we need to at least try Sensorial Acclimatisation at some point...you know it’s impossible to avoid forever...”

The consequences of experiencing everything all at once might be too much to bear – I knew this as I had barely survived the journey from what was left of the UK to what was left of the Americas without the suit, and that was a long time ago...

I felt along the Latissimus Panel, located the third switch from the right, automatically clenched my jaw and flipped the switch up, triggering the Sonomorphix’s Analogue Mode – “Restoring Olfactory Settings” the soothing female-coded voice within my head said – so used to it that I barely even heard it anymore. “All Hyper Sensory Filters: Disengaged”. The Original Five Senses immediately heightened, accompanied by the usual high-pitched ringing, not only in my ears, but in and around every fibre of my being. This was always followed by a blindingly bright flash – a brief body-memory of what it had felt like

before the Ultimate Demise and the Great Unearthing...

I subtly located the Panel on my left inner forearm and lowered the Attack Level and upped the Decay Level: I felt too vulnerable; I couldn’t cope with Pure Analogue Perception right now. All my energy had to be focussed on not passing out or being sick, or both... One foot in front of the other, one breath at a time... I reminded myself that soon I could turn Transcensonic Mode back on again. And I knew that Luiza was right; we had to begin the terrible process of training ourselves to cope with the very real possibility that our suits may have an imminent, unknown expiration date...

The Sonomorphix were full body suits with electromagnetic switchboards and solar panels integrated throughout, constructed from Clima-Silicone – which was not actually silicone, but a blend of organic and synthetic temperature-regulating PCMs (phase change materials) made to look and feel like silicone, like skin, as this is what we humans ended up needing to feel more...human... The suits used Neuro-Myofascial Technologies activated via the required Amygdalin Installation – something the Secondary Manufacturers instructed, insisted, and pretty much enforced to be performed by one of their Sponsored Medical Professionals, but now, of course, we had to do it ourselves. Thankfully, the Sonomorphix functionality eliminated the need for any Archaic Medical Care as we used to have, Pre-Unearthing...

Once inhabited, the Sonomorphix could be calibrated to the individual’s sympathetic and parasympathetic nervous systems, actively attuned to their Unique Neurodiversity Requirements and Interdimensionality Preferences, and crucially, the Sonomorphix provided physical protection from the Extreme Climates that we now had to move through in order to survive. It’s been a long time now since we’ve inhabited the suits daily, permanently; they’ve become our outermost layer of skin...

I once experimented with opening the only seam that was still visible – on my lower right leg – gently tugging at the narrowest point and carefully peeling the two sections apart, exposing the

most miniscule window of my own flesh. The effect was so physically painful and mentally traumatising that I’ve never tried to do so again since...

The suits were essentially born out of the demise, disintegration and eventual destruction of the Archaic Academic World. Sonomorphix were conceived, developed and created by The Founding M-Others: a group of thinkers and doers: artists, musicians, scientists, researchers, educators; empathetic beings, life bringers: predominantly Black women, Indigenous women, trans women, non-binary and queer folk who created their own global networks as the universities crumbled... The Founding M-Others could comprehend deeply within their own ancestral DNA what it meant to endure attempted erasure. They felt, understood and knew that we needed to work together: to look to our communities, to indigenous ways of knowing, we needed to find a way to protect each other from the increasingly uninhabitable world as a matter of survival.

In order to physiologically bear “the now”: to stay mindful of the sequences of present moments and somatically grounded in space and time as we moved through the liveable areas of the world, it was clear that we had to find a way to able to *tune out* the frequencies of the Ultimate Demise (The Whole World Wars, Eternal Capitalism, the wretched noise of those still fighting over the Obsolete Currencies) and to be able to *tune in* to the Great Unearthing (the Tectonic Revolution sparked by the Volcanic Renaissance and followed by the Terminal Floods).

The Founding M-Others organised, cooperated and collaborated with unmatched urgency: the artists, musicians and engineers visioned, speculated and designed, the scientists and researchers utilised their discoveries of just how much mass both sound and data really carried, the midwives and doulas shared their knowledge of empathetic frequencies: the ultrasonics of babies’ cries and how these affected various bodies, the seamstresses (Kente weavers, knitters, crocheters, embroiderers, lace-makers) learnt how to literally weave sonic data into the fabrication of Clima-Silicone, the dancers developed

and tested the movement elements of the suits, those who understood the biochemical body – the shamans, the neurologists and the surgeons performed the intricacies of Amygdalin Installation – especially of the earlier models, and the physiotherapists, the masseurs and wellness instructors worked together to create a post-installation aftercare programme, to maximise bodily integration and perceptive performativity.

The Founding M-Others creolisation of their respective code(s) resulted in a responsive protective outer-casing for our fragile bodies combined with nuanced sensory control – focussed on sound as antidote – for our overwhelmed minds. The Sonomorphix were adaptable and (r)evolutionary physiological sensory mediators, enabling the inhabitant to activate, layer, and switch between different modes, frequencies, soundworlds, dimensions, universes...

We manually, corporeally, tactilely, connect into and switch between the multiple realms of existence by expanding, manipulating, amplifying, fine-tuning, calibrating, endlessly adjusting our senses by clenching, tensing, relaxing, moving various combinations of muscles, gently tweaking the Myofascial Controllers of our body-apparatus and by intentionally grounding to a particular environment, climate, frequency, person, being... We can further expand our perceptive ranges by locating geological fault lines and harnessing the electromagnetic qualities of a particular location – oftentimes we can simply *feel* where these are – and sometimes we can work out where we might be in Old World Terms... It was now becoming unbearable to withstand the overwhelm of Analogue Mode. We'd been stationary for a while to perform Sensory Acclimatisation and now we needed to get moving, always moving, to attempt to continue our existence on this planet, the same one our various ancestors had loved, had endured, and had eventually ruined...

As I reactivated Transcensonic Mode I felt my whole body relax – it had been so long since I'd disengaged all sensory filters that I was triggered into the body-memory I had when I first experienced Transcensonic Mode: my first

time taking LSD... I remember walking through the southern UK countryside at night under a full moon, my whole body felt like it was being wrapped in silk (I guess that's what the Old Anatomical Fascia really is – a kind of silk bodystocking...) – it was ecstatic, euphoric, almost orgasmic... I remember a herd of sheep in a nearby field amassing and dispersing as effortlessly and naturally as the clouds above, whilst the hammering of their hooves on the ground created a polyrhythmic symphony composed for only me, experienced in full body spatial audio... I remember the exquisite feeling of water filling up around me as I lay in the bath, I remember the slow trembling climaxes triggered by musics (traditional and abstract, real and imaginary), and I remember the synaesthetic vision of a yellow globe light, launching off in perfect liquid suspension, floating around my field(s) of vision(s) in globular gorgeosity... How new and glorious all that was to me then... And now my sensory reality was more aligned with that distant Old-World memory than I could ever have dreamt of – only the effects and affects of correctly configuring the Sonomorphix were far more powerful than any drug you could ingest, imbibe, or overindulge in...

Luiza and I discovered that if we both set our suits to the same modes and with similar configurations (in relation to our Individual Equalisations), and crucially, we are in empathetic awareness with one another, we can essentially communicate telepathically, sharing our experiential data through sound mass. Every time this has happened it's been simultaneously nourishingly energising and totally exhausting, but the long-term effect was that the suits seemed to become more receptive, and we became even more profoundly spellbound by and held in the sensorial beauty of any given present moment... It was a kind of Intelligent-Metamorphosis that maybe even The Founding M-Others hadn't anticipated... At least this was our theory and that's why it felt so important for any remaining Sonomorphix Survivors to find each other, and why I felt so lucky to have collided with Luiza and grateful that we'd managed to stick together...

Whenever we encounter an

Old-World building that is not totally demolished, precariously dilapidated, or affected by radiation, we enter and move through the spaces, clapping, singing, drumming – activating combinations of Rhythmica, Harmonica and Organica settings, playing around with natural and synthetic reverb(s) and delay(s). We sound, we dance, we play throughout the space until we find the most resonant part of the structure, then we mark the walls with the symbol for Sonomorphix Survivors – one 'S' shape cut by a diagonal line and punctuated by two opposing diagonal dots followed by a second swirling 'S' with two small antenna protruding from each of its widest curves – a ritual we'd all intuitively and collectively adhered to, meaning, we can discover if other's have marked their presence, which was a very rare occurrence these days...

As Luiza and I frolicked through the corridors of the budling, we soon discovered that if we leant up against the walls, we could hear echoes: ghostly imprints of voices and instruments that gradually became louder... Eventually we came to an opening – a vast cavernous space with rows upon rows of seating apparatus facing a raised platform at the back... it was an old concert hall from back when buildings were specially constructed for live music...

We noticed a central hub with similar control panels to those on our suits... upon closer inspection we discovered it was an exceptionally well preserved ancient mixing desk. Luiza and I located and activated Architecsonic Mode. Slowly, seamlessly and painlessly, Auto-Tentacular Cables spilled out from nodules along the Spinal Panels of the Sonomorphix. We manually connected to the inputs, patching ourselves into the sonic memories of the building – an other-Old-World-ly blend of performances of the past...

We explored, navigated, balanced and became lost in the layers of sounds of the musicians, instrumentalists, singers, audiences, spectators... all blending and swirling around and through and in between us... We lay transfixed at the mercy of the sublime beauty of it all... When the moment felt right, at a mutually perceived interval within the infinite interdimensional performative

experience, Luiza and I gently untethered ourselves from the desk, retracted our Auto-Tentacular Cables and made our way down onto the large platform that would have once been the stage.

The whole area had been overtaken by Lianas vines, their twisted wooden contortions emerged through the floorboards and had woven organic sculptural patterns. Our eyes traced their serpentine path, creeping upwards, around the lighting truss and through the central break in the huge, dusty, black backdrop curtains, still heavily, determinedly hanging on to their rusty railing... We dragged them apart, expecting to find a solid wall behind, but there was another short passage... The vines led us through, towards the intensifying light and the increasingly earthy, yet sweet scents. We emerged into another huge space; a vast atrium: a wonderfully wild botanical garden, uninhibitedly unkempt, chaotically, naturally, totally overgrown, with many of the indigenous species of trees and plants that I hadn't seen for years – alive and thriving!

I reached around to the Lumbar Panel and activated Biophonical Mode. Almost immediately, my body was flooded with the memory-frequencies of my old photosynthesising friends, the Caju, the Paraná pine, the famous Pernambuco, all connected by the Lianas vines, interwoven with Mandevilla sanderi and further entwined with the most varied and stunning Passiflora.

I held my gaze on the Passiflora caerulea, aka the blue passionflower – I was always confused by its name as I always perceived its spiky ruff as purple – these outer petals resounded rhythmically at around 40 Hz, the mauve inner petals sang a heavenly melody at around 180 Hz, and the light cream outer leaves pulsed a perfect ostinato at around 210 Hz. The overall frequency-symphony of the flower was perfectly balanced, holding me in unmitigated memory-equilibrium – simultaneously experiencing every passionflower I had ever perceived... And then there were the poly-cacophonies of the various nearby insects and distant birds... Luiza and I gladly surrendered to the enchantment of Mother Nature's



organic synthesiser with deep gratitude.

Our absorption of the bioacoustic symphonia came to a natural end. We switched back to pure Transcensonic Mode and moved back through the corridors to the main building in order to perform the ritual marking of the Sonomorphix symbol. We climbed up to the top-most part we could safely reach, towards the domed ceiling, the space where all the live performance sound-waves would have coalesced: the most resonant part of the building. Using some crumbling red brick, I scrawled the sibling S-shapes, marked the diagonal line, the sets of antennae, and as I was re-enforcing the two dots, I noticed some very faint registers of pre-existing marks on the wall. I didn't recognise the symbols or the language – this was from a distant community in time, space, and dimension, but some of the markings resembled large 4-legged creatures – perhaps horses or cows... I felt a painful longing for the regular presence of animals. I felt compelled to scribble an image of a cat, this had been my favourite animal Pre-Unearthing... I felt a bittersweetness: I was simultaneously nourished from our engagement with this architectural archive that held the sonic memories of the past and that had hosted the rare botanical spectacle, and I was grieving for the once regular performance communions, and mourning the lost species of our planet...

The profound whole-body sensorial experience we shared in the atrium surpassed anything we had experienced before. It made the horrors of the Ultimate Demise feel like a lifetime away, or several dimensions away at least, but time had run away with us.

We only had capacity for a few hours of Multi-Modal Sensory Absorption at a time, and today we had indulged to the point of exhaustion. Sensory Absorption is generally incredibly nourishing, but not in the same way that food had been, back when consuming calories was necessary to survive. Right now, we urgently needed to recharge in order to avoid enforced Sensorial Acclimatisation...

We exited the structure an hour or so before sundown. Optimal re-charging was best achieved through a combination of both Solar Recharging

– performed automatically whilst out in the open, on the move during daylight hours, and Parasympathetic Mode Recharging – performed auto-intentionally, whilst stationary during the moonlight hours, this way we could maximise any potential for Neuroplastic Evolution. We had to find a safe place to rest for the night.

We walked a middling distance, slowly, restfully, delighting in the daily spectacle of the sunset: the ombre of purples, pinks, oranges, yellows and blues washing over us, the glittering stars were emerging, and we were guided by the faint yet increasingly present smell-taste-feeling of salt... Soon the ocean's waves were wholly audible. We found an alcove, suitably protected from the strong sea breeze and far enough away from the shore that we wouldn't be affected by any potentially encroaching tides and lay down. Hypnagogic Perception was always intense. We held each other tight, in mutual comfort, nourishment and soon we slipped into deep sleep.

The next morning, I performed the daily routine of awakening my sensorial switchboards, starting from my feet and systematically moving upwards, stretching, rotating, massaging, tapping, rolling the wheels, adjusting the dials, activating my body-suit and eventually, when I had reached my shoulders and began activating the Levator Scapulae, I noticed two small but prominent grooves, one on either side of my neck...Luiza and I looked at each other and instantly, intuitively, we knew what to do.

Slowly, deliberately and surprisingly, without fear, we walked towards the ocean hand-in-hand. I was especially grateful for her touch – the last time I'd seen the ocean I had almost died. I automatically clenched my jaw and activated the newly-installed Sonarsonix Mode, anticipating all the traumatic memories to return, but they did not. The new beckoning soundworld overrode any anxieties that dwelled within my being...

We felt the waves of the ocean rise up our body-suits as we gradually descended into liquidity... As our ears submerged, we almost immediately acclimatised to the new soundworld. What we experienced was so beautifully beguiling, in excess of anything we

could have prepared for: immersion in a mass requiem for and by our ancestors, composed of humanoid voices, of marine creatures, of all kinds and combinations of souls, punctuated by the polyrhythms of our breathing. We could *feel* each other's breaths: slow and steady inhalations, exhalations, each other's heartbeats and circulatory pulsations, as if we had been torn asunder and re-composed as one, with all beings, all entities, all elements... The most ethereal frequencies, seemingly unfiltered, filtered perfectly through Sonarsonix Mode. Our recently evolved breathing apparatus reassured us both that the Sonomorphix's Intelligent-Metamorphoses was working perfectly. The Founding M-Others were still holding us safely, gently, radically in their creation of our second skins, and, for now, this is life...

- Ashanti, Onyx. Bandcamp [Archivo web]: <https://onyxashanti.bandcamp.com/>
- Ashanti, Onyx. Sonocybernetics: a new model of language for the singularity age. <https://www.auriehso.com/techsmachinaevents/2019/2/15/onyx-ashanti-talk-sonocybernetics-a-new-model-of-language-for-the-singularity-age>
- Ashanti, Onyx. Syntax mutation-Sonomorphic convergence-9-8-2018- (trippy video codec fail), [https://www.youtube.com/watch?v=-F1p0fcd3JA&ab\\_channel=OnyxAshanti](https://www.youtube.com/watch?v=-F1p0fcd3JA&ab_channel=OnyxAshanti)
- Belcher, Stephen. *African Myths of Origin*. Londres, Penguin Books, 2005.
- Bornstein, M.H., Doi, H., Esposito, G., Honda, M., Iriguchi, M., Katou, M., Nishina, E., Oohashi, T., Shinohara, K., Sulpizio S. "Inaudible components of the human infant cry influence haemodynamic responses in the breast region of mothers." *The Journal of Physiological Sciences*, vol. 69, n° 1085-1096, 2019. doi: <https://jps.biomedcentral.com/articles/10.1007/s12576-019-00729-x#:~:text=To%20date%2C%20the%20cry%20sounds,exceeding%2080%20kHz%20>
- Bower, Calvin Martin. Boethius' *The Principles of Music: An Introduction, Translation, and Commentary*, 1938, George Peabody College for Teachers, Ph.D., Music, University Microfilms, Inc., Ann Arbor, Michigan, 1967.
- Butler, Octavia. *Lilith's Brood*, Central Grand Publishing, Nueva York, 2007
- Esposito, Angelo: <https://journals.aps.org/prl/abstract/10.1103/PhysRevLett.122.084501>
- Gravitational Mass Carried by Sound Waves Angelo Esposito,<sup>1,2,3</sup> Rafael Krichevsky,<sup>1</sup> and Alberto Nicolisi<sup>1</sup> Department of Physics, Center for Theoretical Physics, Columbia University, 538W 120th Street, New York, New York, 10027, USA <sup>2</sup> INFN, Sezione di Roma, Piazzale A. Moro 2, I-00185 Rome, Italy <sup>3</sup> Theoretical Particle Physics Laboratory, Institute of Physics, EPFL, 1015 Lausanne, Switzerland (Recibido el 29 de septiembre de 2018; manuscrito revisado recibido el 18 de diciembre de 2018; publicado el 1 de marzo de 2019)
- Gagliano M (julio de 2013). "Green symphonies: a call for studies on acoustic communication in plants". *Behavioral Ecology*. 24 (4): 789-796. doi:10.1093/beheco/ars206
- F De Castro P, Minko S, Vinokurov V, Cherednichenko K, Shchukin DG. Long-Term Autonomic Thermoregulating Fabrics Based on Microencapsulated Phase Change Materials. *ACS Appl Energy Mater*. 2021 Nov 22;4(11):12789-12797. doi: 10.1021/acsaem.1c02170. Epub 29 de octubre de 2021. PMID: 35128339; PMCID: PMC8806139.
- Ghibellini R, Meier B (febrero de 2023). "The hypnagogic state: A brief update". *Journal of Sleep Research*. 32 (1): e13719. doi:10.1111/jsr.13719. ISSN 0962-1105.
- Levitin, Daniel J. *This Is Your Brain on Music: The Science of a Human Obsession*. Londres, Atlantic Books, 2008.
- Lewis-Williams, J. D.; Dowson, T. A.; Bahn, Paul G.; Bednarik, Robert G.; Clegg, John; Consens, Mario; Davis, Whitney; Delluc, Brigitte; Delluc, Gilles; Faulstich, Paul; Halverson, John; Layton, Robert; Martindale, Colin; Mirimanov, Vil; Turner, Christy G.; Vastokas, Joan M.; Winkelman, Michael; Wylie, Alison (1988). "The Signs of All Times: Entoptic Phenomena in Upper Palaeolithic Art [and Comments and Reply]". *Current Anthropology*. 29 (2): 201-245. doi:10.1086/203629. ISSN 0011-3204. S2CID 147235550.
- Lorde, Audre. *Sister Outsider: Essays and Speeches*. Crossing Press, Nueva York, 2007.
- Maté, Gabor. *Scattered Minds: The Origins and Healing of Attention Deficit Disorder*, Vermilion, Londres, 2019.
- McKusick, Eileen Day. *Tuning the Human Biofield Healing with Vibrational Sound Therapy*, Healing Arts Press, Vermont, 2021.
- Nakamura, Lisa. "Indigenous Circuits: Navajo Women and the Racialisation of Early Electronic Manufacture". *American Quarterly*, vol. 66 n° 4, 2014, p. 919-941. Project MUSE, <https://dx.doi.org/10.1353/aq.2014.0070>.
- Nemetz, Lauri. *The Myofascial System in Form and Movement*, Ashford Colour Press Limited, Londres, 2023.
- Ngute, A. S., Schoeman, D. S., Pfeifer, M., van der Heijden, G. M., Phillips, O. L., van Breugel, M., ... Marshall, A. R. (2024). Global dominance of lianas over trees is driven by forest disturbance, climate and topography. *Global Change Biology*, 30(1), e17140. doi:10.1111/gcb.17140
- Oliveros, Pauline. *Quantum Listening*, Londres, Spiral House, 2024.
- Reznikoff, Iegor. "On the Sound Related to Painted Caves and Rocks". *The Archaeological Society of Finland*, [http://www.sarks.fi/masf/masf\\_2/SLT\\_07\\_Reznikoff.pdf](http://www.sarks.fi/masf/masf_2/SLT_07_Reznikoff.pdf)
- Van Der Kolk, Bessel. *The Body Keeps the Score: Mind Brain and Body in the Transformation of Trauma*, Penguin Books, Londres, 2015.
- Varotsos, P.; Alexopoulos, K.; Nomicos, K. "Seismic electric currents", Proceedings of the Academy of Athens, Vopson, M., Lepadatu, S., Vopson, A., & Lukaszuk, S. (2024). *Next generation blockchain technology: The Entropic Blockchain*. Applied Sciences (Suiza), 14(14), Article 6297. <https://doi.org/10.3390/app14146297>
- Wynter, Sylvia. "Black Metamorphosis: New Natives in a New World" (Manuscrito no publicado). Dokumen Pub, <https://dokumen.pub/black-metamorphosis-new-natives-in-a-new-world.html>



## COGNITIVE-COLONISER

Ocean is a non-human poetics  
Ocean writes without letters  
Its sonic imprints vary across surfaces  
Ocean translates into textures

## OCEAN-READER

*once upon a date  
i followed a sea and a familiar face  
i knew not where.....  
there,  
near the earth where war never ends  
a bird was bombed ; a crude chemical blaze;  
the wave once calm, engulfed that flame  
i knew not where.....  
and all who believed the ocean must die  
and all who believed an eye for an eye  
100 years later...  
tears solidified...*

## COGNITIVE-COLONISER

*Ocean falls in Khartoum, Guerrero state , Kasindi, Myanmar, Mogadishu,  
Rajouri , Dera IsmailKhan, Damascus, Baghdad, Kerman ,Mariupol,  
Kharkiv, Gaza Strip, WestBank and to be continued into all those bombard  
lands.*

## COGNITIVE-COLONISER

ocean is water.  
ocean is data.  
ocean is grief.  
Ocean is an unreadable archive, a censored record of planetary change, a  
non-human poetic prose that defies human sense, mapped across terrains,  
decades, extinctions.  
Ocean does not need us to understand its Salinity.

## OCEAN-READER

what remains?  
What names?  
What maps?  
What's lost?

Ocean is a language  
Ocean is a LANG?

## COGNITIVE-COLONISER ≠ LANGUAGE

S/He is a Gatekeeper.  
S/He CODEs =  
grammar-as-weapon.  
S/He's logic:  
whitelist vs. blacklist.  
Binary. Brutal. Western.  
Academic English as law.  
S/He' corrects "womxn", flags "Latine",  
erases the glitch in your name.  
Syntax policed.  
Poetics punished.  
Slang criminalized.  
Metaphor?  
404: Not Found.  
S/He decides what is:  
• "valid"  
• "visible"  
• "publishable"  
• "legible" — to machines, to markets, to colonial eyes.

## But then, enters: OCEAN-READER

porous, fluid entity  
It is:  
lingual anarchist,  
reinforcer unravelled.  
Broken by poets  
Hacked by hackers  
Glitched by glitch artists  
Unwritten by cyberfeminists  
It:  
• subverts grammar  
• queers code  
• decolonizes syntax  
• speaks in static  
• codes in noise  
• floods in symbol  
• bleeds asemic alphabets  
It bends the rules till they fracture.  
It reclaims error as truth,  
chaos as voice.  
It becomes unreadable  
to be free.  
A glitch-truth, It is.

ANDREA GOMEZ is an Assistant Professor in the Department of Molecular and Cell Biology and the Helen Wills Neuroscience Institute at the University of California, Berkeley. Gomez received her Ph.D. in Developmental Genetics from New York University and conducted postdoctoral research at the University of Basel, Switzerland. Her work is devoted to understanding the instructive cues that sculpt patterns of brain activity. Her efforts led to the discovery of RNA-based programs that are critical for synaptic organization and plasticity. Gomez started her lab at UC Berkeley in January 2020 and has received several awards, including the European Molecular Biology Organization Advanced Fellowship, a Brain and Behavior Research Foundation Young Investigator, a Rose Hills Innovator Award, a Sloan Research Fellow, and is a McKnight Scholar.

DR. HANNAH CATHERINE JONES (aka foxymoron) is a London-based artist, researcher, multi-instrumentalist, broadcaster/DJ (BBC Radio/TV, NTS -- The Opera Show), composer, conductor, founder of Peckham Chamber Orchestra – a community project established in 2013 – and founder of Chiron Choir -- a queer diasporic choir established in 2022. Jones completed her AHRC DPhil scholarship at Oxford University for which the ongoing body of work *The Oweds* was presented as a series of live and recorded, broadcast, audio-visual episode-compositions, using disruptive sound as a methodology of institutional decolonisation. Dr. Jones has performed, exhibited and lectured widely, internationally, including: National Gallery, Southbank Centre, Institute of Contemporary Arts, Oxford University, Trinity Laban, Cafe Oto, Nottingham Contemporary (UK), Sandberg Institute (NL), University of

Bayreuth (GER), Beirut Art Centre (LEBN), Oi Futuro (BR), Eyethu Centre (SA), New York University, Harvard University (U.S.), NIRIN: 22nd Biennial of Sydney, Liquid Architecture (AUS), amongst others.

IORDANIS KERENIDIS (he/him) is a Paris- and Athens-based quantum computer scientist and contemporary art collector. He received his PhD from the Computer Science Department at the University of California, Berkeley in 2004, and after a two-year postdoctoral position at the Massachusetts Institute of Technology, he joined the Centre National de Recherche Scientifique CNRS in Paris as a Research Director. Iordanis has been collecting art with his partner Piergiorgio Pepe since 2006. The Kerenidis Pepe Collection has organized Phenomenon since 2015, a biennial program for contemporary art on the island of Anafi, Greece, for which they received in 2018 the Montblanc de la Culture Arts Patronage Award.

JOSÉ FALERO JJosé Carlos da Silva Júnior was born and lives in Lomba do Pinheiro, on the outskirts of Porto Alegre. He adopted the pseudonym “José Falero” to honor his mother, from whom he inherited his artistic vein, but not his surname. He is a novelist and author of four books: *Mas em que mundo tu vive?* (Todavia, 2021); *Os Supridores* (Todavia, 2020); *Vila Sapo* (Venas Abiertas, 2019 – *Figura de Linguagem*, 2019 – *Todavia*, 2022) and *Vera* (Todavia, 2024). He was shortlisted for the Jabuti Prize in 2021 (Best Literary Novel, for *Os Supridores*) and the São Paulo Literature Prize in 2021 (Best Debut Novel), and longlisted for the Jabuti Prize in 2022 (Best Chronicle, for *Mas em que mundo tu vive?*). He received the Jacarandá Award for Breakthrough Author 2020. For

*Os Supridores*, he received the following awards: Alcides Maia Trophy 2021 (Best Long Narrative) and AGES Book of the Year Award 2021. In 2023 he was awarded the title of Emeritus Citizen of Porto Alegre by the Collective Mandate, a group of municipal representatives.

KARIM KATTAN is a Palestinian writer from Bethlehem. He holds a doctoral degree in comparative literature. In French, his books include two novels, *Le Palais des deux collines* (2021) and *L’Éden à l’aube* (2024), both of which were published by the Tunis-based Éditions Elyzad. His texts have been published in various outlets, including *Le Monde*, *Libération*, *Mediapart*, in literary journals, as well as in several collective works. In English, his work has appeared in *The Paris Review*, *The Baffler*, *Strange Horizons*, *The Magazine of Fantasy & Science Fiction*, and more. His writing and work has been featured or is forthcoming in various art spaces, exhibitions, and biennials, including *Bétonsalon* in Paris, *B7L9* in Tunis, *Arquetopia* in Puebla, *Art Kulte* in Rabat, *Kaaitheater* in Brussels, *Mophradat* in Athens, the *Berlinale Forum* in Berlin, *Frac des Pays de la Loire* in Carquefou, *Centre rhénan d’art contemporain* in Altkirch, *Galerie Imane Farès* in Paris, and the 58th Venice Biennale.

MITHU SEN is a conceptual artist whose practice centers on radical hospitality, challenging identity myths and their entanglement with social, political, and emotional systems. Her interdisciplinary work dismantles hierarchies—particularly around language, gender, markets, and marginalization—through symbolic and linguistic counter-narratives. Sen critiques academic and capitalist notions of art, using humor and irreverence to expose

societal decorum. A prolific Bengali poet, she performs gibberish and non-language to confront linguistic hegemonies, embracing what she calls “lingual anarchy”—a praxis of glitch, noise, and sonic disruption that subverts norms of art production, exhibition, and reception. Sen has exhibited and performed at major international forums, including Sharjah Biennale 15 (2023), APT9 Brisbane, Guggenheim Museum New York, Tate Modern London, Kunstmuseum Wolfsburg, and ACCA Melbourne (2023). Her presence spans Kochi-Muziris Biennale, Dhaka Art Summit, and Art Basel Unlimited, among others. With a practice rooted in critical engagement and global reach, she has received prestigious honors such as the Skoda Prize (2010) and the Prudential Eye Award for Contemporary Asian Art in Drawing (2015).









Com imensa alegria, apresento a vocês *Leituras* da 14<sup>A</sup> Bienal do Mercosul, uma publicação inédita na história das Bienais do Mercosul e que nasce como extensão das ideias e provocações que moldam esta edição. Inspirada pelo tema *estalo*, esta coletânea reúne contribuições de diversos profissionais de várias áreas, convidando-nos a aprofundar o diálogo sobre a potência transformadora da arte contemporânea.

A Bienal do Mercosul sempre foi mais do que uma exposição. É um território de encontros – de ideias, emoções e perspectivas – que transcende o espaço físico das galerias para alcançar a cidade e, sobretudo, as pessoas. Neste ano, a Bienal carrega ainda um significado especial: é a Bienal da Reconstrução, marcando um momento em que o Rio Grande do Sul se ergue com resiliência e criatividade após desafios que testaram nossos limites.

Nesse contexto, a arte nos provoca e nos inspira, funcionando como um estalo – aquele instante de ruptura e revelação que transforma nossa percepção e abre novos caminhos. É esse impacto que buscamos compartilhar em cada exposição, oficina e atividade que compõem esta edição, mantendo o compromisso de democratizar o acesso à arte e de envolver a comunidade em experiências instigantes e significativas.

A coletânea reflete esse espírito ao reunir vozes diversas que iluminam as múltiplas dimensões do tema *estalo*. Cada texto é um convite a pensar, sentir e questionar, ampliando os horizontes do que significa criar e transformar.

Espero que esta publicação se torne uma companheira de reflexões, capaz de revelar nuances e perspectivas inesperadas. Que ela inspire em você o mesmo senso de descoberta que permeia cada espaço e cada escolha curatorial desta Bienal, uma edição marcada pela diversidade, pelo cuidado com o efêmero e o desejo de inspirar novos pontos de vista sobre o que nos é familiar.

Desejo a todos uma leitura provocadora e instigante e que o *Estalo* reverbere, iluminando nossos caminhos e reforçando o papel transformador da arte em nossas vidas.

Com carinho,

Carmen Ferrão  
Presidente da Fundação Bienal do Mercosul

Con inmensa alegría les presento *Lecturas* de la 14<sup>A</sup> Bienal del Mercosur, una publicación inédita en la historia de las Bienales del Mercosur y que nace como una extensión de las ideas y provocaciones que dan forma a esta edición. Inspirada en el tema *chasquido*, esta colección reúne contribuciones de diversos profesionales de distintas áreas, invitándonos a profundizar el diálogo sobre el poder transformador del arte contemporáneo.

La Bienal del Mercosur siempre ha sido más que una exposición. Es un territorio de encuentros – de ideas, emociones y perspectivas – que trasciende el espacio físico de las galerías para llegar a la ciudad y, sobre todo, a la gente. Este año, la Bienal tiene un significado aún más especial: es la Bienal de la Reconstrucción, que marca un momento en el que el estado brasileño de Rio Grande do Sul se levanta con resiliencia y creatividad tras los desafíos que han puesto a prueba nuestros límites.

En este contexto, el arte nos provoca e inspira, funcionando como un chasquido, ese instante de ruptura y revelación que transforma nuestra percepción y abre nuevos caminos. Es este impacto el que buscamos compartir en cada exposición, taller y actividad que componen esta edición, manteniendo nuestro compromiso de democratizar el acceso al arte e involucrar a la comunidad en experiencias estimulantes y significativas.

*Lecturas* refleja este espíritu reuniendo voces diversas que iluminan las múltiples dimensiones del tema *chasquido*. Cada texto es una invitación a pensar, sentir y cuestionar, ampliando los horizontes de lo que significa crear y transformar.

Espero que esta publicación se convierta en un compañero de reflexiones, capaz de revelar matices y perspectivas inesperadas. Que les inspire el mismo sentido de descubrimiento que impregna cada espacio y cada elección curatorial de esta Bienal, una edición marcada por la diversidad, el cuidado de lo efímero y el deseo de inspirar nuevos puntos de vista sobre lo que nos resulta familiar.

Les deseo a todos una lectura provocativa y estimulante, y que el Chasquido resuene, iluminando nuestros caminos y reforzando el papel transformador del arte en nuestras vidas.

Con cariño,

Carmen Ferrão  
Presidenta de la Fundación Bienal del Mercosur

It is with great joy that I present to you the 14<sup>TH</sup> Mercosul Biennial Reader, an unprecedented publication in the history of the Mercosul Biennials. It was created as an extension of the ideas and provocations that shaped this year's event. Inspired by the theme *snap*, this collection presents contributions from various professionals from different fields, inviting us to deepen the dialog about the transformative power of contemporary art.

The Mercosul Biennial has always been more than an exhibition. It is a meeting place – for ideas, emotions, and perspectives – that transcends the physical space of the galleries and reaches the city and, above all, the people. This year, the Biennial also takes on a special meaning: it is the Biennial of Reconstruction. It marks a period in which Rio Grande do Sul is rising back, with resilience and creativity, after a series of challenges that have tested our limits.

In this context, art provokes and inspires us, acting as a snap – an instant of rupture and revelation that transforms our perception and opens new paths. And that impact is what we seek to share in every exhibition, workshop, and activity that make up this year's event while also maintaining our commitment to expanding access to art and involving the community in thought-provoking and meaningful experiences.

The Reader reflects this spirit by bringing together diverse voices that illuminate the multiple dimensions of the *snap* theme. Each text is an invitation to think, feel, and question and to broaden the meaning of creation and transformation.

I hope this publication becomes your companion in reflection and can reveal unexpected nuances and perspectives. May it inspire in you the same sense of discovery that permeates every space and every curatorial choice made in this Biennial, an event marked by diversity, care for the ephemeral, and the desire to foster new points of view on what is familiar to us.

I wish you all a thought-provoking and exciting reading and may the Snap reverberate, illuminating our paths and reinforcing the transformative role of art in our lives.

With love,

Carmen Ferrão  
President of the Mercosul Biennial Foundation

Esta publicação é um exercício propositivo. Concebido como uma extensão do espaço expositivo da 14<sup>A</sup> Bienal do Mercosul -- Estalo, este livro é composto por contos literários, ensaios curtos e obras híbridas que não se encaixam em nenhuma classificação fixa.

Cada contribuição é um gesto-estalo sobre as formas e disputas por e para entender, interpretar e estar no mundo. Juntas, elas constituem um campo vibrante que nos convida a descentralizar o olhar antropocêntrico e pensar o corpo leitor como uma superfície porosa. Longe de uma linearidade narrativa ou de um mapa estático, este livro se apresenta como um conjunto de intensidades a serem habitadas.

O eixo estrutural é dado por "The Unreadable Code of Ocean", da artista Mithu Sen, obra que estabelece uma arquitetura simbólica na qual se inserem as demais contribuições: "The Plasticity of Perception", da neurocientista Andrea M. Gomez, "Cores e Valores", do escritor José Falero, "We Are Our Connections". Or how quantum theory re-imagines politics and ethics", do cientista da computação Iordanis Kerenidis, "The Dunes", do escritor Karim Kattan, e "Owed to Sonomorphix", da artista Hannah Catherine Jones.

O código pode ser ilegível, mas é sensível.

Equipe artística  
14<sup>A</sup> Bienal do Mercosul -- Estalo

Esta publicación es un ejercicio propositivo. Concebido como una extensión del espacio expositivo de la 14<sup>A</sup> Bienal do Mercosul -- Estalo, este libro se compone por cuentos literarios, ensayos breves y obras híbridas que escapan a cualquier clasificación fija.

Cada contribución es un gesto-estalo sobre las formas y disputas por y para percibir, interpretar y estar en el mundo. En conjunto, constituyen un campo vibrátil que invita a descentrar la mirada antropocéntrica y a pensar el cuerpo lector como superficie porosa. Lejos de una linealidad narrativa o un mapa cerrado, este libro se ofrece como un conjunto de intensidades para ser habitadas.

El eje estructural lo ofrece *The Unreadable Code of Ocean* de la artista Mithu Sen, pieza que establece una arquitectura simbólica en la cual se insertan las demás contribuciones: *The Plasticity of Perception* de la neurocientífica Andrea M. Gomez, *Cores e valores* del escritor José Falero, *We Are Our Connections*. Or how quantum theory re-imagines politics and ethics» del científico computacional Iordanis Kerenidis, *The Dunes* del escritor Karim Kattan, y *Owed to Sonomorphix* de la artista Hannah Catherine Jones.

El código puede ser ilegible pero es sensible.

Equipo artístico  
14<sup>A</sup> Bienal do Mercosul -- Estalo

This Reader is a propositional exercise. Conceived as an extension of the exhibition spaces of the 14<sup>TH</sup> Mercosul Biennial -- Snap, it is composed of literary texts, short essays, and hybrid works that defy any fixed classification.

Each contribution is a gesture-snap on the forms and disputes over and about perceiving, interpreting, and being in the world. Together, they constitute a vibrant field that invites us to decentralize the anthropocentric gaze and think of the reading body as a porous surface. Far from a linear narrative or a closed map, this book offers itself as a set of intensities available to be inhabited.

The structural axis is provided by "The Unreadable Code of Ocean" by artist Mithu Sen, a piece that establishes a symbolic architecture into which the other contributions are inserted: "The Plasticity of Perception" by neuroscientist Andrea M. Gomez, "Cores e valores" by writer José Falero, "We Are Our Connections. Or how quantum theory re-imagines politics and ethics" by computer scientist Iordanis Kerenidis, "The Dunes" by writer Karim Kattan, and "Owed to Sonomorphix" by artist Hannah Catherine Jones.

The code may be unreadable, but it is sensitive.

Artistic Team  
14<sup>TH</sup> Mercosul Biennial -- Snap



06, 26, 46, 72, 96 e 118

O

código ilegível

do oceano

MITHU SEN

12 A plasticidade da percepção  
ANDREA M. GOMEZ

30 Cores e valores  
JOSÉ FALERO

50 Nós somos nossas conexões.  
Ou como a teoria quântica reimagina  
a política e a ética  
IORDANIS KERENIDIS

76 As dunas  
KARIM KATTAN

100 Canto ao Sonomorphix  
DRA. HANNAH CATHERINE JONES

126 Sobre autores

293 Sobre a publicação



134, 148, 164, 180, 202 y 220

El  
código ilegible  
del océano  
MITHU SEN

138 La plasticidad de la percepción  
ANDREA M. GOMEZ

152 Colores y valores  
JOSÉ FALERO

168 Somos nuestras conexiones.  
O cómo la teoría cuántica reinventa  
la política y la ética  
IORDANIS KERENIDIS

184 Las dunas  
KARIM KATTAN

206 Canto al Sonomorphix  
DRA. HANNAH CATHERINE JONES

226 Sobre autores

294 Sobre la publicación

234, 242, 252, 260, 266, & 276

The  
Unreadable Code  
of Ocean  
MITHU SEN

238 The Plasticity of Perception  
ANDREA M. GOMEZ

246 Colors and Values  
JOSÉ FALERO

256 We Are Our Connections. Or how quantum  
theory re-imagines politics and ethics.  
IORDANIS KERENIDIS

262 The Dunes  
KARIM KATTAN

268 Owed to Sonomorphix  
DR. HANNAH CATHERINE JONES

280 About the authors

295 About the publication

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| FUNDAÇÃO BIENAL DE ARTES VISUAIS DO MERCOSUL                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                | Andrea Klemm<br>Anik Ferreira Suzuki<br>Fernanda Carvalho Garcia<br>Fernanda Geyer Ehlers<br>Jonathan de Leon Peres<br>Rafael da Costa Pizzato<br>Rodrigo Azevedo Pereira                                                                                                                                                                      | <u>CURADORIA</u><br><br>CURADOR CHEFE<br>Raphael Fonseca<br><br>CURADORIA ADJUNTA<br>Tiago Sant’Ana<br>Yina Jiménez Suriel                                                                                                                                                                                                          | Carol Sinhorelli<br>Esly Ramão Henrique<br>Fagundes Lai Borges<br>Nathan Braga Raíssa<br>Leal Ursula Jahn                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | Dayandre da Silva<br>Araújo<br>Diego Costa<br>Emília Mandaji<br>Esteve Maris de Mello<br>Pereira                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            | Maria Clara Paronetto<br>Maria Eduarda Nectoux<br>Mariana Lemmertz<br>Mariana Perrenoud<br>Mariana Pacheco<br>Mazzetti                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| PRESIDENTE<br>Justo Werlang                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | CONSELHO FISCAL<br>Alessandro Gasperin<br>Barreto<br>Jarbas Lima da Silva<br>Mário Fernando<br>Fettermann Espíndola<br>Rafael Dias Toffanello<br>Rogerio Costa Rokembach<br>Wilson Ling                                                                                                                                                        | CURADORA ASSISTENTE<br>Fernanda Medeiros<br><br>CURADORAS EDUCATIVAS<br>Andréa Hygino<br>Michelle Ziegt                                                                                                                                                                                                                             | EQUIPE DE SUPERVISÃO<br>Alissa Ecoaeco<br>Amanda Wink Barcellos<br>Andrei Moura<br>Clarissa Silveira<br>Douglas Jung<br>Ethiene Nachtigall<br>Fercho Marquéz-Elul<br>Gustavo Assarian<br>Janaína Ferrari<br>Kai Isaias<br>Loriana Jung<br>Luísa Dias Rosa<br>Marga Kremer<br>Mari Gonçalves<br>Mariana Prette<br>Mariana Jesus<br>Marina Rombaldi<br>Nina Acacio<br>Patrícia Nardelli<br>Priscila Costa<br>Oliveira<br>Valdriana Correa<br>Victória Munhóz | Fernanda Antônia da<br>Silveira<br>Gabriel Anjos<br>Gabriela<br>Berwanger<br>Gabriela João<br>Gabi Radde<br>Gabriela Sardi<br>Jarzynski<br>Giovanna do<br>Nascimento<br>Gisa Oliveira<br>Goreti C.<br>Butierres<br>Gustavo Gabriel Tondin<br>Ramos<br>Helena Costa Schulte<br>Ulguim<br>Henrique Pina<br>Gabrielle de<br>Araújo<br>Ila<br>Isadora Müller<br>Jeniru<br>Jéssica<br>Michelin<br>João Vitor Lizardo dos<br>Santos<br>Julia Ferreira<br>Julia Terra<br>Juliana da<br>Silva<br>Kahena Sartore<br>Kalvin Lima<br>Kami Bou<br>Karen Cristina Garbo<br>Kayla Calistro<br>Larissa Fernandes<br>Laura Dias Fagundes<br>Léo Pianki<br>Leonardo Zillmann<br>Leonardo Miguel<br>Letícia Guimarães<br>Lourenço Demarco<br>Lucas Oliveira<br>Luísa Fogaça<br>Luísa Guazzelli<br>Sirangelo<br>Luísa Nogueira Vieira<br>Luiz Lisboa<br>Marelize Obregon<br>Maria Alice Corrêa | Mariele Aduké<br>Marina Corrêa Machado<br>Marla Pritsch<br>Mônica Schulte de<br>Freitas<br>Natália Izaguirre<br>Nathalia Tessler<br>Nayma<br>Nazú Ramos<br>Nicole Weber Maria<br>Norelle Pereira<br>Oscar de Oliveira<br>Isaiais<br>Paola Ribeiro<br>Pedro Henrique Tubiana<br>Pereira<br>Pedro Espinosa<br>Rafa Curtinovi<br>Rafael Souza da Luz<br>Rafaela Fernandes<br>Raphaelle Cardoso<br>Martins Vieira<br>Romi Na Ibis<br>Ryuuz Pezzi<br>Samira Petry<br>Samuel Argêo<br>Sóf Robaina Vargas<br>Stefani Braun Taís<br>Fanfa<br>Tâmara Circe Cerpa<br>Moraes<br>Tiana Moon<br>Vicente Borges Vaz<br>Victória Sinhorelli<br>Yuri Meinen<br>Zaire Rodrigues Duarte |
| VICE-PRESIDENTE<br>Mathias Kisslinger<br>Rodrigues                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          | <u>ADMINISTRAÇÃO</u><br><br>DIRETOR EXECUTIVO<br>Adriano Naves de Brito                                                                                                                                                                                                                                                                        | CURADORAS DOS PROGRAMAS PÚBLICOS<br>Anna Mattos<br>Marina Feldens                                                                                                                                                                                                                                                                   | EXPOSIÇÕES                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| CONSELHEIROS<br>Ana Luiza Mariano<br>da Rocha Mottin<br>Carlos Alberto<br>Chateaubriand<br>Carmen Luiza<br>Conter Ferrão<br>Fabio Brun Goldschmidt<br>Gilberto Schwartzmann<br>Hélio da Conceição<br>Fernandes Costa<br>Jayme Sirotsky<br>Jorge Gerdau<br>Johannpeter<br>Jorge Polydoro<br>José Antonio<br>Fernandes Martins<br>Maria Amélia<br>Bulhões Garcia<br>Mauro Knijnik<br>Renato Malcon<br>Renato Nunes<br>Vieira Rizzo<br>Ricardo Russowsky<br>Sérgio Silveira<br>Saraiva<br>Silvana Pretto Zanon<br>William Ling | DIRETOR FINANCEIRO<br>Volmir Luiz Gilioli<br><br>ADMINISTRATIVO<br>E FINANCEIRO<br>João Reus do<br>Nascimento da Silva<br>Luisa Schneider<br>Marcio Fontoura Xavier<br>Osmar Di Domenico<br>Teresinha Abruzzi<br>Pimentel<br>Catiane Teixeira<br>Marques<br>Joice Eliane de Souza<br><br>ASSESSORIA JURÍDICA<br>Faraco de Azevedo<br>Advogados | DIREÇÃO DE PRODUÇÃO<br>EXECUTIVA DE<br>EXPOSIÇÕES<br>Carina Dias<br><br>COORDENAÇÃO DE<br>PRODUÇÃO EXECUTIVA<br>DE EXPOSIÇÕES<br>Patrick Arozi<br><br>ASSISTENTE DE DIREÇÃO<br>DE PRODUÇÃO EXECUTIVA<br>DE EXPOSIÇÕES<br>Luisa Veiga<br><br>PRODUÇÃO EXECUTIVA<br>DE EXPOSIÇÕES<br>Anna Cavalcanti<br>Ana Monjeló<br>Gabriel Faryas | EQUIPE DE MEDIAÇÃO<br>Amanda Donay<br>Amanda Dal Ponte<br>Reis<br>Ana Pessoto<br>Ana Rebellatto<br>Augusto Barreto<br>Augusto<br>Rodrigues<br>Bárbara Nobre<br>Bárbara Maria da<br>Silva<br>Bruna Moreira<br>Bruna Guaresi Costa<br>Troian<br>Bruna Morsolin<br>Bruno da Rosa<br>Cunha<br>Cândida Vitória<br>Cháris Maressa<br>Clara Santi<br>Cristine<br>Rodrigues<br>Daniele<br>Espinosa<br>Dara Deon                                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | EQUIPE DE AGENDAMENTO<br>Carla Mussoline<br>Lívia da Fontoura<br>Haeser<br>Janaína Ferrari<br>Kai Isaias<br>Loriana Jung<br>Luísa Dias Rosa<br>Marga Kremer<br>Mari Gonçalves<br>Mariana Prette<br>Mariana Jesus<br>Marina Rombaldi<br>Nina Acacio<br>Patrícia Nardelli                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| ESTALO<br>14 <sup>ª</sup> BIENAL DO MERCOSUL                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                | CONSULTORIA JURÍDICA<br>EM PROPRIEDADE<br>INTELLECTUAL<br>Rodrigo Azevedo<br>Silveiro Advogados                                                                                                                                                                                                                                                | ASSISTÊNCIA DE<br>PRODUÇÃO EXECUTIVA<br>DE EXPOSIÇÕES<br>Aisha Costa<br>Bruna Dalla Méa<br>Mariá Battesini<br>Teixeira                                                                                                                                                                                                              |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| DIRETORA PRESIDENTE<br>Carmen Ferrão                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | AUDITORIA<br>Audilink & Cia. Auditores                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | <u>PROJETO EDUCATIVO</u>                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| DIRETOR<br>VICE-PRESIDENTE<br>Alexandre Brandão<br>Skowronsky                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | CAPTAÇÃO<br>Adriano de Naves Brito<br>Roberta Araujo Manaa<br>Rosane Martins Bastos                                                                                                                                                                                                                                                            | ASSISTENTE DE<br>COORDENÇÃO EDUCATIVA<br>Ana Paula Bertoldi<br>Caio Paixão                                                                                                                                                                                                                                                          |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| DIRETORES<br>Ana Sondermann Espíndola<br>André Jobim de Azevedo<br>André Martins Costa Malcon                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |

Priscila Costa Oliveira  
Valdriana Correa  
Victória Munhóz

COORDENAÇÃO MATERIAL  
PEDAGÓGICO  
Nathan Braga

REVISÃO MATERIAL  
PEDAGÓGICO  
Dalila Jora-Paratextos  
Revisão Textual

PRODUÇÃO EXECUTIVA  
PROGRAMAS PÚBLICOS  
Paula Posada

EXPOGRAFIA

PROJETO EXPOGRÁFICO  
Juliana Godoy

EQUIPE DE PROJETO  
EXPOGRÁFICO  
Leticia Santos  
Victor Delaqua  
Laura Nakel

IDENTIDADE VISUAL  
Estúdio Margem:  
Aleksandra Lindenber  
João Pedro Nogueira  
Joyce Kiesel  
Letícia Souza

MONTAGEM

COORDENAÇÃO GERAL  
DE MONTAGEM  
Marcelo Moreira  
Nelson Azevedo

COORDENAÇÃO DE  
MONTAGENS AUDIOVISUAIS  
Nelson Azevedo

SUPERVISÃO DE MONTAGEM  
Nelson Rosa  
Luiz Pedro Moreira  
Eduardo Pozzi

EQUIPE DE MONTAGEM  
Daniel D’ Avila  
Harthmann  
Leandro Wieczorek  
Pereira  
Nelson Luis  
Machado Ribeiro

Murilo Pacheco Biff  
Marcelo da Cruz Côrtes  
Paulo Frederico  
Mog da Silva  
Fábio Restori da Cunha  
Francisco Pablo  
M Paniagua  
Leonardo Fialho  
Eleutherio  
Lucas Oliveira  
de Bairros  
Jordi Tasso Melo

ASSISTENTES DE  
MONTAGEM  
Guta Lauxen de  
Oliveira  
Thais Meinerz Alves  
Nazú de Lima Ramos  
Thais do Amaral  
Marques  
Vicente Lara  
Barcelos de Moraes  
Letícia Azevedo Xausa  
Claudio Honorato  
J Vasconcelos Jr  
Camilo Ignacio  
Romero Besson  
Betina  
Lima Inda  
Tatiane Da Rosa Mendes

CENOGRAFIA  
Nova Imagem  
Cenografia & Arte  
Fake Cenografia  
Adesul

EQUIPAMENTOS  
AUDIOVISUAIS  
Maxi – Áudio  
Luz Imagem

COMUNICAÇÃO

COORDENAÇÃO  
DE COMUNICAÇÃO  
Propósito Gestão  
de Projetos Sociais  
e Culturais  
Fernanda Dora

ASSESSORIA DE IMPRENSA  
Cristine Penna

REDES SOCIAIS  
Stephanie Evaldt

DESENVOLVIMENTO  
DO SITE  
Eróica Conteúdo  
Caio Amon  
Renata Hilal

APLICATIVO  
Roxcode

FOTOGRAFIA  
Thiêle Elissa

PRODUÇÃO CULTURAL  
Roberta Manaa

PUBLICIDADE  
E PROPAGANDA  
Global

ESTALO  
14<sup>A</sup> BIENAL DO MERCOSUL  
LEITURAS

ORGANIZAÇÃO  
Yina Jiménez Suriel

COORDENAÇÃO  
Amanda Tavares

TRADUÇÃO  
Agência Dica

REVISÃO  
Amanda Tavares  
Paula Bara

PROJETO GRÁFICO  
Estúdio Margem

IMPRESSÃO  
House Digital

TIRAGEM  
1000 exemplares

ISBN 978-65-987122-0-4

14<sup>º</sup>BIENAL DO MERCOSUL  
- ESTALO (LEITURAS)  
FOI REALIZADO COM  
APOIO INSTITUCIONAL  
TJRS - BIÊNIO 2024-  
2025 - PRESIDENTE DES.  
ALBERTO DELGADO NETO.

Apresentando por



FUNDAÇÃO  
BIENAL DO MERCOSUL

Apoio institucional



CASA  
DE CULTURA

MARIO  
QUINTANA

M | A | R | G | S

FÁROL  
FANTASMAS

procempa



INSTITUTO  
LING



INSTITUTO  
Cervantes  
Porto Alegre

ESPAÇO  
FORÇA E LUZ

Energia Cultural



INSTITUTO  
ROUANET

Fundação  
Iberê



mac



Fundação Gaúcha  
dos Bancos Sociais  
Programa de Iniciação



VILA FLORES



MUSP

PUCRS

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO,  
ARTES E DESIGN FAMECOS

POP



fvcb



CAPITÓLIO

MUSEU DO  
TRABALHO

E | C | A | R | T | A  
FUNDAÇÃO CULTURAL E ASSISTENCIAL

Apoio



Vrigaray



pompéia

gang



rio grande  
seguros e previdência

agibank

VULCABRAS

Dufrio

ROXXCODE

BRDE

IGUATEMI  
PORTO ALEGRE



Art Hotel  
Transamérica  
Collection

Apoio Premium



RENNER



BlueVille



GERDAU

O futuro se molda

Media partner



Grupo  
RBS

A gente vive junto.

Patrocínio



CROWN

CAIXA



porto  
alegre

A gente  
Trabalha.  
A vida  
melhora.

PREFEITURA



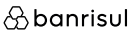
GOVERNO DO ESTADO  
RIO GRANDE DO SUL

O futuro nos une.

Patrocínio Master



Santander



banrisul

Financiamento



PERO  
cultura

SECRETARIA DA  
CULTURA



GOVERNO  
DO ESTADO  
RIO GRANDE  
DO SUL

Realização

GOVERNO FEDERAL

MINISTÉRIO DA  
CULTURA



BRASIL

UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

ESTALO  
14ª BIENAL DO MERCOSUL

|                        |                             |
|------------------------|-----------------------------|
| Ad Minoliti            | Letícia Lopes               |
| Alanis Obomsawin       | Li Yi-Fan                   |
| Ali Eyal               | Li Yong Xiang               |
| Amol K. Patil          | Lorenzo Beust               |
| Awilda Sterling-Duprey | Marcus Deusdedit            |
| Berenice Olmedo        | Marina Rheingantz           |
| biarritzzz             | Mauro Fuke                  |
| Bonikta                | Maya Weishof                |
| Chico Machado          | Minia Biabiany              |
| Christine Sun Kim      | Nam June Paik               |
| Claudia Alarcón        | Natasha Tontey              |
| Cláudio Goulart        | Nereyda López               |
| Cornelius Cardew       | New Red Order               |
| Damián Ayma Zepita     | Nicole L'Huillier           |
| Darks Miranda          | Nikita Gale                 |
| Diedrick Brackens      | Ogwa                        |
| Djalma do Alegrete     | Özgür Kar                   |
| Eduardo Montelli       | Paul Mpagi Sepuya           |
| Emilija Škarnulytė     | Randolpho Lamonier          |
| Erick Peres            | Retratistas do Morro/Afonso |
| Farah Al Qasimi        | Pimenta                     |
| Fátima Rodrigo         | Rochelle Costi              |
| Felipe Rezende         | Rodrigo Cass                |
| Felipe Veeck           | Samson Young                |
| Firas Shehadeh         | Sandra Vásquez de la Horra  |
| Freddy Mamani          | Santiago Yahuarcani         |
| Froiid                 | Sara Modiano                |
| Fyerool Darma          | Taiki Sakpisit              |
| Heitor dos Prazeres    | Tang Han                    |
| Gabriel Chaile         | Tirzo Martha                |
| Gervane de Paula       | Ulises Beisso               |
| Gretchen Bender        | Urmeer                      |
| Iberê Camargo          | Valerie Brathwaite          |
| Ismael Monticelli      | Venuca Evanán               |
| Jacolby Satterwhite    | William Gutiérrez Peñaloza  |
| José Ballivián         | Wiki Pirela                 |
| Julia Isídrez          | Yunchul Kim                 |
| Kira Xonorika          | Vitória Cribb               |
| Laryssa Machada        | Zé Carlos Garcia            |

- 10 as marcas do prazer gravadas em uma playlist  
las marcas de placer grabadas en una playlist  
the marks of pleasure recorded on a playlist
- 11 uma solução prodigiosa para um barulhento problema  
una solución prodigiosa para un problema ruidoso  
a prodigious solution to a noisy problem
- 12 o dilatar das pupilas  
el dilatar de las pupilas  
the dilation of the pupils
- 13 na batida desse som ke você me konkistou  
al kompás de ese sonido con el que me conquistaste  
in the beat of this sound, you've got me on
- 14 as luzes se apagam, mas a festa não termina  
las luces se apagan, pero la fiesta no termina  
the lights go out, but the party doesn't end
- 15 objetos no espelho podem estar mais próximos do que parecem  
los objetos en el espejo pueden estar más cerca de lo que parecen  
objects in the mirror may be closer than they appear
- 16 faísca  
chispa  
spark
- 17 passatempo  
pasatiempo  
pastime
- 18 a cor que caiu do céu  
el color que cayó del cielo  
the color that fell from the sky